

# XV SIMPÓSIO CEFAS

[www.cefass.com.br](http://www.cefass.com.br)

20 DE OUTUBRO DE 2012

SOCIEDADE DE MEDICINA  
E CIRURGIA DE CAMPINAS

Rua Delfino Cintra, 63 Centro - Campinas - SP

**O BEM-ESTAR E MAL-ESTAR NA CULTURA:**  
um diagnóstico do cinema, teatro, televisão, artes,  
informática, literatura, grupos, propaganda e saúde mental

REALIZAÇÃO



*A formação é o nosso horizonte*

APOIO



Sociedade de Medicina  
e Cirurgia de Campinas

ANAIS

XV SIMPÓSIO CEFAS

**BEM-ESTAR E MAL ESAR NA CULTURA: um diagnóstico do cinema, teatro, televisão, artes, informática, literatura, grupos, propaganda e saúde mental**



CEFAS (CENTRO DE FORMAÇÃO E ASSISTÊNCIA À SAÚDE)  
Local do Evento: Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas  
Rua : Delfino Cintra, nº 63 Centro – Campinas - SP

## SUMÁRIO

INSTITUIÇÃO CEFAS.....	05
COMISSÃO ORGANIZADORA DO XV SIMPÓSIO CEFAS .....	06
ABERTURA.....	07
<b>CONFERÊNCIA: INVENÇÃO DO MÉTODO PSICANALÍTICO NO GRUPO: CONSTRUÇÕES DE FORMAÇÕES E PROCESSOS PARA UMA TEORIA DE GRUPO. - Dr. Antonios Terzis – Felipe Terzis .....</b>	<b>14</b>
<b>MESA REDONDA.....</b>	<b>54</b>
A REINVENÇÃO DE DEUS E OUTROS MITOS DA PÓS-MODERNIDADE – Mauro Bilharinho Neves .....	54
TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA. - Geraldino A. F. Netto.....	59
O QUE ESTÁ EM “JOGO” NO FUTEBOL? - Maria Cristina Zago.....	60
O BEM-ESTAR DA CIÊNCIA E O MAL-ESTAR DA CONVIVÊNCIA – “THE INCIDENT”: UM EPISÓDIO DE LOST - Gabriel Lavorato .....	66
O IMPACTO DA HISTERIA NUM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL: REPÚDIO E DOR - Bruneide M. Padilha.....	67
NIETZSCHE E FREUD: APROXIMAÇÕES DO PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE - Miguel De La Puente.....	75
COSMOVISÕES E VÁCUO EXISTENCIAL NA CONTEMPORANEIDADE – UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA.- Enidio Ilário.....	77
TUDO AQUILO QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA NO AR- Hélio Satalino .....	90
PERDAS E LUTAS NA CLÍNICA E NA CULTURA FILME:MELANCOLIA (MELANCHOLIA, 2011) - DE LARS VON TRIER, 2011 “UM OLHAR A SER COM- PARTILHADO” Cláudia C. Antonelli .....	94
<b>APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS</b>	
ESCOLA COMO ORIENTADORA DE PAIS NUMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA- Sylvia F. Labrunetti .....	96

A CONSTRUÇÃO DO VINCULO TERAPÊUTICO NO ATENDIMENTO A PACIENTES BORDELINES–Marjorie Cristina Rocha da Silva–Bruna Done Marinelli .....	103
O ADOLESCENTE PARA A PSICANÁLISE – Cybele Carolina Moretto – Dr. Antonios Terzis .....	116
UMA REFLEXÃO ACERCA DA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA SOBRE GRUPO. Francie Dela Torre Camargo Pinho – Dr. Antônio Terzis .....	124
O BULLYING COMO FENÔMENO PSÍQUICO PRODUZIDO NO GRUPO Renata Fernandes Pimenta Queiroz-Dr. Antonios Térzis .....	137

### **APRESENTAÇÃO DE PÔSTERES**

CUIDANDO DO FARMACODEPENDENTE - Ana Paula Da Costa Dr. Antônio Terzis.....	158
VIVENCIANDO A ARTE - OFICINA DE PINTURA EM TELA - MÁRCIA CRISTINA QUAIATTI ANTONELLI .....	159
A VALORIZAÇÃO DA ÉTICA ENTRE GRADUANDOS NA GRANDE CRISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.- Débora De Souza Gonçalves, Fábio Jun Sugawara, Isadora De Oliveira Salzane, Julio César Ipólito Rosa .....	150
ADOÇÃO E LITERATURA INFANTIL: A RESSIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA PELA ESTÓRIA - João Paulo Zerbinati, Tamiris Da Silva Cantares Isabel Cristina Dib Bariani ...	161
ARTETERAPIA EM COMUNIDADES: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PROJETO PANU. Martins, Sandra S.; Elizabeth A. P. S.; MÁRCIA C. Q. Antonelli.....	162
CAPITALISMO, PUBLICIDADE E SUBJETIVIDADE-Danilo Da Costa Lima .....	163
CIDADANIA E A PRÁTICA PROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL...-Carolina Garcia; Gabriela Campagnone; Maria Júlia Vieira; Nathália Vilela; Cristiane Valli .....	164
CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: MANIFESTAÇÃO SINDRÔMICA E COMPREENSÃO PSICODINÂMICA. Camila Lourençon, Camila Thaís De Souza, Letícia Pequeno, Mariana Feldman, Mariana Ibarra, Marina Maria, Priscila Figueiredo, Vanessa Bambrila, Grazielly Germano Dos Santos - Dra Marly A. Fernandes ..	166
CONSTITUIÇÃO DE SI MESMO E MANIFESTAÇÕES PSICOSSOMÁTICAS NA CRIANÇA UM OLHAR WINNICOTTIANO. Isabel Abreu, Fernanda Souza, Vivian Pekny, Isabel Abreu, Fernanda Souza, Vivian Pekny, João Paulo Zerbinati, Dra Marly A. Fernandes ...	167

DIVERSAS MANIFESTAÇÕES DE ANSIEDADE NA CRIANÇA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA.. Gabriela Freitas Gigliotti- Júlia Delfino Ferreira- Marcela Spinardi Cintra - Marina Miranda Azarite- Renato Birali Calió- Grazielly Germano dos Santos - Dra Marly A. Fernandes.....	168
FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS E MANIFESTAÇÕES DE AGRESSIVIDADE EM CRIANÇAS. Carolina A. Pogi; Gabriela G. Guiraldelli; Letícia M. F. P. de Souza e Nathália T. Neves Maria Eduarda Amaral, Beatriz Canesin, Profa Dra Marly A. Fernandes.....	169
HISTÓRIAS COMO MEDIAÇÃO: POSSIBILIDADES E LIMITES - Maria Isabel Alves Ramos .....	170
O BEM-ESTAR E MAL-ESTAR NA CULTURA: UM DIAGNÓSTICO DO CINEMA, TEATRO, TELEVISÃO, ARTES, INFORMÁTICA, LITERATURA, GRUPOS, PROPAGANDA E SAÚDE MENTAL Letícia Dal Picolo Dal Secco- Psicóloga Social; Dr.Maria Lúcia Teixeira Machado.....	171
O BULLYING COMO FENÔMENO PSÍQUICO PRODUZIDO NO GRUPO Dr. Antonios Térzis.Renata Fernandes Pimenta .....	172
PSICOTERAPIA: DENTRO DOS ENQUADRES - Tamiris da Silva Cantares, Maura Pizani Smarieri Dr.Antonios Terzis .....	173
CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE AO ENTENDIMENTO DA APRENDIZAGEM. Helena Diez Castilho .....	174
EXPERIÊNCIA VIVENCIADA PELOS PAIS POR OCASIÃO DO NASCIMENTO DE UM FILHO COM DEFORMIDADE CRANIOFACIAL: UM OLHAR PSICANALÍTICO -Helena Diez Castilho .....	175
VIVÊNCIA DE LUTO NORMAL E PATOLÓGICO NA ADOLESCÊNCIA Aline Domingues- Bruna Mesquita- Júlia Cerasoli- Sandino Santiago- Vera Alice-João Paulo Zerbinati -Dra Marly A. Fernandes .....	176

## **CEFAS - CENTRO DE FORMAÇÃO E ASSISTÊNCIA À SAÚDE**

Instituição formadora que desenvolve trabalhos teóricos e práticos, dirigidos a profissionais que procuram aprimorar seus conhecimentos nas diversas áreas da Saúde. Além de atividades de ensino e supervisão, realiza eventos científicos e atividades culturais, bem como trabalhos de caráter social e comunitário. Conta com Unidades nas cidades de Campinas, Piracicaba, Sorocaba, Jundiaí e Mogi-Mirim.

Credenciado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP)

Registrado no Conselho Regional de Psicologia (CRP-SP)

Reconhecido pela Federação Latina de Associações de Psicanálise de Grupo

### **CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO**

- 1. PSICANÁLISE, GRUPALIDADE E INTERVENÇÃO NAS INSTITUIÇÕES-(CFP)**
- 2. PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA: Teoria e Técnica**
- 3. PSICOTERAPIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: Teoria e Técnica**
- 4. SAÚDE MENTAL E INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS: CASAL FAMÍLIA GRUPO, INSTITUIÇÕES E PSICOTERAPIA BREVE**
- 5. PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO TERAPÊUTICA**
- 6. ARTETERAPIA PSICANALÍTICA: Teoria e Práticas**
- 7. FORMAÇÃO EM TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA: Teoria e Técnica**

### **CURSOS DE EXTENÇÃO:**

- 1. EVOLUÇÃO CLÍNICA DE MELANIE KLEIN**
- 2. PSICOTERAPIA DE GRUPO E CONTRIBUIÇÕES DE BION**
- 3. INTRODUÇÃO AS OBRAS PSICOLÓGICAS DE S. FREUD**
- 4. PSICOPATOLOGIA E SAÚDE MENTAL**
- 5. SIGNIFICADOS, SIMBOLISMOS, PENSAMENTO JUNGUIANO E COSMOVISÕES**
- 6. CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT**



20 DE OUTUBRO DE 2012  
 SOCIEDADE DE MEDICINA  
 E CIRURGIAS DE CAMPINAS  
 Rua Delfino Cintra, 63 Centro - Campinas - SP

O **Centro de Formação e Assistência à Saúde** convida os profissionais e estudantes das áreas de Saúde, Assistência Social, Educação e afins a participarem do **XV SIMPÓSIO CEFAS “O BEM-ESTAR E MAL-ESTAR NA CULTURA: um diagnóstico do cinema, teatro, televisão, artes, informática, literatura, grupos, propaganda e saúde mental”**. Contando com um elenco de profissionais conceituados, o evento visa discutir novas perspectivas na aplicação da psicanálise ao contexto grupal (casal, família e instituições).

### **COMISSÃO ORGANIZADORA**

**Arte e Criação:** Filipe Terzis

**Comissão Científica:** Maria Cristina Zago; Carla P. Donnamaria; Dr. Antonios Terzis; Francine D. T. Camargo; Cybele Moretto.

**Organizador do Evento:** Maria Cristina Zago e Filipe Terzis

**Organizadora dos Anais:** Ana Paula da Costa

**Presidente:** Prof. Geraldino Alves F. Netto (Psicólogo; Psicanalista).

**Suporte Administrativo:** Maria Ap. M. H. Terzis, Eliane Silva, Geralda dos Santos, Ohana Ilze R. da Silva, Miriam B. F. de Moraes, Juliélla Naiara.

**Vice Presidente:** Prof. Dr. Antonios Terzis (Prof. Pós-graduação Psicologia PUCCAMP)

## **ABERTURA**

As primeiras palavras são de boas-vindas aos participantes deste XV Simpósio do CEFAS, com o tema “O BEM-ESTAR E O MAL-ESTAR NA CULTURA”.

Em especial, meus agradecimentos ao professor Geraldino Netto, pela amabilidade de aceitar nosso convite como presidente do Simpósio. Gostaria de agradecer a comissão organizadora e científica pela colaboração e disponibilidade de trabalhar com entusiasmo e acreditar no alcance deste evento. Muito especialmente, a minha gratidão aqui se expressa para os colegas palestrantes convidados, que voluntariamente deixaram seus afazeres para partilharem conosco seus valiosos conhecimentos. Um agradecimento especial aqueles que prepararam trabalhos para apresentar e aos que inscreveram e estão aqui para discutir conosco. Finalmente desejo estender meus agradecimentos aos alunos das unidades do CEFAS: Campinas, Jundiaí, Mogi Mirim, Piracicaba e Sorocaba, que estão contribuindo com sua presença.

É extremamente gratificante que aconteçam eventos científicos no contexto de uma ciência como é a “Psicanálise, Grupalidade e Cultura”. A motivação e a organização do XV Simpósio CEFAS, se deve a algumas razões:

A primeira delas consiste no fato, que o CEFAS é uma instituição que desenvolve cursos de pós-graduação (especialização, aperfeiçoamento e extensão) dirigidos a profissionais que procuram se capacitar e aprimorar seus conhecimentos nas diversas áreas: da saúde mental, psicologia social, educação e cultura. Ainda busca a integração clínica de profissionais, que lidam com o ser humano, objetivando prepará-los a atuar não apenas no consultório, mas em toda situação humana. Hoje, os programas do CEFAS já estão consolidados na macrorregião de Campinas e tem reconhecimento social, tanto pela tradição em áreas específicas da saúde como solidez e seriedade com que os cursos são desenvolvidos.

A segunda razão é discutir sobre “O bem-estar e mal-estar na cultura” e refletir nossa própria experiência de participante, terapeuta e clínico nas diversas manifestações do sofrimento psíquico.

Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica. Os homens se orgulham de suas realizações e

tem todo direito de se orgulhar.

Contudo, foi observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza não constitui a única pré-condição da felicidade humana, assim como não é o único objetivo do esforço cultural. Disso não devemos inferir que o progresso tecnológico não tenha valor para a economia de nossa felicidade e bem-estar.

Parece que não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiam mais felizes.

A felicidade, contudo é algo essencialmente subjetivo. Por mais que nos retraímos com horror de certas situações, para nós, sem dúvida, é impossível nos colocarmos no lugar dessas pessoas.

Esforça-se para obter felicidade, queremos ser felizes e assim permanecer. Por um lado, visamos a uma ausência do sofrimento e desprazer, por outro, buscamos a experiência de intensos sentimentos de prazer e bem-estar.

A palavra “FELICIDADE” só se relaciona ao bem-estar.

Segundo, Freud (1930), no seu trabalho “O mal estar na civilização” diz, que a felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza: a beleza das formas e dos objetos naturais e das passagens e a das criações artísticas e mesmo científicas.

A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante.

Todo homem tem que descobrir por si mesmo de que modo ele pode ser feliz. Será feliz a partir do momento que dará preferência aos seus relacionamentos emocionais com outras pessoas; oposto ao narcisista, que tende a ser auto-suficiente buscando suas satisfações principais em seus processos mentais internos.

O homem de ação nunca deve abandonar o mundo externo, onde pode testar sua força, a natureza de seus talentos e a parcela da sublimação.

Outras vezes, as pessoas frequentemente empregam falsos padrões de avaliação, isto é, buscam poder, sucesso e riqueza para elas e a admiração dos outros.

Na atualidade vivemos um período de muitas exigências, individualismo, isolamento, sensação de perda, de perigo, globalização, deslocalizações migratórias, mercantilização própria da economia contemporânea.

Vivemos uma época marcada pela instantaneidade e o mal estar da cultura, regido pela lógica do consumo. Atualmente, vivemos o tempo do virtual, do alojamento, por excelência do culto do fugitivo e do fugaz, o culto do visual e do espetáculo.

Essas são algumas das vivências que invadem nossa cotidianidade, que produz um alto nível de insegurança, que pode levar ao sujeito pegar-se de ideias que supostamente assegurem os valores que cada um tenta constituir dia a dia.

Vivências que podem produzir o mal-estar caracterizado por:

a) Transtornos Patógenos, que se expressa pela violência, que são correspondentes clivagens do EU e o fracasso das sublimações.

b) Transtornos nas identificações e nos vínculos, que se manifestam através da desorganização das referentes identificações. Estes transtornos participam nas patologias das personalidades, borderline, nas insuficiências ou hipertrofias das funções do ideal e se expressam nos contatos narcísicos.

c) Transtornos nos vínculos intersubjetivos: sintomas mais intensos de molestar no trabalho e nas inter-relações.

d) Transtornos inerentes ao vínculo ,com o sofrimento, a desilusão, com a ambivalência, com as diferenças, com a descontinuidade do vínculo, e momentos de crise como ameaça de ruptura no vínculo.

e) Por isso, seria necessário revisar as percepções que cada uma tem de si mesmo, as possibilidades de tolerar as mudanças e as diferenças.

f) Sabemos que os recentes e rápidos avanços da ciência e da tecnologia revolucionaram nossos conceitos de individuo e sociedade.

g) As áreas das comunicações, da indústria e da Informática revolucionaram a qualidade dos vínculos que construímos. Defronta-mos no século XXI com um momento que aponta, para a necessidade de recordação e de uma reavaliação do passado, reavaliação esta que deve se pautar em um processo contínuo.

h) Antes de nos prepararmos para o futuro, devemos compreender as influências do passado que fizeram de nós aquilo que somos. Isto nos faz lembrar o mais famoso dos provérbios délficos: “Conhece-te a ti próprio”.

Na Grécia antiga, no século V a.C, Sócrates era considerado o homem mais sensato do mundo pelo oráculo. Este filósofo teria, provavelmente, interpretado a expressão acima referida como “A vida não examinada não merece ser vivida”.

Na época de Freud o enunciado “Conhece-te a ti próprio” significava, em primeiro lugar, a procura introspectiva do Eu real, a busca das nossas motivações emocionais.

No início do nosso século, na “Era Pós-Moderna”, passou a exprimir também o seguinte pensamento: “Sabe de onde vens uma vez que o passado não pode ser destruído, mas deve ser conhecido”.

Esta antiga matriz da referida mensagem grega apresenta diferentes significados em épocas diversas, ou seja, as muitas interpretações a ela atribuídas são coerentes com os distintos tempos e lugares. Se o passado, porém, é sentido de um modo tão próximo, então por quê não investigar a relevância contemporânea da cultura clássica, que tem influenciado de forma tão intensa na história da humanidade?

O próprio Freud estava fascinado por muitos aspectos, principalmente da cultura grega como, por exemplo, o “amor platônico” e a “catarse”, muito antes de descobrir o “Complexo de Édipo”.

Freud, também, invocou o mito de “Electro”, que amava tanto seu pai e por isso incitou o seu irmão Orestes a matar os assassinos do seu pai; e o mito de “narciso”, que gostava tanto de si mesmo que desprezou a vida social.

Jaeger (1986), o maior helenista do século, acredita que a constante volta ao nosso passado reside nas nossas próprias necessidades vitais, por mais variadas que sejam através do tempo.

O autor valoriza a história, a cultura e o retorno aos mesmos questionamentos e paradigmas do passado a partir das necessidades e conflitos atuais.

Heráclitos (544-484 a.c) dizia, “Procuro me conhecer”, afirmando “daquilo que nunca dorme e que está sempre ativo ninguém pode fugir”. Tal como Freud disse: “A infância deve

ser estudada para se compreender o adulto, assim, devemos olhar para a infância da Humanidade”.

Este desejo de compreender o ”progresso humano” é evidente na cultura grega clássica. A grande diferença é que, na cultura antiga, o progresso era visto em primeiro lugar, como um avanço no conhecimento para o seu próprio bem, ao passo que, durante os últimos duzentos anos, ele foi visto cada vez mais como chave para vantagens materiais e comerciais. Em outras palavras, os gregos clássicos queriam compreender a natureza como um fim em si mesma, enquanto que a ciência moderna pretende compreender a natureza de modo a interferir nela e controlá-la, Até que ponto será bom para a humanidade este tipo de interferência?

Nesta pergunta, o mito de Prometeu contém uma alegoria ao progresso científico, provavelmente acompanhado de um aviso. Prometeu roubou o fogo de Zeus e deu-o aos humanos com o fogo desenvolvemos o progresso tecnológico. Na peça “Prometeu Agrilhoado” (atribuída a Ésquilo em meados do século V a.C), Prometeu desafiou Zeus e todos os seus poderes. Por isso, ele tornou-se símbolo do desafio humano á opressão, tanto humana como sobre-humana.

Na história da humanidade, a descoberta do fogo desempenha um papel ligado á eclosão da inteligência, tanto sob sua forma positiva quanto negativa. Todo esforço para a mudança do mundo em função das necessidades materiais do homem tem sua origem no domínio do fogo.

Para o nosso século, Prometeu tende a simbolizar o impaciente progresso da ciência e da tecnologia, mas esta tendência liga-se ao anterior desafio dos poderes opressivos e sobrenaturais.

Desde que foi dado ao homem o dom do “fogo”, da independência a pesquisa tornou-se insaciável, ou seja, o homem prosseguiu a investigação até onde ela possa conduzir e a qualquer preço.

E isso significa criar vida em tubos de ensaio, fabricar a bomba de hidrogênio, induzir a colisão de partículas, que produzem energia e temperaturas tão intensas e elevadas, com a esperança de criar uma nova matéria, etc.

Perguntamos: para onde nos levam a tecnologia e a ciência? Será que não devemos

repensar sobre este acelerado avanço e compreender seus principais motivos? O Fogo de Prometeu é ambivalente, uma vez que pode queimar cidades inteiras e incinerar a memória; mas também é benigno, pois dá luz, aquece, e representa o intelecto e a sublimação.

Fazer o bem significa agir sempre no sentido a preservar a vida da melhor maneira, porém, no sentido coletivo.

Antes de finalizar, gostaria de apontar um outro fator, sobre a sociedade globalizada em que vivemos nos cria um paradoxo: por um lado enfatiza o individualismo, por outro, cria os mecanismos para nos conectarmos a um maior número de sujeitos, criando laços na fronteira entre o fantasmático e o relacional. Esta mesma situação globalizante nos afeta a todas, como bem podemos constatar pelas crises econômicas e bélicas do momento, com todas as sequências que estas trazem.

O avanço tecnológico, que é estimulado pelos governos e desejado pelos indivíduos como uma das formas de se obter o desenvolvimento social e o conforto material, precisa vir acompanhado de um progresso correspondente da psicanálise e de outras ciências humanas, que cuidam do bem estar do homem e de suas relações com o meio físico social.

Não seria sensato obter-se um progresso material, representado por novas tecnologias, se paralelamente, não se procurar resolver os novos problemas que surgem com aquele sujeito que manipula essa tecnologia, que é o agente e o beneficiário desses novos estilos de vida, mas que, não raro, sofre também as consequências negativas desse progresso, isto é, o próprio homem.

Foi esse homem conhecedor da ciência que produziu guerras mundiais. Acontecendo os campos de extermínio do nazismo, a criação de armas monstruosas e mortais, uma riqueza jamais sonhada ao lado de milhões morrendo de fome, matanças, a destruição da natureza e das fontes de vida, as cidades infernais, a violência, o terrorismo armado com armas produzidas e vendidas por empresas que geraram o progresso.

Hoje só é possível ter esperança.

Albert Camus escritor, romancista e filósofo francês sabia o que era esperança. Sua palavra: “É meio de inverno e eu descobri que dentro de mim havia um verão invencível.”

Esperança é alegria “a despeito de coisa divina. A esperança tem suas raízes na eternidade. Ela se alimenta de pequenas coisas; nas pequenas coisas ela floresce.

Hoje, é tudo que temos aos nos aproximar do século XXI.

Sem dúvida é necessário reelaborar e investigar os vínculos que são poucos explorados, usando a psicanálise aplicada, para dar maior consistência psíquica inconsciente no vínculo. É necessário pensar os vínculos intersubjetivos em grandes debates e sobre formulações teóricas da metapsicologia, da intersubjetividade e do sujeito que nela se constitui.

O que temos que construir é uma teoria psicanalítica do vínculo: uma teoria que não será a dos fundamentos sociais do vínculo, nem de psicologia da interação, senão a dos movimentos do desejo inconscientes e do desejo do outro.

Assim é necessário buscar restaurar as grandes rupturas da pós-modernidade e prestar atenção aos efeitos do nosso inconsciente.

O evento atual pode possibilitar a reflexão conjunta dos efeitos destas mudanças, na busca de soluções para o bem-estar da cultura.

A todos muito obrigado e declaro aberto os trabalhos do XV Simpósio do CEFAS.

Dr. Antonios Terzis

Prof. Titular Pós-Graduação em Psicologia PUCCAMP

Diretor do CEFAS

**CONFERÊNCIA**  
**INVENÇÃO DO MÉTODO PSICANALÍTICO NO GRUPO:**  
**CONSTRUÇÕES DE FORMAÇÕES E PROCESSOS PARA**  
**UMA TEORIA DE GRUPO**

Dr. Antonios Terzis <sup>1</sup>

Filipe Frans Holanda Terzis <sup>2</sup>

**RESUMO**

Começamos este trabalho com o tema: “Invenção do método psicanalítico no grupo” como um método científico, que se inscreve no contexto das grandes rupturas da modernidade e também na história do movimento psicanalítico em Londres em 1950, com Bion e Foulkes. Posteriormente, na década de 1960 em Paris com Pontalis, Anzieu e Kaës, se produziram experiências e conceitualizações, que constituíram a invenção psicanalítica do grupo.

Centramos a investigação no grupo como uma construção do método psicanalítico e o dispositivo psicanalítico de grupo, com certas características morfológicas como a pluralidade, o frente a frente, a interdiscursividade, capazes de mobilizar formações e processos psíquicos inacessíveis de outra forma.

Outra direção de investigação foi, por um lado, a conceitualização de formações, como o suposto básico de fantasias inconscientes nos grupos, o grupo como objeto de um investimento libidinal, o imaginário, a ilusão grupal e a analogia do grupo como sonho. Enquanto, por outro lado, estudamos as diferentes formações e processos, como a regressão, as transferências, contratransferências e a interpretação nos grupos.

Concluimos que estes elementos são componentes constitutivos de toda situação psicanalítica. Permitem especificar a natureza da realidade psíquica e qualificar as modalidades e formas do trabalho psíquico que no grupo se efetua.

# 1. INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

## 1.1 - O interesse pelo grupo

O interesse prestado ao grupo pelas “ciências humanas” está associado aos diversos componentes da crise do mundo moderno. Os períodos de desorganização social e cultural se caracterizam pelo enfraquecimento das garantias metasociais e metapsíquicas: pela alteração de suas funções de enquadramento, de crenças compartilhadas e de representações comuns.

Frente a estas desorganizações e mal estar, o grupo é inventado para restaurar as funções metapsíquicas sobre os pactos de renúncia, a eficácia das proibições estruturantes, os referentes identificatórios, as crenças e representações compartilhadas. A invenção psicanalítica do grupo dá testemunho destas grandes rupturas da modernidade.

O presente estudo apresenta uma nova idéia no campo da psicologia dos grupos. Procura ampliar o método de trabalho com grupos e suas relações com conceitos psicanalíticos pertinentes. Nesta pesquisa bibliográfica foi utilizada, por um lado, a leitura psicanalítica de Freud (1895, 1900, 1917, 1921, 1922, 1923, 1932) para elaborar os trabalhos culturais sobre a teoria do sonho e o conceito da transferência, e por outro lado, os estudos e os novos conceitos da Escola do Centro de Estudos Franceses sobre Formação e Pesquisa a Respeito do Grupo (CEFFRAP), escola desenvolvida pelos esforços, em particular, de Pontalis (1963, 1971, 1972, 1982); Anzieu (1971, 1972, 1975) e mais recentemente, Kaës (1976, 1993, 2002), sobre o método e a clínica da situação psicanalítica de grupo.

Neste estudo elaboramos as especulações freudianas sobre os estudos culturais e as contribuições de Bion: “supostos básicos” como representações inconscientes do grupo. Depois, investigamos como a experiência onírica e essencialmente o sonho compartilhado no grupo se inscrevem no espaço transferencial-contratransferencial. Levantamos a hipótese que a analogia estrutural entre sonho e transferência, pode ser notada nos termos da regressão, como forma da realização dos desejos inconscientes infantis. Consideramos que a compreensão do sonho compartilhado no grupo, pode não só favorecer os progressos do

---

<sup>1</sup> Prof. Dr da Pós-Graduação PUCC e CEFAS.

<sup>2</sup> Aluno de Medicina PUC – SP.

sonhador, mas também revelar-se importante para o conjunto do grupo. De acordo com esse ponto de vista o sonho pode ser considerado, neste projeto de pesquisa, um indicador do processo terapêutico, um fator de integração e um elemento de prognóstico.

A motivação para desenvolver o presente estudo está vinculada nas nossas atividades de ensino, pesquisa e atendimento clínico no CEFAS e nas universidades em cursos de pós-graduação.

A segunda razão é contribuir para o preenchimento de uma lacuna no campo universitário: a falta de obras que se destinem à introdução do aluno de graduação e pós-graduação à concepção e aos trabalhos de pesquisa em grupalidade dentro da abordagem psicanalítica. O estudo se endereça, portanto aos alunos, professores e aos profissionais que trabalham com grupos, pretendendo fornecer-lhe subsídios para o método psicanalítico aplicado em situações de grupo.

A terceira razão, reavaliar o método de trabalho com grupos e suas relações com teorias psicanalíticas pertinentes, implica algum grau de expansão teórica. Uma formulação teórica pode ter mais peso nas proposições científicas, ou na ampliação da Ciência.

A quarta razão é que o objeto ao qual aplicou-se o estudo não é o paciente, mas tem por material de pesquisa as obras completas psicológicas de Sigmund Freud (1895, 1900, 1917, 1921, 1922, 1923, 1932) sobre estudos culturais e o sonho, que não descreve todas as experiências oníricas que a psicanálise detecta. Isto ao menos por duas razões: a primeira é que hoje o sonho é mais estudado a partir do aspecto descoberto por Freud, isto é, como uma realização alucinatória do desejo e como a principal porta de acesso ao inconsciente (Freud, 1900).

A quinta razão é que, sob a forma de um contínuo estímulo, temos recebido várias solicitações para ampliarmos as áreas que as grupoterapias podem atingir, assim como recebemos de pessoas interessadas, a sugestão de dedicarmos uma atenção mais específica e de ordem prática aos grupos humanos.

De fato, há no Brasil, muita gente trabalhando com grupos, uma parte de colegas seguindo diretrizes bem delineadas, providos de algum tipo de formação teórico-prática; no entanto, também há um grande número de técnicos que, embora bem intencionados e até mesmo movidos pelo seu bom-senso e pelos resultados alcançados, praticam a terapia de grupo de uma forma autodidática e sem uma formação científica.

A sexta razão é que, em um país como o Brasil, com tão escassos recursos econômicos e poucos técnicos, e com uma quantidade enorme de pessoas desassistidas, é necessário organizar e oficializar programas e cursos sobre as técnicas de grupo, promover reflexões críticas sobre nossas práticas e pontos de referência. Junto a isso, favorecer a atualização, que promove saberes instituídos, ao dar lugar a intervenções renovadoras sobre a psicanálise e grupalidade.

Hoje sabemos que ao falar de contexto grupal, nos referimos aos distintos grupos, instituições e organizações sociais, nos quais cada indivíduo interage e com os quais entrelaça o “fiado” de sua própria existência.

Os grupos existiram sempre e determinaram desde o começo a matriz do que chamamos indivíduo, por sua vez, o indivíduo criou os grupos. O homem, em épocas primitivas, na paz ou na guerra, para sua sobrevivência, sua procriação, seu consolo, suas crenças, suas venturas, suas buscas para amar, para proteger, para ser cuidado, sempre buscou a presença e o intercâmbio com os outros seres.

## **1.2 - O conceito de grupo e a abordagem psicanalítica**

O desenvolvimento das ciências sociais sistematizou o estudo dos distintos grupos humanos, permitiu classificá-los, descobriu as leis de seus funcionamentos e estabeleceu hipóteses e predições (HINSHELWOOD, 1987). O fenômeno grupal entrou assim pela porta do conhecimento científico. Assim, a palavra “grupo” surgiu para denominar um conjunto de pessoas e a ligação ou união entre eles. Foi utilizada pela primeira vez na França, no século XVIII, para designar uma reunião de pessoas e a idéia de conjunto. Os lingüistas relacionam a palavra “grupo” com o antigo vocábulo “group” (laço ou nó), que deriva do germano ocidental “Kruppo”: massa circular (ANZIEU, 1975). Portanto, a idéia de um círculo parece estar na origem de grupo. Assim, a etimologia da palavra nos prova duas linhas de força, que encontramos na vida dos grupos: o laço ou ligação que demonstra o grau de coesão, e o círculo que representa o espaço fechado – cuja metáfora é a envoltura corporal (oposição adentro-afora).

Inúmeras são as definições tanto de uso comum como científicas de grupo: algumas

teorias sustentam o conceito de que um grupo já está formado quando o integram duas pessoas, isto é, o caso de um casal. Assim começou o mundo, com um casal, cuja felicidade paradisíaca entrou em crise quando nele entrou um terceiro elemento, ou mais apropriadamente, uma terceira, a serpente, situação que constantemente se vem repetindo ao longo da nossa história (BERENSTEIN e PUGET, 1999).

A partir daí, os grupos adquiriram grande popularidade e começaram a germinar com rapidez. Foi tamanho o auge, que a maior preocupação de todo recém-nascido foi assegurar sua primeira relação diádica: sua mãe. Logo, e com sentimentos bastante contraditórios, entrou o pai, os outros eventuais irmãos e assim se formou o primeiro grupo básico.

Este primeiro grupo básico tornou-se extenso, ao ingressarem nele os avós, tios, outros parentes, amigos, vizinhos, até chegar a formar a comunidade, a pátria, ou os jardins da infância, as escolas, os clubes, as instituições e as demais infinitas formas de organização social.

Em todas as sociedades antigas e modernas a maior sanção social constitui a segregação do indivíduo de seus grupos habituais de pertinência e referência. O homem se humaniza e adquire significado só na medida em que é nomeado e reconhecido por outros homens. O que um homem faz e sente, está estreitamente vinculado com aquilo que os outros homens fazem e sentem com ele, por ele, para ele e contra ele, e isso constitui um perpétuo movimento de ida e volta que se realimenta sucessivamente, ocasionando mudanças quantitativas e qualitativas no mesmo e nos outros.

Toda pessoa busca os outros para encontrá-los e encontrar-se. Sua postura se referencia a outros; sua linguagem; seus códigos; suas expectativas; suas emoções; todo seu ser se identifica e se distingue, se individualiza e se grupaliza com relação aos outros. Como bem diz Freud (1921) o outro, o semelhante, sempre é para nós modelo, objeto, auxiliar ou rival.

Em todas as culturas a importância da vida em grupos, constitui o eixo em torno do qual se estabelecem às normas, os sistemas éticos e as religiões. Os dez mandamentos, as provas da solidariedade, as responsabilidades compartilhadas, as sanções e as gratificações sociais, os rituais tribais e as mais modernas conversões atuais, tudo revela o poder de conviver com seus semelhantes, como requisito básico para assegurar sua própria sobrevivência física, psíquica e espiritual.

As teorias e técnicas grupais, em toda sua ampla gama de instrumentalizações práticas, assim como as diferentes escolas que se tem desenvolvido, têm como objetivo, estudar, investigar e tratar de apoiar o desenvolvimento e resolver os problemas do homem, situando-o no coração dos grupos nos quais se inclui.

Dentro do campo educativo e social em geral, o estudo sobre a vida emocional dos indivíduos e dos grupos que compõem esses terrenos, têm mostrado sua importância e utilidade. Dentro do âmbito terapêutico, a abordagem das distintas problemáticas individuais se tem enriquecido com as terapias grupais (de família, de casal, equipes e grupos institucionais). Assim, salientamos que é necessário incentivar as atividades com formas de terapia grupal; aumentar o número de profissionais que trabalham com grupos e a produção científica sobre os mesmos.

A prática clínica atual torna evidente a necessidade de desenvolvimento de técnicas de intervenção psicoterápica que possam atender à crescente demanda social e econômica de assistência psicológica pela população (TERZIS, 2009).

A psicanálise como ciência do homem, experimenta o impacto da vida moderna e não ignora as transformações que sofrem as outras ciências, seja reformulando suas teorias, como fizeram os pesquisadores da Escola Francesa, seja buscando novos métodos. As solicitações que o mundo moderno faz à psicanálise, no sentido de recorrer aos seus conhecimentos para a solução de problemas urgentes e vitais, fazem com que muitos analistas inclinem-se para o estudo e utilização de técnicas que possibilitem o atendimento de grupos maiores de indivíduos, sem abrir mão, no entanto, dos elementos fundamentais da teoria psicanalítica. Os psicanalistas que em diferentes países vêm trabalhando com grupos, inclinam-se mais e mais no sentido de desenvolver uma técnica grupal paralela à individual, que atenderia a duas exigências: as demandas de terapia por parte da comunidade e a preservação dos pontos de vista científicos da psicanálise (TERZIS, 2006).

A psicanálise de grupo tem se difundido enormemente e o número de seus participantes vem se ampliando de forma considerável. Dentro da psicanálise tem aparecido um movimento que segue as idéias do Círculo de Estudos Franceses para a Formação e a Investigação Ativa e Psicologia (CEFFRAP). Os psicanalistas Anzieu (1975), Kaës (1976) e Pontalis (1963 e 1971) desta escola francesa, estudam os efeitos do inconsciente dentro das instituições, sejam elas de tratamento, de formação ou de auto-conhecimento. Hoje, muitos deles trabalham dentro do âmbito institucional, exercem funções hierárquicas, políticas,

econômicas ou terapêuticas. Essas diferentes experiências trazem uma série de questões sobre o inconsciente que aí se manifesta.

Por outro lado, os psicanalistas cada vez mais, a maioria abertamente e outros menos, na intimidade de seus consultórios, sem proclamar, exercitam técnicas psicoterápicas de grupo, que cada vez mais pensam que a psicanálise pode ter várias aplicações, igualmente válidas. De modo que é tão válido usar a psicanálise individual, como também é válido usar psicanálise de família, de casal, de grupo, ou instituição. Esta abertura da psicanálise a novas aplicações, tem se enfrentado também com a necessidade de completar-se com teorias provenientes de outras escolas como teoria da comunicação, teoria da dinâmica grupal e também com a teoria sistêmica (SILVA, 1988).

A procura de uma técnica de análise de grupo constitui no desenvolvimento natural de uma linha de pensamento dentro da psicanálise, sendo este um desenvolvimento científico apresentado por Freud (1921) que se preocupou com um ser social. Sua formação médica e os primeiros estudos de neuropatologia, nunca se sobrepuseram à sua curiosidade e à sua irresistível inclinação para o estudo das origens da sociedade humana, dos ritos e das religiões, da atividade artística e criadora e, finalmente, do comportamento agressivo e autodestrutivo da civilização moderna. As teorias que elaborou a partir da convencional relação médico-paciente e do estudo da neurose no indivíduo – teoria da libido, teoria estrutural, teoria edípica, teoria do superego – reportam-se sempre ao indivíduo relacionado com objetos, construindo, assim, uma psicologia multipessoal.

Penso que não é difícil inferir aplicações terapêuticas para os grupos, quando meditamos sobre idéias expressadas por Freud em diversas partes de sua obra. Em “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921), por exemplo, Freud afirmou claramente que a psicologia individual e a de grupo não podem ser absolutamente diferenciadas, pois a psicologia do indivíduo permanece em função das relações do indivíduo com outras pessoas. Conceitos assim, encontrados na obra de Freud, serviram como ponto de partida para o desenvolvimento da psicanálise (o “complexo de Édipo” e “Teoria do superego”) e para o estabelecimento de uma técnica de “análise de grupo”. Mais tarde, o desenvolvimento da psicanálise foi evoluindo com os trabalhos de Melanie Klein (1952) que veio para demonstrar que o mundo interno do indivíduo se constitui como um “grupo” de objetos. Estes elementos da psicanálise, juntamente com os conceitos de Bion (1961) acerca da dinâmica dos grupos, forneceram as bases para o trabalho analítico com os grupos de pacientes.

Bion (1961) dirige sua atenção para níveis mais primitivos da vida mental, se refere à “mentalidade grupal” em que os participantes do grupo entram numa regressão, cuja característica principal é a de por em primeiro plano, os aspectos mais primitivos do funcionamento mental.

Assim, como no indivíduo temos aspectos de regressão e evolução da personalidade, também no grupo podemos ter uma mentalidade regredida e uma mentalidade evoluída. A noção de que no psiquismo humano existem formações grupais inconscientes, da mesma forma o inconsciente está estruturado como um grupo. Os membros de um grupo constituem, juntos, um sistema de relações e operações de caráter transacional. Portanto, nos grupos como no indivíduo, existem dois níveis de funcionamento psíquico interrelacionados entre si, ou seja, o nível consciente e o nível inconsciente. Os dois níveis de funcionamento mental se colocam como instâncias presentes e antagônicas. Para Bion (1961), não pode existir um verdadeiro crescimento sem a coexistência do aspecto evoluído (nível consciente) com o aspecto primitivo (nível inconsciente). Somente quando o aspecto evoluído entra em ressonância com o primitivo, tirando-o de seu isolamento, é que ocorre o verdadeiro desenvolvimento do grupo e da pessoa.

Pensamos que a posição central da dinâmica de grupo é ocupada pelos mecanismos mais primitivos, que Melanie Klein (1952) descreveu como peculiares às posições paranóide e depressiva. Em outras palavras, é claro que entre as teorias apresentadas por Freud (1913, 1921) e aquelas que descreveu Bion (1961), há uma grande diferença. Freud viu o grupo como uma repetição de relações do grupo de família, como protótipo de todos os grupos. Decorrente disso é que os grupos, na opinião de Freud, deveriam aproximar-se dos padrões neuróticos de comportamento, enquanto que, na opinião de Bion, os grupos se aproximam dos padrões dos comportamentos mais primitivos.

Consideramos que todos esses conceitos psicanalíticos sendo elaborados, abrem novas perspectivas acerca do funcionamento psíquico. Abre-se a possibilidade de teorizações transformadoras acerca das atuações psíquicas do inconsciente e das subjetividades que mal seriam acessíveis de outra forma. Ainda, esses conceitos e outros podem gerar novos campos de pesquisa, colocando em perspectiva, a função transacional do grupo na formação da psique humana.

## 2. OBJETIVOS DO ESTUDO

O presente estudo visa: a) articular os modelos na invenção psicanalítica do grupo: em Londres na década de 1950, com Bion e Foulkes; em Paris, dez anos depois com as contribuições de Pontalis, Anzieu e Kaës, produzindo experiências e conceitos teóricos, considerados como fundadores da invenção psicanalítica do grupo; b) investigar o grupo como uma construção do método psicanalítico, com certas características morfológicas: como a pluralidade, frente-a-frente, a interdiscursividade capazes de mobilizar formações e processos psíquicos.

c) Dialogar com Freud a partir de suas obras psicológicas: “Interpretação dos sonhos”, questionar suas formulações e revisar os modelos. E verificar as relações entre os espaços oníricos individuais e aqueles que se manifestam nos grupos.

d) Confirmar se o sonho oferecido à escuta do grupanalista e dos demais participantes do grupo é um indicador dos movimentos “transferenciais” que no grupo se produzem.

e) Examinar aspectos inerentes à “interpretação” analítica do grupo.

### 3. MÉTODO

#### 3.1 - Desenvolvimento do estudo

Para criar um método sobre a interpretação do grupo como sonho, foram analisadas as observações pontuadas por Anzieu (1966) na sua teoria sobre o “Imaginário grupal”, onde o grupo e o sonho têm uma similaridade estrutural. Depois, foi feito o contraponto com o modelo de interpretação do sonho de Freud (1900), com o intuito de avançar o método de interpretação do grupo configurado com um sonho.

Em relação a isto, foram feitas também novas leituras de conceitos nucleares na psicanálise, tais como a transferência, contratransferência, a relação do conceito de transsubjetividade, tal como o descreve Kaës (1997) em sua vinculação com os fenômenos transferenciais e a interpretação. Ainda, os pressupostos teóricos para a proposição do método psicanalítico, que justifica-se com três motivos para a reavaliação da teoria freudiana do sonho (KAËS, 2001):

1. O rompimento epistemológico da hermenêutica milenar do sonho, ao apoiar-se na hipótese do inconsciente como campo de ação da “experiência”, que mais tarde será “lembrada ou reproduzida” no sonho e que acontece num campo fechado, onde o sujeito retira-se do investimento externo. Os limites do espaço psíquico são então constituídos, tornando-se o local de ação do sonho, uma forma de reconhecimento do inconsciente.

2. Com a “Interpretação dos sonhos”, Freud (1900), inflexiona os interesses pelo sonho para o espaço intrapsíquico e ao mesmo tempo abre o caminho para novos conceitos (KLEIN, BION, KHAN, ANZIEU e WINNICOTT).

3. A nova realidade da clínica psicanalítica demanda análise para vários sujeitos: casal, família, traumas coletivos, vínculos grupais e principalmente a questão dos limites dos espaços intrapsíquicos levantados pelos pacientes psicóticos e borderlines.

Esta posição, diz Kaës (2001), coloca o campo de ação do sonho (clássico da psicanálise) como questão a solucionar, pois o espaço relativamente fechado como o referencial que baliza o sonho, carrega a singularidade do sonhador, não comportando os outros aspectos da atividade onírica que vem da experiência interpsíquica na qual a

experiência do sonhador é de outra natureza.

O suprimento do material do sonho, diz Freud (1900) está nas experiências da infância que mais tarde será capturado circunstancialmente na forma de sonhos hipermnésicos. Este movimento do material no sonho revela-se de uma riqueza tal que ele considerou esta uma das mais importantes características do sonho no sentido de que aí, deste substrato sairia a maior parte das reflexões teóricas psicanalíticas que sustentam a validação do material do sonho como sendo uma evocação reconstitutiva de um desejo.

Outra característica do sonho que Freud (1900) sublinhou como sendo surpreendente e intrigante ao mesmo tempo é o fato da seletividade pontual do material, que comprimido no deslocamento e pelo fato de não atrair uma censura de bloqueio, acaba abrindo o caminho para a condensação e tornando possível a compreensão da força comprimida nos diversos elementos do material inicial. O autor diz que a abrangência e alcance de uma investigação sobre os sonhos frente aos fenômenos abordados a partir de um elemento para o conjunto de elementos é que constituem a teoria dos sonhos.

A partir do momento em que Freud constituiu a teoria do sonho como a via verdadeira para o conhecimento do inconsciente, fez compreender os processos da formação do sonho, as funções que ele cumpre e a resposta à pergunta sobre seu sentido com os limites internos do espaço psíquico.

Elaborações posteriores sobre a “Interpretação dos sonhos” (FREUD, 1900), confirmaram que a formação do sonho são os mesmos que agem no inconsciente e o especificam, mas por extensão todo o aparelho psíquico é concebido a partir do modelo do sonho: ambos são espaços fechados.

Segundo Green (1972) esclarece de forma decisiva essa questão do espaço fechado, destacando a estrutura espacial da experiência onírica como um espaço fechado, dotado de profundidade. Estes postulados sobre o “aparelho psíquico” e o “sonho” continuam sendo fiéis à sua concepção do fechamento do espaço onírico.

Finalmente, em 1975, Anzieu revela que na estrutura do grupo e do sonho há uma similaridade de funcionamento; no grupo as fantasias subjacentes são evocadas e a dinâmica interna dos elementos para a realização dos desejos inconscientes são replicados como uma “tópica projetada”. Assim, o autor entende que o acesso ao inconsciente grupal pode seguir o mesmo modelo que Freud formulou para a compreensão da formação do sonho que, ao ser

aplicado ao grupo, torna possível captar o que é ali projetado como pertencente ao sujeito singular e ao mesmo tempo há um compartilhamento daquele material no grupo, que significa para ele, que o grupo se forma seguindo uma direção em linha reta de projeção sujeito/grupo.

Segundo Kaës (2002) considera que no sonho o grupo é uma figuração de objetos, de pensamentos próprios ao sonhador, não se deve excluir que o grupo esteja relacionado com uma forma simbólica que não seria um significante específico do sujeito, uma vez que estaria disponível em todos os sujeitos. O autor conclui que os sonhos de grupo são uma forma e uma figuração exemplar dos grupos internos: põem em cena suas estruturas fundamentais, ou seja, as fantasias inconscientes, os complexos e as imagens, a rede de identificações do Ego, a imagem do corpo. Nesse sentido, funcionam como organizadores no processo psíquico grupal.

Para o desenvolvimento deste estudo participaram alunos de psicologia e medicina.

Os participantes do “grupo de estudo” satisfaziam algumas condições: a) interesse pelo conhecimento teórico psicanalítica; b) interesse em participar voluntariamente no projeto de pesquisa e essa experiência era usada em seus próprios estudos. Os encontros do grupo de estudo aconteciam uma vez cada quinze dias, com duração de duas horas, durante três semestres.

Os textos foram lidos, analisados e discutidos, procurando estabelecer relações equivalentes e pontos de diferenças. Genette (1982) chama este procedimento de “transtextualidade” e remete para o conjunto de relações explícitas ou implícitas o que um texto estabelece com outros textos.

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 - O método psicanalítico e a questão do grupo na psicanálise

Este trabalho procura definir um método apto para compreender o modo de existência do inconsciente em situação de grupo, como também, investigar alguns dos conceitos fundamentais usados no contexto da cura clássica e na grupalidade: interpretação do sonho, a regressão e os movimentos transferenciais, contratransferenciais e interpretação.

Antes de introduzir o grupo como situação psicanalítica, fazemos a seguinte observação: quando Freud (1921) formula a hipótese de uma psique de massa e quando propõe os conceitos necessários para sua investigação, no início não pensa em dotar a tal objeto teórico de um dispositivo psicanalítico correspondente (KAËS, 2000). Adota uma posição duvidosa contra a análise de vários indivíduos reunidos em grupo. Provavelmente sua posição se apoiava na consideração de dificuldades metodológicas, clínicas e éticas.

Mas, ao mesmo tempo não paralisa suas investigações teóricas, busca soluções a essas dificuldades e finalmente conclui que o dispositivo de grupo não contradiz, no fundo, os requisitos teóricos e metodológicos da psicanálise. O dispositivo de psicanálise individual tem invalidez aos fundamentos do método grupal. Assim, os princípios metodológicos invariantes foram consolidados e os dispositivos podem tolerar variações apropriadas a seu objeto particular (ANZIEU, 1982; KAËS, 1993; TERZIS, 2009; ORLANDI, 2011).

Desta mudança de perspectiva podemos esperar o descobrimento de formas da realidade psíquica (em partes inacessíveis), que introduzem os diferentes dispositivos da cura individual. Assim, formaria mais uma metodologia geral da psicanálise, capaz de construir um sistema de critérios aptos para por à prova a qualidade dos efeitos de análise e de investigação que cada dispositivo é possível fazer.

É certo que o tema de grupo na psicanálise já existia. A afinidade observa-se em vários lugares da psicanálise: na sua fundação e instituição, na sua prática, na sua metodologia e na sua clínica, no seu trabalho de teorização (TERZIS, 1995 e 2009).

Tal concepção se baseia na hipótese de que a psicanálise de grupo surgiu a partir das

próprias reuniões das ‘quartas-feiras’ entre Freud e seus discípulos, bem como do lugar ocupado pelo analista junto aos seus pacientes durante o tratamento. Surgiu, pois, entre esses dois lugares dissimétricos, ainda que, naquela época, o agrupamento de semelhantes ocorria para que pensassem sobre a construção da psicanálise e não sobre a configuração do tratamento de grupo. Essa configuração indica explícita ou implicitamente a formação de um grupo, já que, para além de emergirem pensamentos de conhecimentos psicanalíticos entre os componentes dessas reuniões, possibilitou o surgimento de materiais para se refletir sobre a estrutura e dinâmica do grupo, ainda que não tivessem este foco, como, por exemplo, as experiências de acolhimento, repulsas, transferências, identificações, entre outras.

#### Para Freud

“o grupo representa o filtro para as emoções, para-excitações auxiliar (...). Nessa primeira e necessária invenção do grupo por parte da própria psicanálise, as instâncias do aparelho psíquico de Freud, seus complexos, identificações histéricas e heróicas, seu sistema de relação de objeto (especialmente de domínio e de masoquismo), serão os organizadores psíquicos inconscientes que prevalecerão para emparelhar os vínculos intersubjetivos com seus discípulos, semelhantes, irmãos” (KAËS, 1993, P.27).

De fato, podemos pensar sobre o surgimento de grupo na psicanálise por via dessas situações ou acontecimentos. Contudo, torna-se mais pertinente investigar os textos científicos de Freud que mais propiciaram olhares atentos às questões da formação de grupo e suas dinâmicas, os quais aludem para os fenômenos transitivos do psiquismo agregados a outros psiquismos, como “Totem e Tabu” (1913): “Psicologia de grupo e a análise do Eu” (1921) e “Mal estar na civilização” (1930).

No que concerne ao primeiro, Freud (1913) vai além da especulação da psicanálise aplicada à constituição das formações sociais, já que pode situar a acuidade do pai no complexo de Édipo, os elementos narcísicos, bem como amparar a conjectura da transmissão psíquica e a origem da sociedade. Freud explicita a formação do agrupamento dos indivíduos até então isolados, por via do parricídio do grande Pai, o qual incita a ambivalência afetiva de amor e ódio entre seus filhos. Surge desse acontecimento um pacto entre os irmãos decorrente do sentimento de culpa, bem como a identificação com o pai assassinado e a instauração de duas proibições: o incesto e a eliminação do animal totêmico representante do ancestral que se tornou fundador do grupo. O texto exprime, em especial, a questão da transmissão psíquica

relativa ao tabu, ao crime e à culpa – pelo ato de canibalismo com o pai da horda, os irmãos se irmanam, se assemelham no grupo e se envolvem na construção de um projeto de sociedade, intrincados pela expiação da mesma culpa.

Já em “Psicologia de grupo e análise do Eu” (FREUD, 1921), lança suas investigações sobre os mecanismos de agregação e desagregação da massa, a partir dos estudos de LeBon, assinalando que a ruptura dos vínculos de um grupo pode ocasionar pânico entre seus integrantes. As estruturas propiciadas pelos vínculos libidinais entre vários sujeitos, a função das identificações e dos ideais e a formação do Eu são os aspectos debatidos nesta obra, uma vez que o autor depara-se com questões da intersubjetividade entre os aparelhos psíquicos, bem como os processos e os obstáculos da transmissão psíquica. Neste momento, o processo de identificação é investigado como sendo de natureza libidinal, possibilitando a união entre sujeitos de um grupo em relação ao chefe, ou que estes laços libidinais dos integrantes do grupo possam ser sublimados a serviço de Eros, para a construção do social.

No texto “Mal estar na civilização” (FREUD, 1930) afirma que ao escolher uma vida em grupo, o homem teve que criar regras, leis e interditos a fim de favorecer uma convivência pacífica no coletivo. Nesse sentido, a sexualidade infantil deveria de alguma maneira ser interditada, a fim de que os impulsos prazerosos como os incestuosos, não pudessem ser livremente expostos à atividade. Assim, já quando nascemos e logo quando vivenciamos as pulsões sexuais, vamos sendo limitados, aos poucos, pelas regras da sociedade e da cultura. Isto quer dizer, nascemos sexualmente polimorfos, porém somos obrigados a refrear os prazeres que nos são concedidos pelas canalizações abertas que as pulsões podem nos oferecer. Economicamente, quando reprimidas essas pulsões, algo é afetado no curso da sexualidade e condenado ao sentimento de desprazer, ou melhor, ao mal estar, uma vez que somos impossibilitados de realizar esses desejos inconscientes; ganhamos, por outro lado, um espaço, uma identidade, na família, no grupo, na sociedade. Parece certo, então, que:

O recém-nascido traz consigo] germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sofrem uma supressão progressiva, a qual, por sua vez, pode ser rompida por avanços regulares do desenvolvimento sexual ou suspensa pelas peculiaridades individuais (FREUD, 1905, p. 166).

Desde a ocasião em que o texto foi publicado, alguns mais pessimistas entenderam que

sofremos um mal estar em decorrência de vivermos em civilização. Porém, Kaës (1997, p. 42) destaca que diante da angústia em relação ao sentimento de desamparo, “tal renúncia torna possível o amor e o desenvolvimento das obras da civilização”.

Desde os primeiros escritos voltados ao universo social, Freud (1930) discutiu o conflito existente entre os impulsos sexuais e a civilização. Entretanto, no início, acreditava que esse conflito poderia ser solucionado e, por conseguinte, seria possível obter a cura dos males por ele causados. Para tanto, só seria necessário conter os impulsos sexuais, transformando-os, através da sublimação, em ações não sexuais e sim, culturais. Oitenta anos mais tarde, este mal estar poderia ser caracterizado por alguns tipos de transtornos: a) transtornos patogênicos, que se expressam pela discriminação pulsional, as correspondentes clivagens (fragmentos) do ego e o fracasso das sublimações; b) o transtorno das identificações e os sistemas vinculares se manifesta através da desorganização das referentes identificações e das fronteiras do ego. Segundo Kaës (2000) este transtorno participa nas patologias das personalidades como o caso “borderline”, nas insuficiências ou hipertrofias das funções do ideal. Se expressa no debilitamento dos contratos narcisistas, comunidade de renunciamentos e pactos denegativos; c) o transtorno nas certezas e nos sistemas de representação compartilhada é um dos sintomas mais intensos do mal estar no trabalho do sentido e da interpretação: se acentua pelo debilitamento dos referentes identificatórios e o fracasso dos processos de sublimação (KAËS, 1976).

Frente a este mal estar e estes transornos, o grupo é inventado para restaurar as funções metapsíquias sobre as quais repousam os registros e os pactos de renunciamento, a eficácia das proibições estruturantes, os referentes identificatórios e as crenças. A invenção psicanalítica do grupo dá testemunho destas grandes rupturas da modernidade (ANZIEU, 1982; TERZIS, 2006, 2008, 2009; MORETTO, 2008; PORTA, 2011).

As especulações freudianas sobre os grupos e instituições e as primeiras tentativas de aplicá-las a tratamentos à cura individual, são contemporâneas de antes e depois da Primeira Guerra Mundial (FREUD, 1913, 1921; ANZIEU, 1975; KAËS, 1976; TERZIS, 2009).

#### 4.2 - O grupo como situação psicanalítica: a concepção de Bion

No início dos anos 60, as teorizações psicanalíticas sobre os grupos conhecem um novo desenvolvimento. Tem avançado o trabalho psicanalítico sobre a grupalidade. Muitas de suas observações e conclusões clínicas sobre os grupos conservam vigência e sua releitura implanta novos problemas a elucidar.

Inicialmente, a produção científica em relação aos fenômenos grupais foi vinculada às condições sociais que geraram uma demanda e um desafio aos terapeutas na década de 1950 (TERZIS, 2010). A psicanálise retomou a formulação de que toda psicologia individual é sempre simultaneamente social, sustentando que a psicologia individual e a grupal não pode diferenciar-se, pelo fato de que o indivíduo é sempre membro de grupos. Segundo Freud (1921), o indivíduo é um animal de grupo que está em guerra tanto com o grupo, como também com os aspectos de sua personalidade que constituem a essência de seu caráter gregário. Assim, a psicanálise sustenta que a psicologia de grupo só surge quando várias pessoas se reúnem num mesmo lugar e tempo. Bion (1961) defende a tese que tais requisitos não são imprescindíveis, quer dizer, que a reunião de um grupo somente é necessária para que as características do mesmo se revelem. Segundo Freud (1921) diz: que nas situações grupais as emoções se intensificam extraordinariamente e exercem uma influência grave para a produção intelectual do grupo (efeito grupal); Bion (1961), contrário, não acredita na diminuição da capacidade intelectual em grupo, mas, ainda afirma a existência de várias possibilidades na grupalidade. Assim, assinala que os grandes descobrimentos e fenômenos são grupais, não são produtos de homens isolados.

O autor considera a situação de grupo como um movimento permanente entre uma atividade transformadora da realidade e uma tendência à regressão ao serviço do princípio do prazer. Os grupos constituem instrumentos eficazes para o desenvolvimento de uma tarefa organizada, enfrentando-se simultaneamente à irrupção da fantasmática psíquica mais primitiva. Por isso, é possível se desenvolver uma atividade intelectual dentro de um grupo, sempre que se seja consciente das emoções que circulam no mesmo.

Este seria o valor da terapia de grupo: experimentar em forma consciente uma atividade de grupo de tal natureza.

Por outro lado, Freud (1921) defende a existência de um sujeito prévio ao grupo. Bion

(1961) apoiando-se numa teoria realista das relações objetais, considera que o sujeito se constitui no processo de suas relações de objeto. O autor, apoiado nas idéias de Melanie Klein, aborda a problemática das ansiedades e defesas primitivas e sua relação com a vida grupal.

Quando um grupo se reúne para realizar uma tarefa específica se evidenciam muitas vezes atitudes e métodos que não parecem condizentes ao objetivo traçado. Observam-se dois tipos de tendências: uma dirigida à realização da tarefa proposta, e outra que parece opor-se a ela. A atividade de trabalho é obstruída, diversificada ou assistida por uma atividade mais regressiva e primitiva.

Ao estar no grupo, o indivíduo experimenta uma regressão, vive a sensação de perda de sua identidade. O grupo é vivido como uma instância unitária, não equiparável à soma das pessoas que o compõem. A coexistência das duas mentalidades de funcionamento grupal assinaladas: “grupo de trabalho” e “grupo de suposto básico”, implica um conflito permanentemente implantado e sempre recorrendo dentro dos grupos (BION, 1961).

A atividade em relação ao desenvolvimento de uma tarefa manifesta, com objetivos explícitos, é do que Bion (1961) define então como grupo de trabalho e a atividade em que predominam os processos regressivos e indiferenciação constitui o chamado grupo de suposto básico.

No “grupo de trabalho” todo grupo se reúne para “fazer algo”. Esta tarefa se acha ligada à realidade; o “grupo de trabalho” atua, assim, para modificar racionalmente a realidade. Existe uma organização e uma estrutura real em função de obter eficácia na tarefa proposta. Portanto, os métodos que implementa são racionais e científicos. Não há regressão, se produz um processo de desenvolvimento, que leva em conta o reconhecimento dos limites e as possibilidades que impõe o tempo. Opera de acordo com as leis do processo secundário. Existe pertinência entre aquilo do que se fala e a tarefa. O “grupo de trabalho” tolera a frustração e permite a evolução de idéias novas. Esta modalidade de funcionamento grupal está a serviço do princípio de realidade. Cada membro coopera voluntariamente na atividade e de acordo com suas capacidades individuais, já que este nível de funcionamento grupal requer do desenvolvimento das funções egóicas dos indivíduos que nele participam.

O funcionamento do “grupo de trabalho” em relação ao cumprimento da tarefa explícita encontra-se obstaculizado e diversificado por um clima emocional. Existem poderosas tendências emocionais que abarcam a totalidade do grupo. Este tipo de atividade

mental do grupo se denomina “suposto básico”. O objetivo dele é evitar a frustração inerente à aprendizagem por experiência; está a serviço do princípio do prazer. Bion (1961) assinala que em situação grupal, os indivíduos que compõem o grupo entram numa regressão cuja característica principal é a de por em primeiro plano os aspectos mais primitivos do funcionamento psíquico.

Os indivíduos que regridem no funcionamento mental de “suposto básico” o fazem de forma automática, inconsciente e inevitável. Produz-se uma regressão generalizada, combinando-se os membros do grupo entre si em forma instantânea, através da denominada valência, que seria esta capacidade livre de combinação.

O grupo em situação de “suposto básico” não reconhece um processo de desenvolvimento, nem busca compreensão por parte de seus membros. Não considera a realidade externa nem o fator tempo. O tempo é uma dimensão da função mental não reconhecida, é uma linguagem de ação, não é uma expressão do processo de pensamento. O grupo não está interessado na eficácia da tarefa, não requer das funções egóicas de seus membros.

Para Bion (1961) no “suposto básico” se concentra o desejo e a defesa. O suposto básico é um produto de fantasias subjacentes, fantasias grupais de natureza onipotentes e mágicas, de satisfazer os desejos. Em termos gerais, se pode assinalar que os supostos básicos (de dependência, de ataque-fuga e de acasalamento) constituem fenômenos correspondentes à presença das fantasias inconscientes nos grupos. As fantasias atuam, segundo Bion (1961) dificultando a atividade do “grupo de trabalho” (contato com a realidade, racionalidade, divisão das tarefas, temporalidade, cooperação). Entretanto, a dramatização das fantasias inconscientes se filtra no “grupo de trabalho”, produzindo um efeito de cultura grupal, que surge do cruzamento das fantasias inconscientes com a tarefa.

Observamos que pela primeira vez, começa-se a falar de um nível do inconsciente no grupo, enquanto uma combinação de emoções e fantasias que, achando-se sempre presentes, regulam a produção do “grupo de trabalho”. Portanto, Bion (1961) assinala a construção de uma representação do grupo que opera como uma fantasia. Com o decorrido até aqui, podemos concluir, em coincidência com outros autores (Fernández, 1989; Néri 1999; Terzis, 2010) que se podia falar de uma psicanálise aplicada ao grupo, e como um campo de descobrimento.

A partir deste momento, a psicanálise reconhece a importância dos desenvolvimentos de Bion (1961) e vários estudiosos iniciam a conceitualização dos fenômenos de fantasias inconscientes nos grupos (PONTALIS, 1963; ANZIEU, 1975; KAËS, 1976).

#### **4.3 - Princípios do funcionamento psíquico: imaginário, ilusão e onirismo de grupo**

A proposta inicial que apresenta Pontalis (1963) será o primeiro passo que dará a Escola Francesa em sua aproximação psicanalítica a uma leitura do grupo. O autor define o “pequeno grupo como objeto” de um investimento libidinal e de uma representação. Anzieu (1972) na obra que dedica a esta questão “O grupo e o inconsciente” o permite implantar a tese que um grupo é um objeto de catexia impulsional.

Esta idéia era insuficiente para se aplicar, tanto na teoria como na prática, até que encontra na nova teoria, complemento indispensável à sua operatividade, que Anzieu (1975) intitula “A dimensão imaginária nos grupos”, apontando alguns conceitos que esclarecem esta temática. O primeiro destaca que o grupo é um lugar em comum das imagens interiores e das angústias dos participantes. Portanto, o grupo é um lugar de fomento de imagens que circulam em sentimentos e emoções, que excitam ou paralisam a atividade grupal e geram fenômenos de união, de desagregação, de defesa e apatia. A violência destas emoções, o poder das imagens que as desencadeiam, são alguns dos fenômenos de grupo mais potentes. O autor fala que existe uma rede de imagens no grupo que se mantém, mas que também se modificam com a entrada do novo.

Por outro lado utiliza o conceito de “ilusão grupal”, que se constituirá como um fenômeno muito particular no campo da grupalidade.

O conceito de “ilusão grupal” foi estudado por Anzieu (1972): chamou um estado psíquico particular, que se observa tanto nos grupos naturais, como nos terapêuticos ou formativos, e que é espontaneamente verbalizado pelos membros do grupo da seguinte forma: “Estamos bem juntos, constituímos um bom grupo, nosso terapeuta é um bom terapeuta” (Anzieu, 1972, p. 85). É frequentemente observado em todos os grupos este estado psíquico particular com alguns momentos de euforia funcional, nos quais todos os membros do grupo “se sentem bem juntos” e se alegrem de formar um bom grupo. A vivência subjetiva é uma

vivência de conforto e de algo que poderia ser assimilado a um estado maníaco.

Mas além desta descrição deste fenômeno grupal, o problema é: qual seria a interpretação da “ilusão grupal” e o lugar que ocupa em relação à teoria dos grupos?

A denominação de ilusão grupal que emprega Anzieu (1972) a este fenômeno se origina na idéia desenvolvida por Freud (1913) em “Totem e Tabu”, de que existem três formas sociais importantes de ilusão: a religiosa, a artística e a ideológica.

Mas quem desenvolveu mais precisamente o campo da ilusão foi Winnicott (1971).

A inspiração winnicottiana é a mais explícita. Ela recorre ao conceito de espaço transicional. Sabemos que no próprio espaço transicional coexistem, sem crise nem conflito, o dentro e o fora, o eu e o não-eu, os outros e o si-mesmo, o meu e o não-meu. Essa coexistência é um momento fecundo, supõe uma experiência subjetiva e intersubjetiva de tolerância e de confiança. A experiência de espaço transicional consiste em poder experimentar a ilusão básica de uma continuidade entre a realidade psíquica e a realidade externa, em explorar sem conflito suas flutuações e seus limites.

Assim, para Winnicott (1971), existe um momento ou um campo de transição entre aquilo que seria o período de pura fusão com o peito e o reconhecimento da existência da realidade externa como tal. Este espaço intermediário, transicional, forma parte do campo da ilusão. Os grupos de um modo equivalente constituem um campo de transição entre a realidade interna e a realidade externa. Assim, o mesmo ocorre no espaço grupal, na medida em que a experiência da ilusão é possível nele, com um espaço de uma experiência prévia à simbolização e à diferenciação.

A proposta de Anzieu (1971) é agregar um novo fenômeno de ilusão que não seria já uma ilusão individual e nem a ilusão que está logo expressada na vida social e cultural como a arte, a religião, a criação científica, mas a “ilusão grupal”.

Em síntese, a ilusão grupal é um estado emocional observável em todos os grupos. Como todos os fenômenos imaginários.

É mais intensa naqueles grupos terapêuticos ou de reflexão, nos quais a tarefa permite uma maior margem de ambigüidades e, portanto a estrutura e as regras que se estabelecem no grupo favorecem a emergência dos aspectos fantasmáticos (Terzis, 2009). A ilusão grupal está na base dos fenômenos de pertinência grupal e institucional, que se observa tanto nos grupos

naturais como nos terapêuticos.

#### **4.4 - A literatura científica que trata do processo primário do sonho: um sonho é a realização de um desejo**

Estas clarificações e reavaliação dos conceitos ajudam a contextualizar o caminho que Anzieu (1972) segue. O autor recentraliza sua proposta sobre a noção do “imaginário grupal”, o grupo e sua psicologia própria, desenvolvendo a noção “analogia do grupo e do sonho”. A partir do modelo do sonho propõe um modelo de grupo concebido como entidade psíquica específica: o grupo é como o sonho, o meio e o lugar da realização imaginária dos desejos inconscientes de seus membros, de seus desejos infantis e de seus desejos da véspera. Em ambos, o processo primário é o dominante, ou seja, tanto o grupo como o sonho, debate com uma fantasia subjacente, por isso, os humanos vão aos grupos igual ao dormir quando entram no sonho. Isso implica que, desde a dinâmica psíquica o grupo é um sonho.

A abordagem freudiana sobre o sonho assinala que a formação deste é decorrente, em especial, dos desejos reprimidos da infância. Para tanto, na reflexão sobre o grupo como num sonho, faz-se necessária a mobilização de determinantes teóricos elaborados por Freud e, em especial, dos construtos teóricos de Anzieu. Os textos de Freud, “Interpretação dos sonhos” (1900) e “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), além da obra fundamental “O Grupo e o Inconsciente: imaginário grupal” de Anzieu (1972) são pertinentes nesta discussão.

Conforme Terzis (2005a), o mecanismo da criação e do funcionamento do sonho serve para entreter uma compreensão dos fenômenos correspondentes ao grupo. Cada sonho é constituído por dois níveis: o conteúdo aparente e o oculto. O conteúdo aparente é aquele que é lembrado, uma breve história que pode ser lógica ou absurda. O oculto é o conjunto das idéias que se associam entre si e se metamorfoseiam no conteúdo aparente.

Para Freud (1895, 1900) a elaboração do sonho é um processo de metamorfose do conteúdo oculto no conteúdo aparente que é, de certo modo, uma tradução de uma língua para outra e ocorre no momento em que as idéias passam do território do inconsciente para o do consciente, atravessando igualmente um estágio pré-consciente. Na duração dessa passagem, as idéias são submetidas a modificações indispensáveis. Por conseguinte, os sonhos são

constituídos por esses dois níveis, uma vez que o material a partir do qual eles são criados, provém de pensamentos perigosos e de sentimentos incômodos que foram reprimidos no inconsciente por meio do processo da censura. Essa censura é suprimida momentaneamente durante o sono, mas apenas algumas vezes, já que as expressões plenas dessas idéias inconscientes provocariam sentimentos de agonia e de culpabilidade no sonhador. Desse modo, uma censura parcial continua a dissimular as idéias reprimidas, as quais, durante o sono, são reinvocadas e introduzidas novamente na parte consciente da mente. Além do mais, “devido ao processo de dissimulação, o qual possibilita a expressão de idéias reprimidas, sonhador pode desfrutar o seu sono tranquilamente, enquanto é aliviado da carga dos pensamentos proibidos ou perigosos à sua saúde psíquica” (TERZIS, 2008, P. 125).

Os sonhos contêm idéias reprimidas, desejos e medos que se mostram na superfície de uma forma dissimulada ou distorcida no fluxo de uma longa narrativa. As idéias que estão mais sujeitas ao processo de repressão são tipicamente da fase infantil, principalmente aquelas que se vinculam aos pensamentos e comportamentos proibidos e perigosos – e capazes de provocar angústia e culpa – provenientes, sobretudo, da esfera da vida sexual dos pais (Freud, 1905, 1917).

Desse modo, o sonho é examinado não como elemento que impele ou subverte a trama da tragédia do Édipo, mas como campo no qual se expressam e se comunicam desejos inconscientes que se ligam a fenômenos psíquicos, os quais estão relacionados principalmente com o despertar da sexualidade e com situações edípicas obscuras (TERZIS, 2008).

Anzieu (1975, p. 49) defende a tese de que o grupo é uma realização imaginária do desejo, em que imperam os processos primários do psiquismo, encobertos pelo processo secundário, da mesma forma como realizado no sonho. Ou melhor, “os sujeitos humanos vão aos grupos da mesma forma que, no seu sono, entram no sonho”. Do ponto de vista da dinâmica psíquica, “o grupo é um sonho”. De fato, para o autor, a vivência em grupo reacende a angústia de tal intensidade como é vivida na realização imaginária de um desejo e, nesta medida, “o grupo como um sonho, como o sintoma, é em cada um de seus episódios a associação de um desejo e de uma defesa” (ANZIEU, 1975, P. 50).

O grupo como um sonho, segundo Anzieu (1975), faz com que cada integrante busque um prazer contíguo e intenso de seu desejo, a partir do momento em que busca encontrar no outro, ou no grupo como um todo, o suplemento de seu desejo. Dessa maneira, constrói-se uma ilusão de grupo em que pode imperar livremente o princípio do prazer e satisfação pura,

em que é possível e plausível de se realizarem os desejos.

O desejo efetivado na experiência grupal, bem como no sonho, é algo que remete ao conteúdo que foi reprimido. Aquilo que não pode ser realizado, ou realizado de maneira insatisfatória nas relações interindividuais, na vida privada ou social, pode ser executado alusivamente no grupo. É possível observar como alguns membros do grupo buscam as transgressões sexuais e perversas, sem que percebam conscientemente os limites do corpo do outro e a privacidade deste (TERZIS, 2005).

Anzieu (1975) resume o grupo como um sonho em três aspectos. O primeiro diz respeito ao fato de que o desejo alcançado no grupo, bem como no sonho, é particularmente um desejo reprimido na véspera. Ou melhor, são desejos que não foram realizados nas relações interpessoais, tanto na vida particular quanto na vida social, os quais são dirigidos para o grupo. O autor utiliza como exemplo o bando de adolescentes que se esboroa com a instauração das relações amorosas; o imperialismo do casal e do grupo torna sua coexistência difícil, cada um tendendo a abarcar, o mais completamente possível, o indivíduo em detrimento do outro.

O segundo aspecto diz respeito à regressão infantil dos participantes na situação grupal, pois, da mesma maneira como brincavam de ser adultos quando eram crianças, na fase adulta, quando estão reunidos, voltam àquele período da infância e agem da mesma forma, porém inversamente. Conforme Anzieu (1975) esses indivíduos adultos e reunidos em um grupo podem reviver as experiências infantis ou atuar regressivamente através de condutas como, por exemplo, “monólogo coletivo, os jogos de palavras e as boas piadas, as grosserias, quem falará mais alto que os outros, os acertos de contas entre as pessoas, a incapacidade de empreender uma tarefa sem guia” entre outras (p. 53).

Em relação ao terceiro aspecto, o autor (1975, p. 53) refere que o desejo presenciado no grupo quanto no sonho é “um desejo cujo sentido permanece incompreendido, mas que é anunciador de empreitadas reais onde procurará se realizar”. A satisfação desse desejo no grupo pode ir além da simples realização alucinatória, ocorrendo em atuação, através de objetos substitutos, por vias de mecanismos como condensação, deslocamento e figuração simbólica do desejo.

No grupo são processados os mesmos agentes psíquicos e suas funções encontradas no aparelho psíquico individual, haja vista que os modos de pensamento do grupo e suas

percepções da realidade têm relação com as fantasias individuais de cada um, isso porque, de alguma forma, prevaleceram e progrediram a ponto de contagiar ou causar resistência aos demais integrantes. Ou seja, na constituição de um grupo uma fantasmática circulará entre os membros; é ela que os reúne, tanto na sua coesão operante como na sua angústia coletiva.

Ao ser assemelhado com um sonho, o grupo é, portanto, uma ilusão e é desinvestido como tal da realidade exterior. Para Anzieu (1971), tal desinvestimento objetal corresponde, em termos econômicos, a um transporte da libido para a única realidade presente no aqui e agora, ou melhor, o grupo se torna o objeto libidinal.

Desde a perspectiva freudiana, os processos primários regem as formações e processos do inconsciente, trabalham para manter as melhores condições da satisfação psíquica, organizam a atividade de representação conforme mecanismos que favoreçam a melhor realização (condensação, deslocamento, dramatização, simbolização) do desejo inconsciente e que facilitam o investimento da energia psíquica sobre essas representações. Segundo Kaës (2004) com este objetivo as exigências da censura desencadeiam um trabalho psíquico de transformação. Os processos primários estão ativos na formulação do sintoma, no trabalho do sonho, na configuração da fantasia e nas cadeias associativas, associação livre produzidas pelo agrupamento de vários sujeitos.

#### **4.5 - Método, processo e cadeias associativas em situação psicanalítica de grupo**

Tomando em consideração o método associativo em situação psicanalítica de grupo, foi proposta pela primeira vez, por Foulkes (1964). Não parece que Foulkes havia submetido este método associativo a uma elaboração profunda e seus discípulos não têm desenvolvido investigações nesta direção (TERZIS, 1995). Observamos que a segunda geração dos psicanalistas mobilizados pela prática psicanalítica de grupo, investiga as relações entre o método, a clínica e a teoria. Mas é surpreendente a dimensão da lacuna metodológica que radica nas relações interdependentes entre o método psicanalítico e a construção de seu objeto. Segundo Kaës (2005):

“admite-se empiricamente que o método psicanalítico pode mobilizar as propriedades morfológicas dinâmicas e funcionais de várias pessoas do grupo, para possibilitar a experiência, ou seja, o conhecimento e tratamento de processos e formações psíquicas do inconsciente, que não seriam acessíveis de outra forma” (KAËS, 2005, p. 41).

Três questões principais devem ser feitas aos parâmetros metodológicos especificamente comprometidos no dispositivo e na situação psicanalítica de grupo: quais são as condições das cadeias associativas e os efeitos da associação livre entre vários sujeitos, para cada um deles e no conjunto grupal? Quais são os tipos, os conteúdos e efeitos das transferências e da contratransferência? Ainda, que modalidades, sobre que contextos, a que destinatários se dirigem às interpretações e aos apontamentos pelo grupanalista?

Primeiro, a regra fundamental: “associação livre” se chama assim, porque especifica o enunciado estruturante do método psicanalítico na situação da cura. Isto quer dizer que o propósito fundamental da regra é: abrir ao paciente o acesso da realidade psíquica e a sua atividade mental inconsciente. Expor as especificidades de seus conflitos e de sua economia psíquica (KAËS, 2001, 2003, 2005).

Consideramos que a formulação da regra de “associação livre” seja idêntica à enunciada na cura, as condições intersubjetivas nas quais é exposta e recebida modificam necessariamente os processos associativos e as cadeias associativas. Nos grupos, o conjunto de participantes a posição é de círculo face-a-face com que estão confrontados os membros. E esta é uma das principais diferenças para com a situação psicanalítica do tratamento individual. A disposição espacial dos participantes e do grupanalista numa posição face-a-face em conjunto, propicia a mobilização de experiências fundamentais, tais como: a) é do face-a-face do vínculo materno, sobretudo as experiências transcorridas durante as relações de cuidados e de alimentação, e que reativam modalidades táteis, visuais e olfáticas da comunicação primitiva; b) é a experiência do face-a-face da sedução amorosa e do acasalamento, que é reativada com a revivescência das emoções prazerosas e narcísicas; c) finalmente, é a do face-a-face especular, que ativa o processo identificatório e reativa as angústias de fragmentação, perseguição, a agressividade frente o rival e o intruso. A construção de um corpo individual e grupal unificado, integrado e unido é uma das saídas para lutar contra essas angústias (KAËS, 2004).

Esse aspecto característico da disposição espacial face-a-face é importante para a formação do espaço transicional (Winnicott, 1971), que consiste em poder experimentar a “ilusão”, fundadora de uma continuidade entre a realidade psíquica e a realidade externa (Anzieu, 1971) e, para a formação do espaço onírico do grupo. Esse espaço onírico comporta elementos favoráveis à criação da fantasia do grupo (KAËS, 2005). A disposição espacial face-a-face e o conjunto de pessoas dispõem um espaço a contento para a associação livre em

círculo e a dramatização a esse espaço e esses conteúdos são homólogos aos processos do sonho que levam à figuração icônica dos pensamentos do sonho (KAËS, 2002).

No que se refere às associações verbais livre circulante, os enunciados de um sujeito estão sempre situados no ponto de encontro de duas cadeias associativas: a) uma é comandada por suas representações individuais; b) a outra pelas representações inconscientes organizadoras dos vínculos de grupo e pelo conjunto dos enunciados produzidos pelos outros sujeitos. Kaës (2002) diz que uma interdiscursividade organiza as associações e contextualiza os enunciados conforme essas duas cadeias associativas.

Portanto, observa-se que o funcionamento do processo associativo nos grupos é mais complexo do que aquele que funciona na análise individual. Assim, os processos associativos, a dinâmica, a economia e a tópica das transferências, seguem cursos específicos nos grupos e se organizam segundo modalidades que utilizam todas as potencialidades do campo constituído. Por essa presença plural e simultânea, os processos que se desenvolvem baixo do efeito da realidade psíquica do nível do grupo são portadores dos efeitos do inconsciente que os organizam.

#### **4.6 - Transferência e contratransferência em psicanálise de grupo**

Inicialmente, delimitamos com mais precisão a significação do conceito transferência em psicanálise para depois abordar a questão da transferência em suas dimensões grupais.

Laplanche (1967) diz que em síntese, transferência é o transporte do sintoma e que a palavra *übertragen* tem um significado de transportar em todas suas acepções. Como nossa pesquisa deriva de um teórico francês, convém lembrar que transferência em francês é “*transfert*”, que Laplanche lembra ser conhecida de Freud já em 1888, quando ele traduziu “*De la suggestion*” (Acerca da sugestão), de Bernheim. Estas considerações acerca da compreensão do termo transferência são importantes quando consideramos que Kaës ao alargar as possibilidades da tese de Anzieu (1975) já estaria pensando nas “transferências” já sugeridas nas leituras de Freud sobre o tema da sugestão<sup>1</sup> que aponta para uma dinâmica

---

<sup>1</sup>Hückel (1888, in Laplanche, 1967), exprime sua convicção de que o primeiro “*transfert*” (em francês no original) (o fato de transferir a sensibilidade de uma parte do corpo à parte correspondente do outro lado) feita por uma histerica foi-lhe sugerida em alguma ocasião histórica particular, e desde então os médicos constantemente continuaram a produzir de novo esse sintoma supostamente fisiológico, por sugestão. Freud sublinha, portanto, a idéia de Hückel de que a transferência terapêutica inscreve-se a partir de uma transferência de partida: toda transferência ulterior é transferência de uma primeira transferência (LAPLANCHE, 1967, p. 211).

mais complexa da transferência do que o que consta na tese de Anzieu, ao mesmo tempo em que invoca em Kaës um pensamento de compreensão para as complexidades da transferência no grupo que não cabem no modelo de interpretação do sonho em Freud onde ele quer a certa distância (a partir da tese de Anzieu) atrelar seu método, daí ele mesmo referir-se aos seus conflitos e ensejar sua tarefa de alargamento no campo das transferências e conseqüentemente da interpretação.

A transferência é o conceito que serve de contexto à psicanálise, porque é a partir dela que pensamos a dinâmica da relação clínica entre os sujeitos que se comprometem no processo psicanalítico. Em si mesma, a transferência compõe-se pelo menos de duas noções fundamentais, uma delas, faz referência ao conjunto de sentimentos que se explicitam na vivência clínica, e condensam-se na palavra “amor”, dando assim especificidade à idéia de amor de transferência. A outra noção que contém a palavra transferência não pertence em exclusividade à psicanálise porque é utilizada também pelas ciências contábeis para referir-se aos deslocamentos de valores de uma entidade à outra.

Freud empregou o termo transferência pela primeira vez em estudos sobre a histeria (1895 e 1896). Comentou que a paciente assusta-se ao verificar que está transferindo à figura do médico idéias aflitivas, que surgem do conteúdo da análise. A transferência ao médico é uma ocorrência freqüente e verifica-se através de uma falsa ligação entre um indivíduo que foi objeto de desejos anteriores ao médico.

Freud (1905) definiu que as transferências são as novas edições dos impulsos e fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da psicoterapia e substituem uma figura anterior pela figura do médico.

Até então, a transferência era tratada como um fenômeno que atuava como obstáculo ou resistência do trabalho terapêutico. Alguns anos depois, 1909, Freud observou que a transferência nem sempre era um obstáculo à terapia, mas podia também desempenhar um decisivo fator de convicção não só para o paciente como também para o terapeuta.

Na clínica psicanalítica produzem-se situações propícias para uma nova atualização do passado. Conforme Freud (1914), enquanto o paciente está no tratamento, não estará livre da transferência, que é necessária, imprescindível e inevitável para a continuação do tratamento.

Em 1915, Freud no seu texto “observações acerca de transferência”, declara-se a favor da autenticidade do amor que surge na clínica. Um amor genuíno como qualquer outro amor,

resultante da soma de experiências antigas ou mesmo de repetições de relações infantis. Freud não teme o amor erótico de seus pacientes, considera este amor como uma ponte que se constrói dos seus dois lados. O amor da transferência seria um motor da psicanálise, um poderoso aliado para se seguir em frente o tratamento.

Como consequência disto, para que este amor dê os resultados, o terapeuta está proibido de qualquer possibilidade de satisfação dos desejos eróticos postos na sessão. O terapeuta, para sustentar-se como tal, deve ter a abstinência sexual como o axioma anterior. E assim, quanto mais seguro esteja de que este axioma é inquebrável, mais proveito terapêutico aproveitará do amor. Freud esclarece-nos que a abstinência é necessária, mas não pelos preconceitos da sociedade em que vivemos, senão porque é a única forma que pode levar ao fim o tratamento psicanalítico, por ser esta a forma de manter o amor (FREUD, 1912).

Acerca do amor, encontramos a descrição das características eróticas do paciente que podem por em perigo a continuidade do tratamento psicanalítico. Não é nunca a proposta grossa de ato sexual o perigo, mas sim, a sedução fina, essa que não se mostra mais que ocultando-se aos nossos olhos. Ou seja, a verdadeira sedução é a que pode fazer o analista esquecer, que isso que está em jogo na sessão analítica não é o que o paciente pode supor como objeto desejável. É necessário notar aqui a primeira utilização do termo “contratransferência” usada por Freud (1910), quando diz: “nós temos consciência da contratransferência, que surge no terapeuta como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes, e nos inclinamos a insistir em que o analista haverá de reconhecer sua contratransferência em si mesmo e superá-la”. A contratransferência é um fenômeno inerente à relação humana particularmente na relação analista-paciente.

Freud (1932), pela sua honestidade e responsabilidade científica, teve a coragem de reconhecer que não se deu conta da sua contratransferência, e de quanto isso interferiu de forma não terapêutica sobre sua paciente Dora. A partir deste reconhecimento, muita luz foi lançada sobre a relação terapeuta-paciente.

No início a contratransferência era vista como algo nocivo, um elemento altamente perturbador que precisava ser evitado ou combatido. A sua constatação era evidência de aspectos não resolvidos no mundo interno do terapeuta, não podendo ainda ser aproveitada como material clínico de extrema importância. Cremos que esta posição, talvez excessivamente cautelosa no que concerne ao terapeuta, teve um papel fundamental na salvaguarda da prática analítica séria, profunda e científica, evitando, desse modo, as

chamadas “análises selvagens”.

Freud esclarece-nos desde o começo que as transferências não são uma produção da psicanálise, mas que, sempre existiram tanto em meios clínicos como nos meios educativos e a psicanálise somente se encarregará de desvelá-las (FREUD, 1937).

Diremos então que a transferência é o conceito que serve de contexto à psicanálise, uma vez que uma das noções que a define, é a de repetição e isto implica o deslocamento das vivências do paciente a uma situação atual com a pessoa do analista que substitui a pessoa que era o “objeto anterior”.

Freud (1915) fala a favor da autenticidade do amor que surge na clínica. O resultado de suas experiências mostra-lhe repetidamente que aquele que surge na experiência psicanalítica é um amor genuíno, e tanto como qualquer outro amor.

Esta concepção da transferência na situação de psicanálise individual define uma ação constante da transferência em situação de grupo. Segundo Kaës (2002) o grupo é um lugar de emergência de configurações particulares da transferência: a associação livre circulante e o relato do sonho, oferecido à escuta do grupanalista e de todos os outros participantes do grupo, é um excelente indicador dos movimentos transferenciais que nele se produzem. O dispositivo pluri-individual suscita uma atualização e uma visibilidade das conexões de transferência.

A partir de 1966, Bejarano descreve a especificidade da resistência e da transferência nos grupos. Articula, primeiro, a resistência e a transferência: os mecanismos de defesa contra o reconhecimento dos efeitos do inconsciente se elaboram em resistência, que atualiza ela mesma na transferência conforme as formas específicas que uma e outra tomam na terapia. A resistência não é, portanto, somente um obstáculo ao processo psicanalítico, é, ao mesmo tempo, via de acesso ao inconsciente (BEJARANO, 1982).

Resistência e transferência são os eixos da função interpretante do grupanalista. O essencial do descobrimento freudiano segue sendo válido na situação de grupo. Mas, a transferência se especifica no grupo em quatro modalidades. Bejarano (1982) distingue: a) transferência central sobre o grupanalista, que funciona como imago paterna primitiva (superego infantil ou pai cruel da horda); b) transferência grupal sobre o grupo, portanto, objeto que funciona como imago materna primitiva e como matriz; c) as transferências laterais sobre os outros participantes como imagos fraternas, no modelo da família, da horda primitiva e da sociedade; d) a transferência sobre o mundo externo como lugar de projeção da

destrutividade individual e também da esperança de um mundo melhor.

Os estudos mais recentes sobre a transferência nos grupos não invalidam a essência destas proposições, que foram as primeiras em formular-se. Pelo contrário, a análise clínica confirma seu valor, elas abriram o caminho na exploração dos conteúdos transferidos de modo preferencial na situação de grupo. Tais como, formas primitivas da grupalidade psíquica, a repetição das experiências infantis durante as quais se constituíram os objetos e processos dos grupos internos. A situação de grupo mobiliza e trabalha na resistência e na transferência, nesses conteúdos e nesses processos. Rouchy (1980) assinala a importância da transferência no grupo. Uma característica do trabalho de grupo é que se produzam transferências simultaneamente sobre várias pessoas e de maneira articulada umas às outras: seja pelo deslocamento de objetos internos sobre diferentes pessoas, em uma descomposição de diferentes partes do ego, que adquirem a aparência de objetos independentes uns de outros. Estes objetos só estão ligados pelo processo inconsciente na origem da difração e da fragmentação, seja pelo deslocamento dos objetos internos reencarnados que adquirem seu sentido em suas relações. Deste modo podem ser transferidos no grupo não só objetos parciais ou personagens, mas também elementos recompostos das redes de interações familiares.

Assim, observamos que o grupo é o lugar de emergência de configurações particulares da transferência. O grupanalista, pela necessidade morfológica do grupo, não é o único objeto da transferência. A co-presença dos membros do grupo com o mesmo grupanalista é um dos suportes das identificações entre os participantes, um dos elementos fundamentais do campo transferencial e contratransferencial em situação de grupo. Esta particularidade do espaço psíquico produz efeitos específicos da regressão, das identificações e dos mecanismos de defesa (TERZIS, 1995; BERENSTEIN E BUGET, 1999).

Em resumo, concluímos que o método da associação livre, enunciado como regra fundamental, é o procedimento constitutivo, com a transferência da situação psicanalítica; por isso, o grupanalista o interpreta como um material produzido para uma interpretação.

#### **4.7 - O material produzido em situação de grupo para uma interpretação**

Temos reavaliado que a situação psicanalítica de grupo está estruturada pelo anúncio

das regras que definem o enquadre da experiência e permitem por em caminho, o seu processo. Estas regras fundamentais de associação livre e os correspondentes processos que se desenvolvem, transferenciais e contratransferenciais através do efeito da realidade psíquica do grupo, são portadores dos efeitos do inconsciente que os organizam. A associação livre é inteligível e interpretável neste nível e dentro destes limites.

Porém, a situação de grupo obriga a por em funcionamento uma estratégia da interpretação diferente da análise individual. Em relação a esse ponto, a maioria dos estudiosos (KAËS, 1982; ANZIEU, 1972; TERZIS, 2005) considera que a interpretação deve visar os processos do grupo e não um participante em particular: proceder de outra forma seria instaurar uma análise individual em grupo e estabelecer uma relação privilegiada com um membro do grupo. Acima de tudo, seria sair do enquadre da situação psicanalítica de grupo. Por isso, o princípio da psicanálise é que as interpretações devem estar em ressonância com os processos associativos dos membros do grupo (Kaës, 2002). De acordo com a prática de alguns grupanalistas (NÉRI, 1999; TERZIS, 2006; KAËS, 1982) pode-se em certas situações trabalhar com um participante do grupo, um ponto nevralgico de seu sintoma quando se constata que ele está incluído nos processos do grupo e quando a interpretação endereçada ao grupo é ineficiente. Convém então articular dois níveis de interpretação a que se endereça ao sujeito em sua relação com os vínculos de grupo.

Ainda que a interpretação não seja o único fator terapêutico, ela se constitui, sem dúvida, como o instrumento fundamental. Sempre houve, notadamente nos tempos pioneiros da psicanálise, uma supervalorização da arte de interpretar os significados inconscientes do conteúdo dos sonhos e da livre associação de idéias.

Quando Freud (1923) fala em interpretação de sonhos, evidentemente refere-se ao interpretar do simbolismo implícito no sonhar, reconhecendo inclusive: como se torna impossível chegar à interpretação de um sonho quando se exclui o simbolismo onírico, e como se é irresistivelmente levado a aceita-lo em muitos casos. Em outros momentos, raros, no entanto, se refere ao papel dos símbolos em manifestações não oníricas, como são exemplos os textos de ficção, o uso lingüístico e o folclore, mas o autor sempre adota um tom cauteloso no que se refere propriamente à relação simbólica, fato que não o impede de conjecturar sobre o seu sentido último, como se pode observar no trecho abaixo (Representação por símbolos nos sonhos – outros sonhos típicos, FREUD, 1914):

Em diversos casos, o elemento comum entre um símbolo e o que ele representa é óbvio; em outros, acha-se oculto, e a escolha do símbolo parece enigmática. São precisamente estes últimos casos que devem ser capazes de lançar luz sobre o sentido último da relação simbólica, e eles indicam que esta é de natureza genética. As coisas que estão hoje simbolicamente ligadas provavelmente estiveram unidas em épocas pré-históricas pela identidade conceitual e lingüística. A relação simbólica parece ser uma relíquia e um marco de identidade anterior.

A crença de Freud em uma natureza genética na relação simbólica tem evidente conotação estrutural e dialoga diretamente com todas as vertentes da mesma linha, na área da lingüística, antropologia e etnologia. Hoje, adquirimos novos conhecimentos:

O prefixo “inter da palavra interpretação diz bem do caráter interrelacional do vínculo terapêutico em que se processa um recíproco e contínuo intercâmbio de sentimentos.

Assim a interpretação se forma no terapeuta a partir da elaboração interna de uma série de fatores: seus conhecimentos teórico-técnicos (acerca de livre associação de idéias, o jogo das identificações, as múltiplas transferências , os *actings*, etc.), suas sensações transferenciais, sua capacidade de empatia e de intuição e, em caso de grupos, a sua aptidão em captar o denominador comum da tensão grupal. É útil lembrar que a interpretação também opera pelo entendimento daquilo que não é dito e não é feito” (ZIMERMAN, 1993, p. 126).

No método de interpretação, há uma similaridade de inspiração entre Freud e Kaës em suas criações. Freud (1905) partiu das considerações de Breuer sobre o sintoma, propondo um método para a interpretação dos sonhos inteiramente personalizado, enquanto Kaës (1982), partindo das observações pontuadas por Anzieu (1970) na sua teoria sobre o imaginário grupal, onde o grupo e o sonho têm uma similaridade estrutural, criou um método para a interpretação do grupo cujos parâmetros são similares aos empregados na interpretação do sonho. Para tanto ele empreendeu uma análise da tese levantada por Anzieu (1970) subsidiado por uma atualização dos conceitos da teoria freudiana através de um confronto com teóricos pós-freudianos. As questões levantadas por este exercício levaram Kaës (2005) a formular proposições com o intuito de avançar o modelo de Anzieu propondo um método de interpretação do grupo configurado como um sonho, onde acomoda novos conceitos que faz o contraponto com o modelo de interpretação do sonho de Freud, não apenas com o intuito de manter a lógica epistemológica do método freudiano, mas também o de revelar a necessidade dos avanços propostos no modelo de Anzieu (1970).

Ao introduzir as questões do grupo com pressupostos da psicanálise, Kaës deixa claro

que está lidando com um material composto de elementos similares ao do sonho, “*o manifesto e o reprimido*” que acompanham os desejos explicitados nos sonhos, onde um elemento traz consigo os desejos inconscientes e, ao mesmo tempo estes elementos vão ocupando um espaço através do vínculo estratégico que os membros do grupo fazem entre si. Uma vez organizado em um único material psíquico configura-se o grupo de uma perspectiva plural do sujeito para a pluralidade do elemento como grupo.

A partir de todos estes elementos desenvolvidos, concluímos que, em situação de grupo, primeiro devemos descobrir as funções do sonho e seus efeitos na dinâmica do grupo. É necessário levar em consideração as funções e os efeitos que faz o relato do sonho, feito por um sonhante num grupo.

Todos estes elementos destacam que a escuta e a interpretação não podem se fazer independentes de uma teoria, as economias e dinâmicas psíquicas onde se produzem as significações e onde se cria o sentido.

## 5. CONCLUSÕES

Até hoje as teorias psicanalíticas do grupo se consolidaram na medida em que a construção metodológica se faz mais rigorosa, possibilitando encontrar novas representações dos processos psíquicos desencadeados nos grupos.

As investigações sobre os grupos mostram a invenção de uma nova metapsicologia, criando assim, experiências e conceitualizações que constituíram outros tantos momentos fundadores da invenção psicanalítica do grupo.

O grupo como uma construção do método psicanalítico assegura efeitos do conhecimento do inconsciente, e se encontra no dispositivo psicanalítico de grupo com certas características morfológicas, como a pluralidade, o frente-a-frente, a interdiscursividade, capazes de mobilizar fenômenos e processos psíquicos inacessíveis de outra forma.

Concluimos que as considerações de Freud sobre o sonho não descrevem todas as experiências oníricas que a psicanálise aborda, ou seja, o sonho como uma realização do desejo é como a principal via de acesso do inconsciente.

No grupo o sonho é trabalhado numa multiplicidade de espaços de tempos, de sentidos e de vozes. É desse ponto de vista que a partir do dispositivo psicanalítico da análise, são examinados os sonhos que se cruzam num espaço onírico comum e compartilhado, onde lançam luz sobre a figuração do grupo no sonho.

Dessa investigação, resulta que a psicanálise em situação de grupo se estabelece ao enunciar a regra fundamental de “associação livre circulante”, que põe em movimento fenômenos transferenciais e contratransferenciais próprios do aparelho psíquico grupo.

Todos estes elementos destacam que a escuta e a interpretação não pode fazer-se independentemente de uma teoria dos espaços, as economias e as dinâmicas psíquicas, onde se produzem as significações e onde se cria o sentido.

Estes pontos definem o campo de uma nova clínica psicanalítica, observável tanto na prática da cura individual como na prática das curas de grupo.

É nestas condições que as teorias psicanalíticas do grupo contribuem com a teoria geral da psicanálise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZIEU, D. (1972). *Le travail psychanalytique dans les groupes, 1. Cadre et Processus*. Paris: Dunod, 1982.

ANZIEU, D. (1975). *O Grupo e o Inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990.

ANZIEU, D. E'tude psychanalytique des groupes réels. *Les Temps Modernes*, 242: 52-73, 1966.

ANZIEU, D. Elements d'une théorie de l'interprétation. *Revue Française de Psychanalyse*, 34: 3-67, 1970.

ANZIEU, D. L'illusion groupale. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 9: 73-93, 1971.

BÉJARANO, A. Résistance et transfert dans les groupes. En: *Le travail psychanalytique dans les groupes*. Paris: Dunod, 1982.

BERENSTEIN, I. y PUGET, J. *Lo Vincular: Clínica y Técnica Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

BION, W.R. (1961). *Experiências com grupos*. São Paulo: EDUSP, 1975.

FERNANDEZ, A. *El campal grupal*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1989.

FOULKES, S.H. (1964). *Psicoterapia de Grupo: abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: BUP, 1967.

FREUD, S. (1895) *Projeto para uma psicologia científica*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. I.

FREUD, S. (1896). A etiologia da histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (E.S.B.)*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. IV.

FREUD, S. (1900). Interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. III.

- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (E.S.B.). Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. VII.
- FREUD, S. (1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. *Ed. Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- FREUD, S. (1910). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. *Ed. Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. XI.
- FREUD, S. (1912). A dinâmica da transferência. Trad. J. Salomão. *Ed. Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (E.S.B.). Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. XIII.
- FREUD, S. (1914). Recordar, Repetir, Elaborar. Trad. J. Salomão. *Ed. Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- FREUD, S. (1914). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (E.S.B.). Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. XIV.
- FREUD, S. (1915). Observações sobre o amor transferencial. *Ed. Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 218, v. XIV.
- FREUD, S. (1917) Implemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. XIV
- FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (E.S.B.). Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. XVIII.
- FREUD, S. (1922). Sonhos e telepatia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. XVII.
- FREUD, S. (1923). Observações sobre a teoria e a prática da interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986, v. XIX.
- FREUD, S. (1930). Mal estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (E.S.B.). Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. XXI.

- FREUD, S. (1932). Sonhos e ocultismo, novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986, v. XXII.
- FREUD, S. (1937). Construções em análise. Trad. J. Salomão. *Ed. Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- GREEN, A. *Le discours vivant*. Paris: PUF, 1972.
- KAËS, R. (1993). *O Grupo e o Sujeito do Grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- KAËS, R. *A Polifonia do Sonho: a experiência onírica comum e compartilhada*. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.
- KAËS, R. *Espaços psíquicos comuns e partilhados*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- KAËS, R. *L'Appareil Psychique Groupal: constructions du groupe*. Paris: Dunod, 1976.
- KAËS, R. *L'intertransfert et interprétation dans le travail psychanalytique groupal*. Paris: Dunod, 1982.
- KAËS, R. *La Palabra y el Vinculo: procesos asociativos em los grupos*. Buenos Aires: Amarrortu, 2005.
- KAËS, R. *La polyphonic du rêve*. Paris: Dunod, 2002.
- KAËS, R. La Polyphonie du Rêve et Sés Deux Ambilies: introduction à une recherché sur l'espace onirique. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, 28: 39-60, 2001.
- KAËS, R. *Las teorías psicoanalíticas del grupo*. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 2000.
- KAËS, R. Rêve et utopie dans la cure d'une adolescente. In: NAKOV, A. *et al. Le rêve, cent ans après*. Paris: Dunod, 2003.
- KAËS, R. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- KLEIN, M. (1952). *Os progressos da psicanálise*. Trad. A. Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

- LAPLANCHE, J. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1967.
- MORETTO, C.C. Experiências de uma Equipe Interdisciplinar de Saúde Mental: um estudo psicanalítico. *Tese Mestrado*. PUC-Campinas, Campinas, 2008.
- NERI, C. *Grupo: manual de psicanálise de grupo*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- ORLANDI, M.A.A. Modelo teórico de René Kaës na contextualização dos sintomas depressivos na latência. *Tese de Doutorado*. PUC-Campinas, Campinas, 2011.
- PONTALIS, J.B. La penetration du revue. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 5: 257-271, 1972.
- PONTALIS, J.B. Le petit groupe comme objet. *Les temps modernes*, 211: 1057-1069, 1963.
- PONTALIS, J.B. Rêves dans um grupo. In ANZIEU, D.; KAËS, R. *et al. Le travail psychanalytique dans les groupes*. Paris: Denod, 1982.
- PORTA, L.K. Experiências vinculares entre mães e crianças em UTIs. *Tese de Doutorado*. PUC-Campinas, Campinas, 2011.
- ROUCHY, J.C. Processus archaïques et transfert en analyse de groupe. *Connexions*, 31: 36-60, 1980.
- TERZIS, A. *Psicanálise, Grupalidade e Cultura*. 2ª edição. Campinas: Magister Baron, 2007.
- TERZIS, A. A Festa de Carnaval como Sonho: um estudo psicanalítico. *Revista de Psicologia Plural*, v. XVIII, p. 01-144, 2009.
- TERZIS, A. A Grupanálise: processo e suas regras. *Rev. Grupo-SPAG-Campinas* 3(01): 49-56, 1995.
- TERZIS, a. As atuais condições das práticas analíticas de grupo. *VII Congresso Brasileiro de Psicanálise das Configurações Vinculares*. SPAGESP-NESME. Serra Negra-SP, 2009.
- TERZIS, A. Dimensões teóricas e técnicas da grupanálise. In: *Grupoterapia: teoria e técnica*. Campinas: Quick, 2006.
- TERZIS, A. Interpretação psicanalítica do mito e do sonho. In: *Psicanálise, Grupalidade e Cultura*. Campinas: Máster-Baron, 2005.

TERZIS, A. Interpretación de los Sueños y de los Mitos: una comprensión psicoanalítica. Em ROJAS, M. C. *et al. Perspectivas Vinculares em Psicoanálisis: lãs práticas y sus problemáticas*. Buenos Aires: Asoc. Argentina de Psicologia y Psicoterapia Grupo, 2008.

TERZIS, A. *Psicanálise Aplicada na América Latina: novos contextos grupais*. São Paulo: Via Lettera, 2010.

TERZIS, A. *Psicanálise, Grupalidade e Cultura*. Campinas: Magister-Baron, 2005a.

TERZIS, A. Relacionando Mito-Sonho-Inconsciente: um estudo psicoanalítico. *Rev. Mental-Unipac*, 14: 133-150, 2009.

TERZIS, A. Transferência e contratransferência na psicoterapia analítica de grupo. *Rev. Grupo-SPAG-Campinas: 01*: 95-109, 1995.

TERZIS, A. Uma revisão teórica sobre a interpretação aplicada aos grupos. *VII Simpósio CEFAS: Psicanálise e Intervenções Sociais*. Campinas-SP 2006.

WINNICOTT, D.W. (1971). *O brincar e a realidade*. Trad. ABREU, J.O. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIMERMAN, O. *Grupoterapias*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

**MESA REDONDA**

**“A REINVENÇÃO DE DEUS E OUTROS MITOS DA PÓS-  
MODERNIDADE”**

**Mauro Bilharinho Neves<sup>1</sup>**

“O grande Pã está morto

Plutarco, referindo-se a vozes misteriosas

escutadas no mar, no tempo de Augusto.

“Ai de nós! Onde está a guia, essa afetuosa  
virgem, Ariadne, que nos dará a palavra simples  
para enfrentar o Minotauro e depois, os meios de  
encontrarmos nosso caminho para a liberdade?”

Campbell

“Aquilo a que eu aspiro ...é fazer-me Deus, sem deixar  
de ser o eu que vos falo neste momento”.Unamuno

“O deus Pã não morreu.

Cada campo que mostra

Aos sorrisos de Apolo

Os peitos nus de Ceres-

Cedo ou tarde vereis

Por lá aparecer

O deus Pã, o imortal.”

Fernando Pessoa

---

<sup>1</sup> Psiquiatra e psicoterapeuta que usa ferramentas a psicanálise e a riqueza simbólica dos mitos.

## NOMES DIVINOS

Um escritor americano, comentando as posições de alguns teólogos imaginou a seguinte anedota. Um pregador dirige-se a seus ouvintes:

“De acordo com nossas mais respeitadas autoridades deus não é nada do que se pode pensar. Na verdade posso dizer-lhes que deus nem mesmo existe. Oremos.”

Não é que estes teólogos estivessem afirmando que não há deus, estavam postulando o ser divino como radicalmente diferente dos outros seres. Deus seria o campo, o fundamento que possibilita a existência de todos os outros seres e, portanto, não teria a mesma natureza destes.

Deus é nada e tudo, mas este nada não é um puro vácuo porque “a partir de sua unicidade ele se torna múltiplo embora permanecendo dentro de si mesmo”. É um nada no qual tudo está contido. Consideremos outros nomes de deus.

Seu nome é “Riso”, este bálsamo que se derrama sobre a alma trazendo conforto, renovando as energias.

Seu nome é alegria, estado permanente dos deuses que, vez por outra, o compartilham com homens afortunados.

Seu nome é natureza e com ela brisa suave, riacho cristalino, arco íris na cachoeira, quarto crescente, primavera florida.

Seu nome é luz, claridade do sol, esplendor da lua, Vênus engalanada de mantos, brilho no olhar da pessoa amada.

Seu nome é amor, força de união, festa no coração

Seu nome é dança, celebração da vida, sinfonia das esferas celestes.

Seu nome é “Humano”, morada do extraordinário, pastor do ser.

Seu nome é mistério, flutuação no vazio, alicerce e fundamento do ser.

## A REINVENÇÃO DE DEUS

Nossa cultura é concebida, nos dias de hoje como distante de preocupações com o outro mundo ou a salvação. Nossos interesses parecem dirigir-se a desfrutar os prazeres deste mundo e, acima de tudo, consumir. Um crítico contemporâneo fala de nossa sociedade como um tempo de cinismo e mentira em que todas as qualidades foram desvalorizadas restando um consumismo desenfreado. “Não só a religião ortodoxa como os valores perdem seu sentido diante das transformações rápidas e do surgimento de fontes “superinteligentes” de informação como o sempre solicitado ‘tio Google”.

Diante disto causa perplexidade que a especialista britânica em estudos religiosos Ursula King declare que “o pós-modernismo pode ser visto positivamente como um desafio, uma oportunidade, um presente para a religião no mundo moderno”. A perplexidade se torna maior começam a surgir autores que concebem uma esperança que relacionam com aspectos da religiosidade tradicional ou até com uma enigmática alusão ao numinoso ou a forças não humanas chamadas “espírito” como faz Derrida.

O pensamento pós-moderno relativiza estas concepções que vão do desespero à esperança com possibilidades de compreensão de verdades e valores. Derrida lembra que nosso excessivo secularismo mantém um laço invisível com o seu oposto ou antítese. Dai fenômenos como o retorno da religião ou a recriação dos deuses, ou aquilo que Derrida chama de “plus d’un”ou espírito não serem surpreendentes.

A recente aceleração da cultura pós-moderna acontece a par com o revivescência do fundamentalismo religioso, assim com a globalização corre em paralelo com tendências ao retorno do tribalismo. Estas voltas ao passado constituem-se em reinterações da fé tradicional, das memórias culturais. Baudrillard afirma, a respeito do ataque às torres gêmeas, que a imaginação terrorista mora em nós “como um objeto obscuro do desejo”, daí a repercussão do atentado.

A atual volta à religião, no pensar de Derrida não deve ser confundida com “fundamentalismo” ou “fanatismo”, seria mais adequado descrever o fenômeno com “quase religião”, pós-religião ou pós consciência dualística. O motor destas mudanças seria uma tentativa de libertação do conflito entre a crença e a dúvida. Uma tendência a rejeição de instituições e dogmas na busca de uma espiritualidade baseada na experiência e independente

da doutrina. Em alguns aspectos é como se houvesse um retorno a alguns dos valores da nova era. Entretanto a nova era não avançou significativamente na qualidade de suas produções culturais, atualmente as obras artísticas, literárias e cinematográficas apontam para uma epistemologia e ontologia não mais fundadas em um pensamento binário.

A analogia entre a pós-modernidade e o deserto em “Bem vindo ao Deserto de Real” de Slavoj Žižek mostra que a virtualização de nossas vidas diárias nos leva a uma busca de referências mais sólidas, quando as encontramos não conseguimos mais integrá-las ao cotidiano. Como os místicos nos encontramos no deserto onde nossa fragilidade mostra-se mais clara. É o que Baudrillard nos lembra a respeito do filipino que com seu computador portátil devastou a rede mundial de computadores com sua mensagem do vírus “I Love You”.

As mudanças culturais pelas quais vem passando a humanidade podem entendidas como ciclos nos quais a ênfase nas idéias religiosas e as concepções de deus e de deuses tem variado. Fazendo um recorte para o período de transição que vivemos e que começa a partir do final de segunda grande guerra verificamos que após o grande cataclismo viveu-se um período de retorno à religiosidade logo seguido, na década de sessenta, por um declínio da observância religiosa. Tal como Nietzsche, na sua época, o teólogo americano Harvey Cox afirmou, na década de sessenta, que deus estava morto e que a religião deveria voltar-se para a humanidade ou extinguir-se.

Não demorou muito para que a perspectiva mudasse, já no final da década de setenta tem lugar um ressurgimento da religião com o até então obscuro Aiatolá Komeini e a implantação no Irã de um regime político totalmente dominado por idéias religiosas. Além do Irã em outros países assistiu-se ao advento de várias formas de fundamentalismo preocupadas com participação política, influencia pedagógica e combate à secularização. Ademais tomam como literais as palavras de seus livros sagrados. Como lembra Karen Armstrong, são seletivos em relação aos textos que citam, assim os fundamentalistas cristãos se atêm mais ao livro do Apocalipse que ao Sermão da Montanha sendo que este último exorta os cristãos a amar os inimigos, dar a outra face, não julgar o próximo.

O 11 de setembro de 2009 ocorre numa situação de guerra de fundamentalismos, o oriente muçulmano e o ocidente de predomínio cristão iniciam com a derrubada das torres gêmeas as guerras do Iraque e do Afeganistão que ainda parecem longe de findarem.

Na verdade a origem do fundamentalismo remete aos Estados Unidos, tratava de uma

reação às descobertas científicas e a teoria da evolução das espécies.

Ultimamente este panorama mantém-se com acréscimo de um antes impensável fundamentalismo ateu. Este último denuncia a crença em deus e as idéias religiosas como não só falsas, mas também nocivas. O fundamentalismo ateu antagoniza mais as posições. Alguns cientistas passam a divulgar para grandes platéias, de forma direta e clara que as religiões podem ser causa de problemas e causa do mal. Richard Dawkins é o mais conhecido destes divulgadores do ateísmo. Proclamam que a crença de que Jesus pode ser comido em forma de bolacha possa ser transposta para a idéia de que deus deseja a destruição de Israel, a faxina ética dos palestinos ou os ataques de 11 de setembro. Compreendem a fé como crença irracional. Deus, então, esta, mais uma vez, morto?

Ou será tempo de situá-lo na pós modernidade, na qual como sempre temos a necessidade do mito para dar colorido à vida. Pós modernidade que coloca em foco a noção de realidade e não separa totalmente o real do virtual. Seria este virtual um novo caminho para o sagrado, uma nova maneira de recriarmos os deuses?

## TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA<sup>1</sup>

Geraldino Alves Ferreira Netto<sup>2</sup>

O ponto central do filme em questão, como, aliás, de toda a produção de Nelson Rodrigues, e da humanidade, em geral, consiste em saber como nos havemos com nosso desejo, e qual é o preço a pagar por ele. Já que nosso desejo muitas vezes conflita com a ordem social, temos que decidir se vamos transgredir a lei ou obedecer a ela. E se a lei existe, é porque há desejos que precisam, culturalmente, ser reprimidos, em suposto benefício social. O castigo carrega sempre uma conotação religiosa e moralista, inclusive trágica, como na cultura grega clássica em que os caprichos dos deuses traçam o destino dos humanos. E são deuses malvados que punem de morte a quem deseja. É por isso que, quando alguém faz uma escolha infeliz ou inadequada, é acusado de erro de julgamento, por não se ter sintonizado com os desejos dos deuses. E as grandes tragédias acabam com muito poucos sobreviventes. Nas religiões também há que seguir a vontade de Deus. Desacatar a vontade divina leva ao castigo da doença, da morte, do inferno. A psicanálise teve o mérito de defender o princípio do prazer e desvincular a sexualidade de seu anterior objetivo maior da procriação. Mudou também o paradigma relacionado ao desejo, tanto do modelo religioso quanto da filosofia grega. Em vez de culpabilizar e castigar o desejo, Lacan considera que a única culpa que poderíamos ter é a de não seguir o próprio desejo. É uma nova ética que passa a nortear a economia do desejo. Podemos nos dar mal com a realização de nossos desejos? Isto pode acontecer, mas seria pior se não déssemos chance a eles, porque assim já estaríamos mortos. Em vez de falar em castigo, a psicanálise prefere afirmar que somos donos de nosso destino, que somos responsáveis desde nossa condição de sujeitos, e que temos um preço a pagar por nossas escolhas, numa economia do desejo que também tem seus custos e benefícios.

---

<sup>1</sup> Filme de Arnaldo Jabor, baseado na peça homônima de Nelson Rodrigues.

<sup>2</sup> Psicanalista

## O QUE ESTÁ EM “JOGO” NO FUTEBOL?

Maria Cristina Zago<sup>1</sup>

Dentre os esportes<sup>2</sup> coletivos, a modalidade futebol ocupa um lugar de destaque no cenário brasileiro e em outros países, constituindo-se em um dos esportes mais populares no mundo. Afinal, o que está em “jogo” no futebol que atrai tantos espectadores e praticantes?

Uma paixão que se traduz em números, como por exemplo, as melhores médias de público no Campeonato Brasileiro nos últimos anos: Flamengo - 40.695 (2008); Flamengo - 40.035 (2009); Corinthians- 27.446 (2010); Corinthians - 29.424 (2011)<sup>3</sup>. Outro exemplo da grandeza deste esporte que traduz seu caráter mundial é o estádio *Old Trafford*. Localizado no bairro [Trafford](#), município de [Grande Manchester](#), [Inglaterra](#). É a sede do [Manchester United](#), clube da [Premier League](#) inglesa. Com espaço para 76.212 espectadores, o Old Trafford é o segundo maior estádio da Inglaterra em termos de capacidade, atrás somente do [Estádio Wembley](#), o terceiro maior no [Reino Unido](#), e o décimo primeiro na Europa. O campo, o qual recebeu o apelido de *Teatro dos Sonhos*, por [Bobby Charlton](#) (futebolista inglês)<sup>4</sup>. Inúmeros são os dados estatísticos e eventos que denotam a grandeza deste esporte enquanto fenômeno sociocultural com diferentes formas de manifestação de acordo com o sentido e a modalidade da prática (MARQUES, ALMEIDA e GUTIERREZ, 2007).

O que teria levado Bobby Charlton a apelidar o estádio *Old Trafford* de Teatro dos sonhos? Como poderíamos compreender o sucesso de público vinculado às partidas de futebol e o número significativo de praticantes em todo o mundo? Este artigo busca trazer uma reflexão sobre a modalidade esportiva futebol enquanto espetáculo de massa, como fenômeno coletivo segundo a teoria grupal<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutoranda – PUC e-mail: maria\_zago@uol.com.br

<sup>2</sup>Entende-se esporte como fenômeno sociocultural com diferentes formas de manifestação de acordo com o sentido e a modalidade da prática (Marques, Almeida & Gutierrez, 2007)

<sup>3</sup> Globo Esporte. From the Website: <http://globoesporte.globo.com/platb/teoria-dos-jogos/2012/05/21/maiores-medias-de-publico-da-historia-do-brasileirao/> Acesso: 29/08/2012. - 8Wikipedia. From the Website: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio\\_Old\\_Trafford](http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Old_Trafford) Acesso: 29/08/2012.

<sup>4</sup> Wikipedia. From the Website: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio\\_Old\\_Trafford](http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Old_Trafford) Acesso: 29/08/2012.

<sup>5</sup> Psicoterapia grupo-analítica: análise de grupo como forma de tratamento; o método em questão é analítico (Foulkes & Anthony, 1967); mais conhecida na América Latina como psicoterapia analítica de grupo ou grupoterapia analítica (Osório, 2007).

## PSICOLOGIA SOCIAL DE FREUD E TEORIA GRUPANALÍTICA

A Psicologia Social de Freud (1913; 1921; 1930 [1929] /1996) demonstra seu interesse em compreender as relações indivíduo-sociedade. Freud, no decorrer de sua obra, manifestou o desejo de que a psicanálise pudesse ser aplicada nos campos literário, artístico, mitológico e histórico. Além, de que, logo na introdução de *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego* (1921/1996), o autor considera que embora a psicologia individual se dedique ao homem individualmente, ela não pode desprezar as relações que o indivíduo estabelece com os outros.

Retomando as considerações feitas por Freud no campo da antropologia social em *Totem e Tabu* (1913) e sobre o sonho em *Interpretação dos sonhos* (1900) é possível formular um entendimento psicanalítico a respeito do futebol. Assim como no sonho, o futebol figura como uma oportunidade para a realização do desejo interdito pelas leis morais impostas pela cultura. A psicologia social de Freud (1913; 1921; 1930 [1929] /1996) trazia uma reflexão sobre a origem das sociedades, a religião e também sobre o exército, a partir da psicanálise e dessa forma, introduz dois temas na antropologia: a lei moral e a culpa, ambas originárias do superego surgido a partir de uma identificação com o pai e que permite a entrada na cultura. O superego impõe a lei da proibição do incesto e do parricídio e, portanto, o ônus da incursão na civilização seria o sacrifício da sexualidade e da agressividade. Com a instalação da censura superegógica, que estabelece mecanismos de defesa, o desejo busca caminhos para a realização, sendo o sonho uma das vias possíveis. Nesse sentido, a realização do desejo inconsciente pode ter lugar no sonho. Conforme o próprio Freud (1900) ressalta, o sonho é a realização alucinatória do desejo; o sonho pode ser visto como um sintoma neurótico.

Anzieu (1967/1993) fazendo uma analogia entre o grupo e o sonho considera que o grupo possibilita a realização imaginária de desejos e ameaças: *Os sujeitos humanos vão aos grupos da mesma forma que, no seu sono, entram no sonho. Do ponto de vista da dinâmica psíquica, o grupo é um sonho* (ANZIEU, 1967/1993, p. 49).

O autor complementa dizendo que no grupo real observa-se a tentativa de fazer funcionar a seguinte utopia<sup>1</sup>:

O sonho de um grupo que tornaria possível a cada um a satisfação imediata e incondicional de todos os seus desejos, onde cada um encontraria sem cessar o desejo complementar do seu, é o sonho de uma sociedade exclusivamente regida pelo princípio do prazer, de uma vida coletiva onde os processos primários agiriam em estado puro (ANZIEU, 1993, p. 50).

Segundo Anzieu (1967/1993) a situação de grupo oportuniza uma regressão cronológica ao narcisismo primário, e assim como no sonho produz também uma regressão tópica. As duas instâncias do aparelho psíquico passam a ser o Id e o Ego ideal, este último procura realizar a fusão com o seio (objeto-parcial de amor perdido), fonte de todos os prazeres. Há ainda a regressão formal onde se observa o uso de formas de expressões arcaicas mais próximas do processo primário (gestos, olhares, sorrisos, posturas, mímicas). O tempo também sofre a regressão não sendo mais o tempo cronológico; os fenômenos da repetição e do eterno retorno assumem o lugar da característica temporal da irreversibilidade. O grupo se apresenta fantasmaticamente como o lugar fora do tempo. Dessa forma, um dos aspectos importantes a serem colocados, é que o futebol, enquanto fenômeno cultural do ponto de vista da grupanálise, notadamente pelas concepções de Anzieu (1967/1993), figura como um espaço facilitador da realização alucinatoria de desejo. Há a possibilidade de compreender a torcida enquanto um grupo natural que se reúne no estádio para sonhar. Constrói-se um sentimento de pertença (KÄES, 1976) entre os torcedores, de pertencer a este grupo (agremiação). Assim, há a incorporação do hino do seu time, símbolo, história, etc. A torcida, ao se identificar com determinado time, “veste a camisa”, literalmente, “joga junto”, é sensibilizada pela situação grupal, em outras palavras, ocorre a emergência dos mais variados afetos: felicidade, frustração, raiva, indignação. Embora a partida tenha um tempo estabelecido para seu início e término o tempo não parece ser vivenciado pela torcida como o tempo do relógio; um minuto pode ser infinitamente longo, e uma partida inteira (90 minutos) pode passar rapidamente. Olhos atentos, que não perdem um lance; que ficam paralisados na hora da cobrança do pênalty. A mídia tem nos legado inúmeros exemplos, episódios, que corroboram a compreensão de que uma partida de futebol traz a possibilidade da realização de

---

<sup>1</sup> Utopia: Local ou situação ideais onde tudo é perfeito. O substantivo utopia vem das palavras gregas ou e topos, que significam sem lugar. Refere-se especialmente a um tipo de sociedade com uma situação econômica e social ideal. Frequentemente a palavra é empregada para designar sistemas ou planos de reformas considerados pouco práticos ou irrealizáveis. From the Website: <http://www.dicionarioweb.com.br/utopia.html>.

desejo; convida o participante a sonhar. Assim, as lágrimas são por vezes veículo de expressão de contentamento de torcedores ao presenciarem seu time campeão. No entanto, o que acontece quando a frustração toma conta da torcida, isto é, quando não é possível a satisfação pulsional? Por vezes, manifestações desenfreadas de raiva, como as da torcida do Coritiba ao ver seu time rebaixado para a série B do “Brasileirão”:

As lágrimas da torcida ao apito final do árbitro **Leandro Vuaden** fizeram um triste contraste com a festa do início do jogo, que antevia um momento de glória. Alguns torcedores do Coritiba, que fizeram uma festa linda no começo do jogo, transformaram o gramado num campo de batalha ao final da partida. Alguns invadiram o campo e partiram para cima do trio de arbitragem e dos jogadores e integrantes da comissão técnica do Fluminense. As agressões foram bárbaras e a polícia não conseguiu conter a torcida. Torcedores e policiais foram feridos por cadeiras arremessadas no gramado. Após alguns minutos, a tropa de choque da polícia chegou e houve um confronto em campo. Balas de borracha foram usadas para conter destemperados torcedores Coxas insatisfeitos com o rebaixamento (GAZETA DO POVO, 06/12/2009) 1

As manifestações agressivas dos torcedores foram classificadas pelo repórter Eduardo Luiz Klisiewicz como “bárbaras”, em outras palavras, que parecem não ser condizentes com o momento histórico e social em que vivemos. A imensa frustração não pode ser contida pelos policiais, tal a sua intensidade. Ele noticia que o “campo de jogo”, cenário e palco de partidas esportivas que tem o propósito do lúdico, transforma-se em “campo de batalha”. Porém, contra quem os torcedores se dirigem? O repórter enfatiza: “(...) partiram para cima do trio de arbitragem e dos jogadores e integrantes da comissão técnica do Fluminense. (...) Torcedores e policiais foram feridos por cadeiras arremessadas no gramado (...)”. O relato sugere que os indignados atacam os que supostamente seriam os responsáveis por tanto desprazer. Ao mesmo tempo, se atacam mutuamente, onde parece haver um processo de fragmentação do grupo. O ambiente caótico que se instala dentro do campo, parece refletir o caos no espaço intrapsíquico dos torcedores. Os torcedores ao agredirem os personagens do jogo e outros torcedores agem impulsivamente de forma hetero-agressiva, uma maneira de agir, por assim dizer, que rompe com o comportamento habitual. Pode-se sugerir que nestes episódios agressivos protagonizados por torcedores a capacidade de pensar fica prejudicada (funcionamento segundo o processo secundário).

Dessa maneira, pode-se interpretar que na torcida existe um ‘espírito de grupo’; processos de identificação estabelecem-se entre os membros do grupo em função de um amor

<sup>1</sup> Gazeta do Povo. From the. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/conteudo.phtml?id=952023&tit=Coxa-e-rebaixado-para-a-2-divisao-e-torcida-promove-quebra-quebra>>. Acesso em: 3 out. 2012.

pelo mesmo objeto (time): “*Originariamente rivais, conseguiram identificar-se umas com as outras por meio de um amor semelhante pelo mesmo objeto*” (Freud 1921/1996, p. 130). No entanto, em uma situação de pânico que se instala num grupo frente à desintegração, os laços mútuos se esvaem e faz-se presente um medo gigantesco e insensato.

Finalmente, a grupanálise traz a possibilidade de compreender a modalidade esportiva futebol enquanto fenômeno sociocultural, como um espaço possível para a realização alucinatória do desejo. Dessa maneira, em cada partida de futebol, está em “jogo” a oportunidade do escapismo de um mundo causador de mal-estar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZIEU, D. (1967/1993). *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FREUD, S. (1900) *A Interpretação dos Sonhos*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 4, p. 371 - 700.

FREUD, S. (1908) *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 187 – 212.

FREUD, S. (1913-1914). *Totem e Tabu*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 13, p. 11-191.

FREUD, S. (1929-1930). *O mal estar na civilização*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 81 - 178.

Gazeta do Povo. From the Website: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/conteudo.phtml?id=952023&tit=Coxa-e-e baixado-para-a-2-divisao-e-torcida-promove-quebra-quebra>. Acesso: 3/10/2012

Globo Esporte. From the Website: <http://globoesporte.globo.com/platb/teoria-dos->

[jogos/2012/05/21/maiores-medias-de-publico-da-historia-do-brasileirao/](http://jogos/2012/05/21/maiores-medias-de-publico-da-historia-do-brasileirao/) Acesso: 29/08/2012.

LAPLANCHE, J. (2001). *Vocabulário de psicanálise/ Laplanche e Pontalis*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

MARQUES, R. F. R., Almeida, M. A. B. de, & Gutierrez, L. G. (2007). Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento*, 13 (03), 225-242.

WIKIPEDIA. From the Website [http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio\\_Old\\_Trafford](http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Old_Trafford) Acesso: 29/08/2012.

**O BEM-ESTAR DA CIÊNCIA E O MAL-ESTAR DA CONVIVÊNCIA –  
“THE INCIDENT”:  
UM EPISÓDIO DE *LOST*.**

**Gabriel Lavorato<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Os seriados americanos são produções culturais de massa em amplo crescimento no consumo do entretenimento televisivo mundial. Teóricos da cultura e da mídia têm olhado para estas produções como material de sondagem dos dilemas culturais (Jameson: 1990; Simith:2009; Blakeborough:2008). Este escrito analisa o episódio “The Incident”, do seriado *LOST*, na perspectiva de avaliar, conforme proposta de Jameson (1990; 2000; 2011), a produção televisiva de cultura de massa como retrato das ansiedades, expectativas e manipulação social. O texto do seriado representa a produção cultural de uma época, discutindo as ansiedades sociais que ela produz. Além disso, a mídia também molda opiniões sobre estes dilemas. Focamos nossa análise, através das bases psicanalíticas, no dilema do “Bem-Estar” e do “Mal-Estar” na cultura. Notamos que no episódio em questão figura (Jameson:1990) uma dualidade entre o Bem-Estar do progresso científico na física, na medicina, nos campos da epistemologia e teoria social, mas também as ansiedades que estas conquistas trazem: o receio do custo do progresso como um dilema ético e representado, no texto do seriado, como um custo de violência contra o ser humano. *The Incident* questiona o avanço científico e a constante repetição do trágico e da violência social

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Professor. Esp. em Psicanálise da Cultura (FAVIC/CLASI). Aluno especial de Pós-Graduação do Laboratório de Pesquisa Clínico-Qualitativa (FMC/UNICAMP).

## **O IMPACTO DA HISTERIA NUM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL: REPÚDIO E DOR**

Dra. Bruneide Menegazzo Padilha

Maria Cristina Zago

Desde a sociedade vienense da época de Freud até os dias atuais a teatralidade é, sem dúvida, a expressão do sofrimento psíquico da neurose histérica; palcos diferentes, demarcados pela cultura de sua época, mas que encerram os mesmos enredos em diferentes cenários. O drama do paciente que chega aos Serviços de Saúde Mental pode favorecer leituras diagnósticas que acabam colocando esse paciente a margem dos cuidados que os Serviços oferecem, pois o paciente histérico não possui o status da psicose que legitime seu sofrimento. Dessa forma, a leitura do paciente que chega pode ser precipitada, causando impasses institucionais que se revelam num cotidiano em que pacientes e profissionais, atores que contracenam na cena montada pela impossibilidade histérica, podem se enredar numa complementaridade patológica.

A histeria é uma patologia que acompanha a psicanálise desde seu surgimento. Freud elaborou vários conceitos enquanto atendia em sua clínica pacientes diagnosticadas como histéricas, o que faz com que os estudos de sobre a histeria se confundam com o nascimento do método e da técnica psicanalítica. Ao escutar a miséria mental das mulheres tidas como loucas pela sociedade da época, Freud buscou, inicialmente, através da hipnose, o sentido por trás das paralisias histéricas. Entende-se que um sintoma histérico clássico se manifesta por uma disfunção corporal, quando uma das partes do corpo torna-se suporte de uma significação simbólica inconsciente. Dessa maneira, essa parte pode tornar-se o órgão equivalente inconsciente do órgão sexual comprometendo sua funcionalidade (inibição enérgica). Pode-se dizer que na histeria de conversão ocorre a metaforização do conflito através de conversões simbólicas (Mcdougall, 1996). Nesse sentido, faz-se interessante entender o uso que o psiquismo faz do corpo na histeria.

No final do século XIX, Freud vai à Paris e tem contato com as grandes lições sobre a hipnose e a histeria no Hospital La Salpêtrière. Freud fica impressionado com as

apresentações que Charcot fazia dos doentes ao seu público, o que contribuiu para sua busca pelo que residia além das manifestações histéricas. Apesar do respeito e da admiração pelo Professor, Freud também o questionava e refletia sobre a etiologia da histeria proposta por Charcot (anátomo-clínico da histeria). Não se contentando as leis e as teorias vinculadas à neurologia, com que tanto se especulava, Freud pôs-se em busca de outras explicações para sobre a "doença dos nervos" e vai, paulatinamente, abandonando a visão organicista de sua formação médica ao se deparar com casos de histeria. Posteriormente, entende que o método hipnótico proposto por Charcot não permite uma investigação direta da origem dos sintomas, o que levou a estruturação gradativa de um outro método: a psicanálise. No artigo de 1893, Freud sintetiza aquilo que vai determinar o núcleo de todo pensamento psicanalítico, ou seja, o sofrimento mental tem causas psíquicas: esse é o objeto da psicanálise, um mundo psíquico que se estrutura na singularidade de um sujeito imerso numa cultura. *“As histéricas sofrem principalmente de reminiscências”* (FREUD, 1893, p. 43). Apesar de estar mergulhado num mundo onde as experiências concretas é que determinavam a vivência traumática, Freud se dá conta de que as lembranças, aquilo que ficou como registro mnêmico significativo, é que organizavam reações psíquicas.

Passados três anos, a histeria continua sendo um tema caro a Freud; em 1896 estabelece condições para que uma cena se torne patogênica desencadeando sintomas histéricos: fala da sobredeterminação de fatores e da força traumática. Define, então, o mecanismo psíquico na histeria: *“Propus então, a idéia de que a eclosão da histeria pode ser quase invariavelmente atribuída a um conflito psíquico que emerge quando uma representação incompatível detona uma defesa por parte do ego e solicita um recalçamento”* (FREUD, 1896, p. 206).

Com essa concepção, Freud abandona temporariamente a teoria traumática inicial e, a partir da elaboração do conceito de fantasia, postula que o conflito psíquico inconsciente seria a principal causa da histeria; a ênfase recai não no fato em si, mas sim no significado que o sujeito dá à cena. O foco sai do dado concreto para iluminar o sentido psíquico dado pelo sujeito.

Outro eixo importante desenvolvido é que a cena que abre o palco do teatro histórico tem sempre como ponto a sexualidade no jogo edípico das identificações; é nessa trama que a histórica se vê enrodilhada. Temos também nessa definição elementos que Freud irá conceituar melhor ao longo da sua produção. A idéia de um conflito que emerge de uma

representação incompatível será urdida na segunda tópica com a concepção de superego e, após a teoria da sexualidade infantil, Freud vai assinalar que o conflito nuclear da histeria reside na impossibilidade do sujeito liquidar o complexo de Édipo e evitar a angústia de castração, o que faz com que rejeite a sexualidade (ROUDINESCO, 1998).

As defesas na neurose histérica são organizadas, principalmente, frente à ameaça da angústia de castração. Os mecanismos de defesa predominantes são os que apontam para algum tipo de negação tendo como base o recalçamento. Essa rede de angústias e defesas fazem com que a posse da identidade, de ser um EU, seja precário na histeria; a luta contra a percepção da castração que remete a vivência intolerável da incompletude narcísica faz com que a histérica lute o tempo todo para manter a crença imaginária de que ela continua sendo todas as personagens que habitam dentro dela.

Nesse caleidoscópio de personagens, o vínculo de reconhecimento é fundamental no reassseguramento narcísico que mantém amalgamado a precariedade da estrutura histérica.

A histérica está constantemente pressionada por demandas de obtenção de provas concretas de que é amada, desejada e valorizada e, com isso, constrói relações objetais onde o outro se constrói no apossamento da necessidade narcísica de completude e não como parceiro legítimo do desejo. Quando essa modalidade relacional falha, a castração é vivenciada causando o repúdio das relações objetais.

Outra particularidade da histeria é o quanto a cultura se entranha na formação de seus sintomas. Ainda hoje temos os grandes ataques histéricos da época vitoriana que re-aparecem principalmente nas possessões demoníacas, nas paralisias “curadas” em cultos religiosos, mas também temos patologias próprias de nossa época, como a bulimia, a anorexia, o investimento narcísico exarcebado que leva a busca de um corpo idealizado. Como escutar esse corpo que pode tentar se comunicar através de explosões psicossomáticas, e que muitas vezes não fala nenhuma língua conhecida por nós? McDougall (1996) nos diz que muitas vezes, o corpo serve de quadro ao teatro do Eu. Só a maneira como esse corpo é vivenciado, imaginária e simbolicamente, pode determinar a natureza das representações que podem aparecer.

Um aspecto importante de ser considerado é a plasticidade de sintomas que a histeria produz tendo o corpo como um parceiro que tatua as angústias que não podem ser nomeadas. Desde o início o corpo adquire importância por ter havido uma hiperlibidinização, quase sempre em função de excessivos estímulos erógenos na infância. Assim, entende-se que na

histeria ocorre a expressão de representações recalçadas através do corpo. Nesse sentido, depreende-se de onde provém a base inspiradora para o teatro histórico: a psique se utiliza do corpo para encontrar uma via de expressão para a soma de excitação que advém da dissociação (somatização).

Estamos falando de uma representação que se separa, se cinde para que o princípio da constância se mantenha; o conteúdo ideativo, do qual é necessário defender-se, é afastado da consciência deixando o afeto, que lhe é correspondente, livre no aparelho psíquico. Esse afeto constrói caminhos e, na histeria, o corpo se oferece como destino significando aquilo que o psiquismo não pode mais acessar (FREUD, 1894). Essa é a concepção da histeria de defesa que comporta uma dissociação.

Uma das conseqüências da dissociação histórica pode ser a alucinação. Embora, ao ser vista de fora, esta mantém as mesmas características que na psicose – percepção de algo que não se apresenta na realidade objetiva – na histeria a alucinação assume a função de manter a **qualidade** de formação de compromisso entre o conflito e a defesa, ou seja, a alucinação *representa* o conflito inconsciente que pode ser simbolizado. Já na psicose a alucinação vem como um *retorno do recalçado em sua forma original*, sem a mediação da simbolização. (SIMANKE, 1994). A questão é, portanto, estrutural e não sintomática, o que pode favorecer leituras clínicas precipitadas. No diagnóstico diferencial entre histeria e psicose, fenômenos alucinatórios, distúrbios de linguagem, idéias delirantes devem ser lidos no registro simbólico em que se originaram.

Em *A Imagem Inconsciente do Corpo* (2004), Françoise Dolto, assinala que o corpo pode ser uma via de expressão do sofrimento mental. A autora faz importantes considerações sobre a elaboração da imagem do corpo em suas diversas fases, assinalando que cada etapa é superada por uma castração; nesse sentido, patologias referentes a imagem do corpo são vista como um fracasso do processo de simbolização, isto é, uma insuficiência da linguagem dirigida á criança em uma falta de proibição.

A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante antes mesmo que o indivíduo seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal “Eu” Dolto entende que desde a concepção existe o sujeito inconsciente desejante em relação ao corpo. Para a autora, o esquema corporal é o mesmo para todos os indivíduos, porém a imagem do corpo é particular

a cada um: está ligada ao sujeito e à sua história; é específica de um tipo de relação libidinal. (DOLTO, 2004)

Entende-se que os traumas que não são falados podem ser expressos através do corpo, que se sente traumatizado, em virtude da imagem do corpo estar tramada, urdida no tecido do narcisismo e é esse o palco onde o teatro histérico se exercita. A histeria está relacionada a comportamentos que têm objetivos manipuladores (inconscientes) do outro. Na mulher histérica uma libido frustrada se traduz através de cenas especulares que a paralisam; o seu parceiro sexual se torna o culpado pela não satisfação sexual, enquanto ela experimenta algo da ordem do orgasmo inconsciente no momento em que estas cenas se desenvolvem. Sobre a histeria, a autora assinala; *“parece-me que é o narcisismo secundário que está em perigo;”* (DOLTO, 2004, p. 301).

Na histeria o sujeito se torna prisioneiro de um dizer em seu corpo. Uma paralisia histérica incomoda e faz sofrer; ele acredita ter sido atacado por um agente externo ou por um acidente, ou seja, ele se sente vítima de uma causa que lhe é estranha e, no entanto, é ele próprio seu próprio algoz. Seu objetivo inconsciente é o de capturar o desejo do outro que o frustra, porém acaba se aprisionando. Dessa forma, na neurose histérica, tem-se uma ambivalência do desejo: a satisfação libidinal buscada é simultaneamente desejada e recalcada. Devido a esta ambivalência do desejo ocorre uma regressão das pulsões associando-as a um tipo arcaico de satisfação. Neste quadro, pode-se dizer que a ética da erotização ordena-se em torno da genitalidade (DOLTO, 2004).

É com esse corpo traumatizado, com essa identidade fragmentada e que busca um olhar que consiga ser um amalgama significante, que o paciente chega aos Serviços de Saúde Mental, e a leitura de seu sofrimento pode ser precipitada causando impasses institucionais, pois, muitas vezes os profissionais não possuem disponibilidade interna para ouvir o paciente que se expressa através de somatizações, conversões histéricas.

O comportamento teatral e sedutor histérico pode suscitar reações de repúdio dos profissionais envolvidos na cena. Não é incomum ouvir nos corredores e em reuniões de equipe multiprofissionais falas de indignação e descrença em relação às manifestações dos pacientes histéricos sobre suas dores e queixas, como se no lugar de um intenso sofrimento psíquico só houvesse dissimulação, tentativa de manipulação.

Nesse contexto, encontramos Joana encaminhada a um Centro de Atenção Psicossocial,

um equipamento da Rede Pública de Saúde Mental. Chega por um quadro de heteroagressividade, pensamento ilógico e acelerado, com alucinações auditivas, riso e choros imotivados.

Mas quem é Joana? Em seu prontuário temos que tem vinte e seis anos, é negra, tem 1:75 de altura e estrutura longilínea; Joana é bela segundo os padrões sociais atuais. Estudou até o segundo grau, é auxiliar de produção e tem a intelectualidade e cognição preservada.

Sabemos que foi adotada quando tinha cinco anos por um casal que Joana diz ser sua referência de endereço, pois referência familiar Joana diz não ter. Tem contatos regulares com sua mãe biológica que a visita. Porém, como a mãe também sofre de transtorno mental grave tendo o diagnóstico de esquizofrenia e passa vários meses num Serviço de Internação, Joana nunca a visita; é sempre a mãe que busca por Joana. Os contatos entre as mãe e filha são sempre tensos, acusatórios e Joana cobra o abandono, desamparo, repetindo no vínculo aquilo de que se sente vítima: deixa a mãe esperando, a manda embora recusando qualquer convite para passeios ou aproximações afetivas.

De seus pais adotivos, quase nunca fala, mas, percebe-se no seu discurso, que tanto o pai biológico quanto os pais adotivos ocupam um lugar desafetivado, sem conseguir alcançar um eixo identificatório onde ela pudesse gravitar.

Joana se apresenta sempre com roupas coloridas, decotadas, curtas; se enfeita com brincos grandes, colares e uma quantidade enorme de pulseiras, além de anéis em todos os dedos das mãos e em alguns dedos dos pés.

Labilidade de humor é outra de suas características: começa chorar e rir sem motivo aparente e também ambos, riso e choro, cessam rapidamente se motivos. Tanto seu riso quanto o choro são altos, escandalosos e provocam reações de afastamento das pessoas ao seu lado. Em seu prontuário vemos anotações da equipe que a atende como: “...*crise de choro e riso. Quando recebe atenção a crise desaparece, revelando comportamento manipulador...muito solicitante....paciente poliqueixosa... a contingência humana acalma Joana...*”

Joana nos fala que quer saber o que é ser mãe, como é ter uma mãe, pois diz ser órfã apesar das duas que dizem ela ter.....aponta o desejo da adultez e investe sedutoramente nos homens da Unidade, sejam cuidadores, pacientes, visitas....busca um olhar masculino que diga a ela o que é ser mulher.

Quando em acesso de ira por ter sido frustrada em algum desejo que burlasse as regras institucionais, Joana se lança às mulheres como uma criança sedutora. Possui uma bolsa que vai enchendo com tudo o que lhe é significativo: doces mordidos, receituários, bandeirinhas da festa de São João, pontas de cigarro, bonecas quebradas que encontra no lixo, borboletas. Não permite que ninguém coloque a mão em sua bolsa, nem mesmo olhe dentro para ver o conteúdo.

A equipe se incomoda com o odor que acompanha a bolsa de Joana mas, principalmente, se sente impotente e excluída por não ter acesso aos tesouros que Joana carrega. Quando esse sentimento se torna intolerável, o psiquiatra ordena que Joana seja sedada, pois só assim sua bolsa pode ser esvaziada e todos podem partilhar dos seus segredos.

Quando acorda Joana chora mansinho e, nesse momento, seu choro tem lágrimas, ao contrário da maioria das vezes em que chora com a voz. E Joana recomeça a recolher significantes,

Pede que a levem para fazer outro documento de identidade, não quer mais se ver com a cara de criança que tem no que carrega pendurado no peito, quer um com sua cara de hoje.....mas qual é a sua cara? Joana se sente pressa numa espécie de limbo.

A equipe tenta aconchegar Joana, ouvir suas demandas, que são tantas, mas forma-se um hiato entre a intenção terapêutica e a reação ao que chamam de “manipulação, hostilidade, sedução pra obter o que quer, falsidade...” Forma-se um conluio entre os cuidadores e Joana; o cuidado desejado, pedido, não pode e nem deve ser oferecido, afinal ela está estabilizada. E então a crise reaparece plena, radiante, florida, obrigando a equipe a olhar Joana, tocar Joana, ouvir Joana. Todos os sentidos são solicitados e ocupados. Haldol e Fernegam aplacam a angustia de todos, restabelecendo a rotina institucional.....até que alguém, algum cuidador possa adotar Joana e ajudá-la a suportar a encruzilhada edípica, ouvindo o que ela tenha a dizer na sua linguagem diferente.

É necessário oferecer uma oportunidade de liberdade a sujeitos muitas vezes aprisionados em si mesmos e impossibilitados de desejar. Freud deixa como premissa fundamental a disponibilidade para ouvir o que o paciente tenta comunicar nas suas mais diferentes linguagens. É preciso estar atento a esse “teatro do corpo”, cujo foco deve ser o protagonista da história, da história do desejo. Estar atento ao “sujeito paciente” e não apenas reconhecê-lo por seus sintomas, somatizações.

Por fim, não somos mais os ilustres espectadores das sessões hipnóticas de Charcot; porém, no cotidiano dos diversos Serviços de Saúde Mental, ainda somos os atores adaptados à linguagem ambiente, com dificuldades em acessar o desejo afugentado pela dor. O traumatizante se enreda nas descontinuidades que impossibilitam o acesso a um simbólico que possa significar o enredo de um sintoma e, na maioria das vezes, continuamos boquiabertos, pré-conceituosos em relação a uma dor que, por não encontrar palavras, busca o corpo fragmentado como possibilidade de existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo/Françoise Dolto*. Editora Perspectiva, 2 ed. São Paulo, SP, 2004.

FREUD, S. (1969) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro – RJ. Imago.

\_\_\_\_\_ (1893). Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar. Vol. II.

\_\_\_\_\_ (1896). A etiologia da histeria. Vol. II

\_\_\_\_\_ (1894) *As Neuropsicoses de Defesa. vol. III*

\_\_\_\_\_ (1896) *Novos Comentários sobre as Neuropsicoses de defesa* vol. II.

MCDOUGALL, J. (1989). *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*, 2 ed., São Paulo, SP, 1996. Martins Fontes.

ROUDINESCO, E. (1944). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, 1998 Zahar.

SIMANKE, R. T. (1994). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro- RJ. Nova Fronteira.

## NIETZSCHE E FREUD: APROXIMAÇÕES DO PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE

**Miguel de La Puente<sup>1</sup>**

(1) Para apresentar Nietzsche é necessário situá-lo no contexto da modernidade, que é um movimento de reação contra o romantismo pré-existente, primeiro em termos do romance literário – donde o termo romantismo – e depois num sentido mais amplo, como moralidade, conflito interior, e subjetividade. (2) A modernidade começa já com René Descartes (1596-1650). e é retomado bem mais tarde, com enfoque social, por A. Comte (+1857), na França. Já na Alemanha a filosofia idealista de Kant (+1804), retomada por Hegel (+1831) foi repensada com enfoque social por Marx (+1885) e Lenin (+1929). Na Inglaterra a filosofia tomou o caminho do empirismo de Locke (+1704) e seus seguidores, Berkeley e Hume. (3) Não bastasse o confronto romantismo – modernidade, N. veio ultrapassar essa primeira oposição com uma outra, que ele não chamou de oposição, mas de transmutação dos valores religiosos e morais da cultura cristã para o que ele chamou de niilismo. Pois nem Deus nem moralidade existem. O que existe é só a Terra, os fatos cegos, pois não há espaço para qualquer iluminismo, muito menos religioso. A religião cristã não passa de uma falsa interpretação da história, que aliás não existe, é pura fantasia. (4) Além da investida de N. contra a moral, ele vai além, afirmando que a transgressão é a expressão da liberdade dos fortes. O universo é o resultado de uma força cega, e a vontade humana não vem de Deus, que não existe, mas resulta da força do universo. A humanidade é resultado da Terra. Não há esperanças sobrenaturais. Superar esses velhos valores é próprio do Super-homem, resultado de uma nova humanização, que provém da Terra e não de falsos pregadores do mundo do além. (5) Assim sendo, N. pode ser considerado o precursor da pós-modernidade, de onde Freud parte ao descobrir a psicanálise, abrindo as portas para a contemporaneidade. Enquanto N. declarou-se um entusiasta inovador ao salientar a importância dos instintos na conduta humana, sem construir um sistema teórico, Freud cria de forma sistemática, na clínica e na teoria, um modelo do desenvolvimento mental humano de forma metapsicológica, focalizando as pulsões sexuais inconscientes. (6) N. se posiciona “além do bem e do mal”, abrangendo suas implicações culturais, ao apontar e descrever as mudanças políticas das

---

<sup>1</sup>Psicanalista, Formado em Letras, Filosofia e Psicologia; Doutor pela Universidade de Strasburgo. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

últimas décadas do século XIX. N. torna-se o protótipo antecipatório da arrancada freudiana e o fez através das oposições entre Dionísio, o deus do vinho e das paixões sexuais, e Apolo, o deus do equilíbrio e da onisciência. (7) Inspirando-se em Schopenhauer critica violentamente o cristianismo apolíneo que, segundo N. tentou eliminar os instintos dionisíacos, “transmutando” o Iluminismo da época ao submetê-lo às forças cegas do destino. Enfim, exaltou o Anticristo, atacando declaradamente o cristianismo, tornando-se frontal opositor da moralidade, que para ele não existe – sob o comando do “Assim fala Zaratustra”. N. é um pensador revolucionário.

## **COSMOVISÕES E VÁCUO EXISTENCIAL NA CONTEMPORANEIDADE – UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA.**

\* Enidio Ilario

### **RESUMO**

Através de uma abordagem semiótica e da premissa de que o cinema é capaz de expressar de forma evidente as cosmovisões prevalentes no seu tempo, o presente ensaio pretende contribuir para a reflexão sobre o sofrimento mental contemporâneo. Entre as principais manifestações desse sofrimento, encontram-se sintomas do tipo desrealização e despersonalização, o que sugere que subjaz ao fenômeno, uma crise existencial coletiva, um “espírito de época” niilista, manifesto em produções cinematográficas de diversos estilos e qualidades, mas que têm em comum justamente citações dessa natureza. A partir de tal panorama, o autor propõe alternativas para que no processo terapêutico ou na educação para a saúde seja possível responder a esse desafio, contribuindo para resgatar uma visão de ser humano de maior densidade ontológica.

Palavras chaves: Cosmovisões, cinema, niilismo, semiótica, desrealização, despersonalização.

---

\* Médico, Mestre em Filosofia e Doutor em Psicologia; Professor Colaborador da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP; Médico do Centro de Referência em Reabilitação de Campinas.

## INTRODUÇÃO

O tema que aqui nos propomos a tratar tem sido alvo de muitíssimas teses, ensaios, artigos em diversas áreas das ciências humanas. O vazio existencial na contemporaneidade, em outras palavras, a crise existencial coletiva, cultura de alto risco, mal de época e tantas outras denominações para um fenômeno sentido e ao qual Freud já se referira explicitamente no início do século passado, como mal estar na civilização. Ora, que temos de novo para falar sobre o assunto? Poderíamos em nosso favor dizer que há muito ainda a se dizer e, de fato, o assunto é inesgotável. Inesgotável não pelas suas múltiplas dimensões que sem dúvida é um seu atributo, tampouco pela complexidade inerente, pois tal obstáculo poderia ser transposto através de uma abordagem interdisciplinar, aliás, irrefutável necessidade, pois qualquer outra forma de aproximação seria insuficiente, para dizer o mínimo. Em nossa opinião o que torna o tema sempre atual e com potencia a exigir renovada originalidade é tudo isso, mas, sobretudo o fato de ser único em cada época, o Espírito de Época (*Zeitgeist*), algo que esta implícito no título desse trabalho. Afinal, tratamos do mal de época e a nossa é outra época, não àquela da qual tratou Freud em “O Mal-Estar na Civilização” e “O Futuro de Uma Ilusão” (1927-1931), somente para citar um autor seminal no campo da psicologia, o criador da Psicanálise. Com isso não queremos dizer que a página foi virada, que o nosso é outro mundo, completamente diferente daquele de um século atrás, ao contrário, o nosso tempo também é aquele tempo, aliás, é todo o tempo pretérito, mas acrescido do tempo que nos separa daquele; é o tempo presente. Daí, a pergunta pertinente é: O que nos liga ao tempo pretérito, a esses tempos? A cultura, sim é ela no sentido mais amplo, ou seja, quase tudo o que nos singulariza enquanto espécie e enquanto indivíduos. Essa construção que teve seu nascedouro juntamente com a nossa espécie, pois que a humanidade emergiu juntamente com a cultura, dizemos, a partir do momento em que saímos da segurança do puro instinto. Em que tempo e em qual dimensão imanente ou transcendente se deu essa emergência é sempre alvo de conjecturas e não é escopo dessa abordagem. Basta-nos, como na lógica formal, apelarmos para um axioma, aliás, o axioma fundador. Tudo o mais deve advir desse axioma, não há cálculo sobre a condição humana que dele não derive, não há conjecturas que não se desmanchem na ingenuidade pueril, por dele ter se afastado. Eis o axioma: A cultura é a manifestação propriamente humana, é o legado do passado sempre atualizável no presente e promessa, ainda que vaga, de um futuro. Quanto ao futuro, se foi adjetivado, como o fez Freud, uma ilusão, esclarecemos

não compartilhar tal ponto de vista, ainda que deva ser reconhecido o contexto no qual se expressou o Pai da Psicanálise, quase profeticamente antevendo a culminância da grande crise da utopia iluminista se aproximando, a Segunda Grande Guerra. E o nosso tempo? Se vivemos um mal de época, qual é esse mal? Arriscamo-nos a dizer que o mal de nosso tempo não se circunscreve a crise da utopia iluminista, mas, antes, a crise de todas as utopias. Em outras palavras, se a cultura é fundadora da condição humana, eis que a utopia dela se nutre daí, se vivemos uma crise de todas as utopias, poderíamos conjecturar que vivemos uma crise da própria cultura. Mas, se a crise é da própria cultura também o é da própria condição humana. É tal condição que está ameaçada e é nela e dela que promanam as demais crises, eis a nossa hipótese. Se a modernidade se esgotou parindo a pós-modernidade ou se o que vivemos é uma hipermodernidade, pode parecer uma questão menor, ou seja, pensar-se-ia que pouco importa, pois tal como uma doença, nosologicamente, pode ter duas denominações sem que deixe de ser a mesma, afinal, os sintomas são os mesmos e a etiologia também o é. Será que essa espécie de mal estar pós-moderno bem poderia ser traduzida como sintoma de uma “doença” chamada “projeto humanista” (Humanismo e Iluminismo) o que inclui a racionalidade científica (Racionalismo)? Não nos escapa o fato de que entre as duas formas de se referir ao mesmo mal, frequentemente há diferenças de fundo, diríamos, ideológicas e que aqui se explicitam ainda que em formas hiperbólicas. Para os profetas da “Nova Era” (*New Age*), adeptos da noção de que a crise advém dos excessos do humanismo e racionalismo, a pós-modernidade é um movimento de reação, benéfico, ainda que com inevitáveis efeitos colaterais. Uma febre que antecipa a cura no processo de convalescença, o retorno ao equilíbrio, à “Mãe Terra”, à utopia russoniana do “bom selvagem”. Não um inocente escape primitivista, mas semente de puro irracionalismo, ou seja, o remédio é aquele que mata a cultura e destrói a própria condição humana. Para tais profetas, não há dignidade especial em tal condição, não há natureza humana, antes, haveria um ultraje à “Mãe Natureza” e o remédio, o retorno subserviente e suplicante a ela, eis no que teria resultado a utopia iluminista, puro niilismo. É verdade que na história humana já vimos esse filme na forma do Romantismo, mas esse com o brilho e beleza, dos grandes clássicos da filosofia, falando para sujeitos concernidos no debate cultural sempre pleno de controvérsias. E o que dizer de nosso tempo, onde estão tais ideólogos? Difícil responder em um mundo tão multifacetado, mas arriscamo-nos a suspeitar que eles não têm bandeiras, não têm cores ideológicas, são muitos e a maior parte deles pouco sabe acerca disso.

## O CINEMA E AS COSMOVISÕES

Do ponto de vista semiótico é na estética cinematográfica que encontramos uma excelente forma de prospectar (uma semiologia) os sintomas desse mal de época. Partimos da premissa de que o cinema pode expressar melhor do que qualquer outra arte, o espírito de época, na medida em que atinge de forma impactante, para além de um público restrito, a grande massa, mesmo que na forma puramente caça-níquel dos chamados *blockbuster*. Há nessa arte uma democratização da estética capaz de abarcar todas as outras, seja a música, a pintura, o teatro e assim por diante, dessa forma, exemplificamos com um filme de produção recente e de reconhecida qualidade cinematográfico, do ponto de vista de uma estética formal do cinema, enfim, aquilo que se convencionou denominar de “*cult*”. O “*Melancolia*”, do diretor Lars Von Trier expressa exatamente esse estado de espírito, uma espécie de núpcias, conjugação carnal, com a “mãe terra”, aliás, presente em outras obras do diretor, como no caso do polêmico “*Anticristo*”. Obra bela e instigante, com riquíssimas citações de autores clássicos niilistas e que reatualiza essa tendência no pensamento filosófico de forma primorosa, “*Melancolia*” já traz no próprio título o espírito que o habita. Não é escopo desse ensaio aprofundar hermeneuticamente a abordagem da obra de Von Trier, daí, que nos seja permitido aqui e apenas a título de ilustração, situá-lo nessa singela classificação, como sendo um bom exemplar de cosmovisão niilista. Ora, mas como definir afinal o que é uma cosmovisão? Dizemos que não é possível se falar em cosmovisão sem aludirmos à doutrina dos valores de Max Scheler (1874-1928). De acordo com o filósofo alemão, a realidade axiológica dos valores e seus opostos (antivalores) é anterior à sua existência, ou seja, existem em uma ordem objetiva e a cosmovisão é uma atitude própria, um modo de se posicionar das pessoas perante o seu mundo e surge no contexto da estruturação da própria consciência de valor. A cosmovisão natural (sim, pois há também a cosmovisão científica) capta o que de mais acessível há nas essências, o valor em sua relação com a vida, dessa forma, o ser-no-mundo é definido, a cada momento, no movimento existencial. São forças centrífugas e centrípetas que atuam sobre o psiquismo humano, ou seja, atuam no plano de imanência, embora possam transcendê-lo, pois nesse não há apenas instintos, pulsões ou repulsões, mas atrações exercidas por constelações de valores axiológicos situados no seu horizonte ou mesmo além dele, nas relações intersubjetivas da alteridade. A partir da premissa que o cinema é uma grande vitrine das cosmovisões e seguindo a nossa linha de raciocínio, temos como

contrapartida à premiada obra de Von Trier, outra obra cinematográfica, “A Árvore da Vida”, ganhadora da Palma de Ouro de melhor filme em Cannes. Curiosamente, também lançada em 2011, mesmo ano em que estreou “Melancolia”, a “A Árvore da Vida”, do diretor Terrence Malick, tem matiz diametralmente oposto, diríamos antitético. Igualmente instigantes e primorosas, essas obras cinematográficas têm em comum, um constante tangenciar de temas que confinam ciência e ficção, ou seja, ficção científica. Dois exemplares impactantes no mundo do cinema contemporâneo, premiados e polêmicos, atingiram um público apreciável, levando-se em conta a complexidade daquilo que tratam e deram e continuam dando o que falar e pensar, para além da crítica profissional. Von Trier e Malick nos falam da mesma coisa, dos grandes temas de todos os tempos, da vida e da morte, do bem e do mal, de culpa e do arrependimento, mas nos falam a partir da percepção de nosso tempo, não do tempo de Shakespeare ou mesmo de Thomas Mann. Daí, a partir do que nos falam as manifestações culturais de nosso tempo, podemos pressentir o mal estar que o habita e esse tem expressão real, ainda que fluída, no sofrimento mental com características epidêmicas. Pois bem, aos terapeutas em geral, mas, aos médicos e psicólogos em especial, ousamos perguntar e assim o fazemos: Cabe permanecer em uma posição confortável de estetas, descompromissados com as evidências, com os sintomas e mesmo o diagnóstico do mal de nossa época, expresso na própria crise da crença em uma natureza humana? Em outras palavras, é desejável permanecermos expectantes, em uma pretensa neutralidade científica, diante de uma crise que acomete a própria cultura humana, aí incluída a ciência? Pensamos que não; não quando sob nossa responsabilidade, pessoas padecem de sintomas que podem estar expressando precisamente esse mal, como no caso da desrealização, da despersonalização e de seus mais graves correlatos em termos nosológicos, a desestruturação e desintegração da personalidade, os quadros *bordelines*, manifestações severas de ansiedade, automutilação, suicídio e abuso de drogas. Conjecturamos a partir de tantas evidências que por detrás de tal fenômeno se encontra uma exacerbação do conflito humano básico, aquele entre duas naturezas antitéticas, a natureza e a cultura. Reportando-nos a dialética hegeliana do senhor e do escravo (LIMA VAZ, 1991, v. 2 pp. 55-60), a nossa conjectura é que na sociabilidade pós-moderna não há densidade suficiente para que se estabeleça a identidade plena, o reconhecimento está severamente prejudicado. O paradoxo é só aparente, pois nesse mundo de ampliadíssimas redes sociais, “o outro” encontra-se demasiadamente afastado pela multidão, pela multidão, pelo intangível da virtualidade. Podemos especular que em tal ambiente, o excesso de estímulos visuais e auditivos, não tem sua necessária contrapartida tátil e olfativa, eis aí uma sociedade onanista por excelência, um paraíso fetichista. Esse ser humano de frágil identidade

tem dificuldade em estabelecer sínteses necessárias nas interações sociais inevitáveis, sem a mediação do outro. Esse outro não é capaz de conferir identidade, pois que é virtual apenas potência que muito raramente se atualiza nas relações presenciais, fato que torna o sofredor pós-moderno vítima indefesa de seus mais básicos conflitos internos, ou seja, entre a cultura e a natureza, entre o instinto e a razão e entre o bem e o mal. Aliás, outro filme magistral expressa bem o sofrimento do conflito entre duas naturezas e o risco da desestruturação naquela vertiginosa dança em “Cisne Negro”, premiada obra de Darren Aronofsky lançada em 2010. Nessa obra de grande beleza, espécie de ode dionisíaca, a protagonista bailarina se automutila “sempre que necessita” e eis aí outra manifestação do poder semiótico de síntese entre o belo e o real, que somente o cinema possui. Da crise de identidade, do trágico conflito entre o bem e o mal de “O Cisne Negro”, nesse tempo tão falto de densidade ontológica, “a alternativa” de retorno à natureza, encontra-se magistralmente simbolizada no filme “Melancolia”. É no choque de “duas terras” destruindo-se mutuamente em uma núpcia hecatômbica, que a única fonte de vida no cosmo se finda, um vertiginoso convite ao fim do sofrimento, convite ao retorno definitivo ao pré-formal. Paradoxalmente, mas quiçá propositadamente, em “Melancolia” há uma mensagem, um alerta e com curiosa relação com a estética da obra de Terrence Malick “Árvore da Vida”, a esperança não reside na Terra, está para além dela, a permanência nela é o abraço lascivo e irrevogável da morte. E como se os autores, ambos, dissessem, alcemo-nos desse chão, sempre para além dele, mesmo que plantados nele, eis o fundamento do título de “A Árvore da Vida”, uma citação ao diagrama fundamental da cabala mística judaica, sempre na busca da transcendência, acrescentaríamos, ainda que no plano da imanência. Das esferas (*Sefirot*) inferiores às esferas mais acima, um caminho para o alto e a semiótica muito tem a dizer acerca desse diagrama que não por acaso, encontra forte parentesco na simbologia do *axis mundi* e do totemismo, tais como as mandalas tibetanas, especialmente a Roda da Vida, mas também a própria Cruz Cristã e tantos outros símbolos tratados por diversos autores, em especial, no campo da psicologia, por Jung (1970, 1988, 2007). A atitude constitutiva da natureza humana, a axialidade bípede e hierarquizada na própria configuração do aparato encefálico humano, manifesta-se fortemente na cultura e o cinema expressa mais uma vez tal tendência, através da premiada animação (Festival Anima Mundi) “*The Life*”, dirigida pelo sul-coreano Jun Ki Kim. Nessa obra, a vida se manifesta na escalada alegórica e simbólica transgeracional do totem familiar, sempre para cima e é nesse trajeto e em seu fim, que estrutura-se a existência humana.

## A PSICOTERAPIA E O PRINCÍPIO ESPERANÇA

Não surpreende a utilização cada vez mais frequente da animação de Jun Ki Kim pelos profissionais que atuam na área da gerontologia em palestras e debates, pois o seu significado é de todo claro, independentemente das crenças pessoais. Isso aponta para uma tendência na qual a tomada de posição e escolha de referenciais estruturantes por parte dos terapeutas, pode significar mudança de prognósticos. A teorização em psicologia, para além ou aquém de suas polemicas interescolares, já conseguiu dar conta de fundamentar e disponibilizar técnicas adequadas para fazer frente ao desafio de atenuar os sintomas dessa crise que se expressa como desesperança e niilismo e que tem como pano de fundo a própria crise da identidade humana. As técnicas psicoterapêuticas são diversas, mas subjacente a elas, ou mesmo, apesar delas, deve se ter um fundamento ontológico senão compartilhado pela própria pessoa do terapeuta, mas que o torne apto a respeitar tal necessidade daqueles que estão sob seus cuidados. Falamos de uma psicoterapia capaz de resgatar a esperança, que do ponto de vista semiótico é uma virtude estruturante do psiquismo, ou seja, uma referência psicoterápica capaz de facilitar o estabelecimento de referenciais que atenuem essa errância humana contemporânea. Aliás, se a teoria psicanalítica nada diz acerca do significado metafísico da esperança, não significa que Freud tenha ignorado totalmente esse fenômeno em sua teorização. O termo freudiano representação-meta é certamente o que mais apropriado sucedâneo para o termo esperança e encontra-se basicamente em dois textos: “O Esquecimento dos Sonhos e Os Processos Primário e Secundário - Recalcamento” (A interpretação dos sonhos [Segunda parte] 1900-901). Laplanche e Pontalis (2001, p. 451), por exemplo, aludindo aos primeiros modelos do funcionamento do pensamento na teoria psicanalítica, afirmam que o termo põe em evidência o que há de original na concepção freudiana de determinismo psíquico. Dessa forma, o processo secundário, somente seria possível através da representação-meta, que ao permanecer investida, exerce uma atração tornando mais permeáveis todas as vias que dela se aproximam (Id.). Em outras palavras, as representações que poderiam existir em condição essencialmente estática, no caso da meta são associadas a uma dinâmica, a afetos e pulsões. A Representação-meta introduz um fator teleológico raramente alvo de reflexão entre os psicanalistas a ponto de, por exemplo, uma busca de referências acadêmicas em português, não ter localizado mais do que vinte

publicações com essa palavra chave<sup>1</sup>. Mesmo em inglês o mecanismo de busca localizou pouco mais do que quatro mil referências para *representation-but*. Outro médico e psicólogo, que como Freud vislumbrou a importância da esperança na psicodinâmica foi Franz Alexander, também psicanalista e que se tornou conhecido como um dos criadores da “medicina psicossomática”. É relevante lembrar que o autor de “Fundamentos de Psicanálise” (1946) mostra uma visão particularmente estruturalista da Teoria Psicanalítica, a ponto de desenvolver uma análise que denominou “Teoria Estrutural do Mecanismo Mental” (id.). Nessa obra, Franz Alexander reconhece explicitamente a importância da esperança no processo vital, especificamente no fortalecimento e integração do *ego*, pois os desejos demasiados intensos tornariam a tarefa de integração mais difícil (Ibid. pp. 75-81). O autor concluía, dessa forma, que a esperança estimula tal integração, pois o ego pode tolerar frustrações passageiras, sempre exigidas na coordenação dos desejos diferentes para que formem um padrão racional de comportamento, diz: “Se a esperança desaparece, desejos intensos podem dissociar-se de um padrão integrado e ser liberados tempestuosamente” (ibid. pp. 42-46).

#### UMA VARIÁVEL RELEVANTE

O consagrado psicólogo americano Herman Feifel no capítulo “Morte – variável relevante em psicologia” (R. May [org.] 1988, p. 69), citando o teólogo Paul Tillich cuja influência se fez sentir na psiquiatria americana, baseia sua teoria da ansiedade no postulado ontológico de que o homem é finito, sujeito ao não-ser. A insegurança bem pode ser um símbolo da morte, qualquer perda pode representar uma perda total, por exemplo, Jung (1970) vê a segunda metade da vida como estando dominada pelas atitudes do indivíduo para com a morte (Id.). Outro grande nome da psicologia, Vygotsky (1999, pp. 266-267), sobre essa doutrina diz que o conceito de pulsão de morte, responde à necessidade da biologia atual de dominar a ideia da morte, assim como a matemática teve necessidade em determinado momento do conceito de número negativo. O autor formulou a tese de que o conceito de vida em biologia alcançou uma grande clareza, mas afirma que a ciência ainda não se conseguiu dominar o conceito da morte e que no lugar desse conceito entreabre-se um oco, um lugar

---

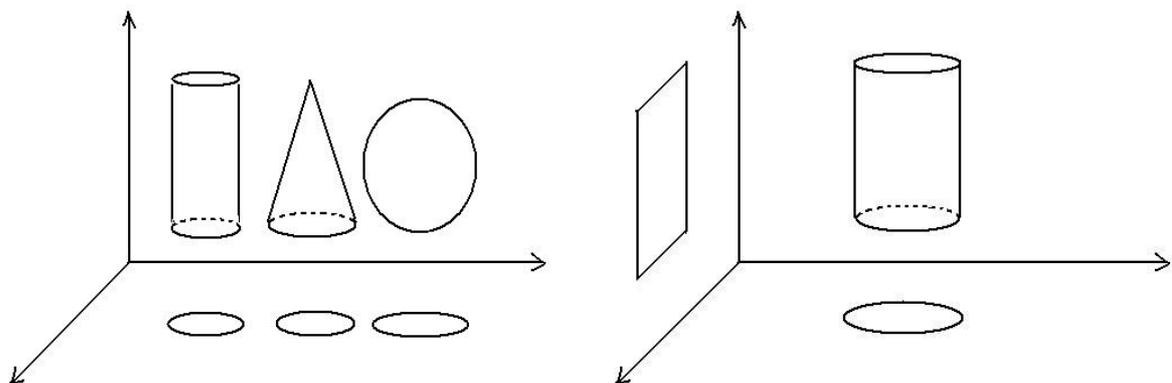
<sup>1</sup> Google Acadêmico (<http://scholar.google.com.br/>), pesquisa realizada em 10 de Junho de 2010.

vazio. Dessa forma, a morte seria interpretada somente como uma contraposição contraditória da vida, como a ausência de vida, em suma, como o não-ser. Contrapondo-se a tal atitude, diz o autor: “A morte é um fato que tem também seu significado positivo, é um aspecto particular do ser e não só do não-ser; é um certo algo e não um completo nada” (Id.). Para Vygotsky “é difícil crer que a morte careça de significado ou só tenha um significado negativo.” (ibid.). Em suma, há um crescente reconhecimento da relação entre a doença mental de alguém e sua filosofia de vida e de morte, em outras palavras, sua cosmovisão, o que significa dizer que essa relação se dá no campo existencial no qual a fenomenologia da esperança e do desesperar, nas quais a variável morte encontra-se de antemão presente, é crucial na prática psicoterápica. Tais reflexões nos fazem pensar que a rejeição quase aversiva à noção de pulsão de morte nos debates que se sucederam à divulgação dessa concepção por Freud, em geral, desconsideraram o quanto essa tem de potência heurística frente à necessidade de compreender fenômenos da psicopatologia. Pensamos que a problemática da morte e do desesperar obrigatoriamente lança-nos ao desafio de encontrar um projeto de psicologia ou, mais do que isso, um projeto de ética para uma psicologia científica. Somente fatos clínicos não bastam para dar consequência a esse tipo de reflexão, pensamos como Vygotsky (1999, p. 335) que há que se garantir o direito do idealismo na psicologia.

## PSICOLOGIA E SEMIÓTICA

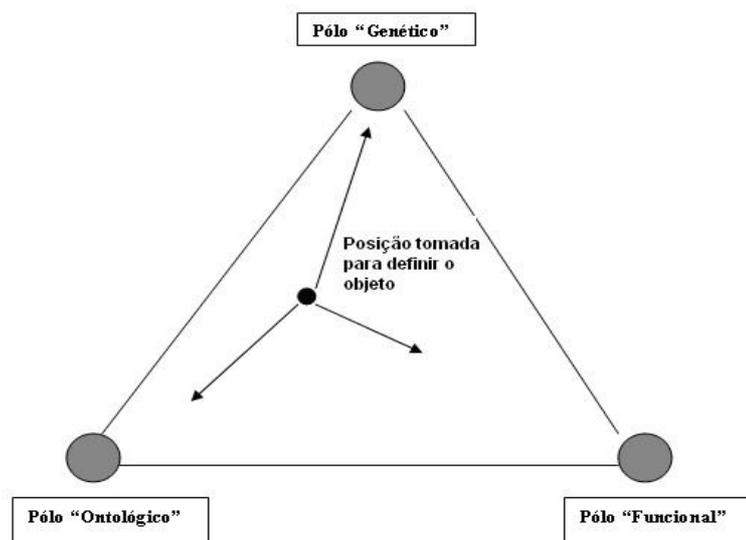
Na medida em que a Semiótica procura estabelecer propriamente o modo de ser dos signos, ou seja, o modo como estes se apresentam à mente na forma de objetos de volição, sejam tais objetos reais ou apenas frutos de sonhos ou de delírios, somos através dela, remetidos a uma reflexão que abarca a própria Psicologia. Defendemos a tese de que somente transitando pelo campo mais geral da Semiótica, poderemos encontrar amparo em teses não deterministas sobre a natureza humana. Por exemplo, mesmo na linguística confessadamente estruturalista, como é o caso de Greimas e outros discípulos de Saussure, devemos reconhecer uma rica contribuição para a psicologia, particularmente quando Greimas se refere aos objetos de valor (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 44). Conforme o autor, o “valor” é empregado em semiótica em duas acepções diferentes: o “valor” que sustenta um projeto de vida e o “valor” no sentido estrutural, como entende Saussure. Dessa forma, a conciliação entre essas duas acepções permitiria forjar o conceito de objeto de valor: um objeto que dá um

sentido (uma orientação axiológica) a um projeto de vida, e um objeto que encontra uma significação por diferença, em oposição a outros objetos. Conforme Greimas, a aparição do objeto de valor depende de fato do que advém das valências: “A valência é uma “sombra” que suscita o “pressentimento” do valor; o objeto sintático é uma forma, um “contorno” de objeto comparável àquele que projeta diante dele o sujeito, por ocasião da percepção da Gestalt” (Id.). Daí, acreditarmos que é na “imagem do humano” que reside o grande desafio e ao mesmo tempo, a grande esperança de se intervir, como práxis, heurística e pragmaticamente nos grandes problemas de nosso tempo. Dessa forma, a pessoa humana tornar-se-ia o axioma fundamental, pois é de uma axiomática axiológica que tratamos quando evocamos, por exemplo, a Logoterapia de Viktor Frankl (1978, p. 67-178) que nos diz que, embora condicionado pelas circunstâncias e pela contingência, o ser humano é sempre existência incondicionada, para a qual o futuro se abre como devir (ou “vir-a-ser”). Daí decorre a necessidade de abordagens não reducionistas na compreensão da fenomenologia humana, particularmente do *homo patiens*, tal como nos mostra o pai da Logoterapia através da dialética da diferenciação qualitativa entre o humano e o subumano, apoiando-se no princípio de complementaridade dimensional (Id.).



Os diagramas de Frankl fornecem uma elegante e significativa analogia geométrica da multidimensionalidade da condição humana e guarda uma indisfarçável semelhança com o diagrama abaixo, concebido pelo lógico francês Le Moigne para expor a sua dialética, como uma forma de abordagem do objeto de estudo por triangulação (1994, pp. 63-64).

<sup>1</sup> Ressalte-se que a analogia utilizada pelo autor se limita a um plano geométrico apenas bidimensional, o mínimo para se definir a identidade dos objetos tridimensionais representados.



Conforme o autor, a definição de um objeto é feita por triangulação: “ele pesa uma definição funcional (o que o objeto faz) uma definição ontológica (que é o objeto) e uma definição genética (o que se torna o objeto)” (Id.). Os diagramas mostram, de forma muito clara, a necessidade de se contemplar as múltiplas dimensões do humano e ilustram a riqueza da semiótica na compreensão dessa dialética interioridade-exterioridade, na qual os resultados elevados a diversos níveis e contraditórios entre si não se mantêm num relacionamento de exclusão, apesar das contradições, pelo contrário, entre as várias dimensões, aquela que é mais elevada abrange, encerra em si, a que lhe é inferior. (Frankl, 1978 p. 42-43). Lembramos que a metapsicologia é uma abordagem semiótica do objeto, utilizada por Freud para tentar explicar e compreender o sofrimento psíquico, tanto em manifestações individuais como sociais e pensamos que, apesar de todas as críticas que têm recebido desde sua concepção, possui uma riqueza e potência heurística que ainda está por ser atualizada. Por outro lado, se o autor dela - a metapsicologia - retirou insights incompletos, diríamos, reduziu a fenomenologia do humano ao bidimensional, no caso, ao psicofísico, isso o fez, em acordo com sua própria cosmovisão (visão de mundo). Pensamos que cabe aos contemporâneos resgatar e atualizar o potencial desse tipo de abordagem, contudo, em bases ampliadas, pois o nosso tempo assim o exige. Em síntese, para além de um corpo erógeno, membro de uma horda e movido principalmente por pulsões sexuais, acreditamos que as modelagens psicológicas devem contemplar a totalidade da condição humana, manifesta na categoria de “Pessoa Humana”, não apenas membro de uma “Massa”, mas também de uma “Comunidade” (*κοινότητα*).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, F. (1965) *Fundamentos da psicanálise*. (trad. Waltensir Dutra), Rio de Janeiro: Zahar Editora.

ANDERSON, Perry (1999) *As origens da pós-modernidade*. (trad. Marcus Penchel) Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

BIRMAN, J. (2007) *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 6ª Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, (pp. 82-85).

ELIADE, M. (2000) *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. [Trad. Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1996. FREUD, S. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

FRANKL, V. E. (1978) *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. (s. l.): Zahar Editores.

\_\_\_\_\_ (1989) *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.

FREUD, S. (2000) *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

GREIMAS, A. J., FONTANILLE, J. (1993) *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. [trad. Maria José Rodrigues Coracini]. São Paulo: Editora Ática.

ILARIO, E. (2011) *Entre indivíduo-sociedade e natureza-cultura: a constituição do ser – uma modelagem para a psicologia*. Tese de Doutorado, Pós-graduação em Psicologia, PUC-Campinas (202 p.). Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_arquivos/6/TDE-2012-02-06T094237Z-1716/Publico/Enidio%20Ilario.pdf](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2012-02-06T094237Z-1716/Publico/Enidio%20Ilario.pdf)

\_\_\_\_\_ (2001) A Bioética frente ao irracionalismo na pós-modernidade. *Revista Bioética*, v. 9, nº. 1 (pp. 13-24), Brasília. Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/bioetica/index.php?opcao=revista&selecionaRevista=17#>

\_\_\_\_\_ (2003) *Uma topologia das visões de mundo como introdução à bioética: uma abordagem transdisciplinar*. Dissertação Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia Área de Ética, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.

JUNG, C. G. (1970) *Arquétipos e inconsciente colectivo*. Buenos Aires: Paidós.

\_\_\_\_\_ (1988) *Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_ (2007) *Fundamentos de psicologia analítica*. [tradução de Araceli Elman]. 13ª edição. Petrópolis: Vozes.

LE MOIGNE, J. (1994) *Théorie du système général: théorie de La modélisation*. 4ª ed. Paris: PUF- Presses Universitaires de France.

MAY, R. *Psicologia existencial* (1988) [Tradução e Ensaio Introdutório: Ernani Pereira Xavier]. Rio de Janeiro: Editora Globo.

SCHELER, M. (2003) *Visão filosófica do mundo*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1986. \_\_\_\_\_ *A posição do homem no cosmo*. (trad. Marco. A. A. Casanova), Forense Universitária, Rio de Janeiro.

VAZ, H. C. L. *Antropologia filosófica I e II*. 4ª ed. [1991 (corrigida março de 1998)]. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

VYGOTSKI, L. S. (1999) *Teoria e método em psicologia*. [tradução Claudia Berliner, revisão Elzira Arantes]. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

## TUDO AQUILO QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA NO AR

**\*Hélio Ribeiro Satalino**

“Tudo o que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas.”

Manifesto Comunista, Karl Marx

Dia 25 de outubro uma moça de 20 anos de Santa Catarina vai contemplar o vencedor do leilão cujo lote arrematado será o direito de desvirginá-la. O ato se dará em pleno vôo a partir da Austrália até a América do Norte. A moça chegará mulher ao seu destino. Declara-se dona de seu corpo e com o dinheiro diz que irá construir casas populares. De fato nunca se viu tamanha internacionalização e socialização de um hímen.

Gostaria muito de ler Nelson Rodrigues comentando o fato, será que o Anjo se impressionaria com a aero -midiática pornografia de hoje? Creio que não. Será que lamentaria nossa atual avaliação mercantil do ocorrido? Afinal, diríamos a ele, ganhando bem que mal tem?

O factóide terá um custo, porém os ganhos o compensarão. Apesar do preço do hímen, da moça praticando esse ato bizarro, esta notícia não tem nenhum valor. Mesmo por que desde que as notícias se fizeram também mercadorias a verdade não tem a menor importância. A experiência humana dela, das mulheres, dos homens e nossas concepções de desenvolvimento da sexualidade são completamente ignoradas. Questões por exemplo: O que representa a defloração? Por que os populares não têm casa para morar? Não são questões agradáveis para serem vendidas.

Esse tipo de factóide, inclusive, prolifera, incha e se inflaciona numa busca compulsiva por um sentimento de compreensão, integridade e consubstanciação pessoal. Busca justificável diante da sempre incompreensível condição existencial humana. Diante do

---

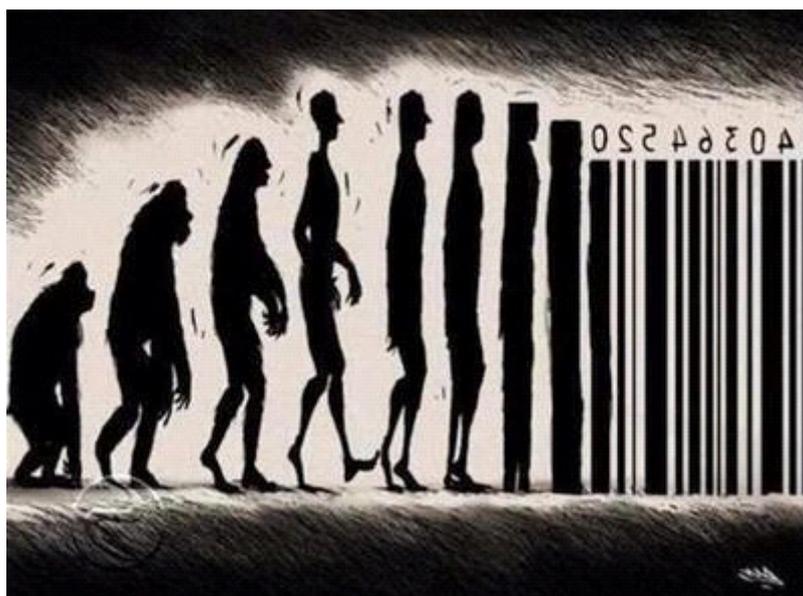
\* Prof. Psiquiatra, Psicanalista , Membro Assoc da Soc Brasil. Psicanálise /SP.

mal-estar daquilo que criamos como cultura que normalmente propõe mais questões de que ela própria, cultura, é capaz de responder. Portanto trabalho difícil.

Reagiremos de forma também mercantil comprando esse produto, consumindo a notícia colocando-nos na vala hipócrita do moralismo do senso comum. Claro! A ética tem também que ser produto de massa e material de consumo fácil e produção de detrito.

A compulsão por procurar significados é da natureza humana. Cria o mal estar, nos expõe ao irrepresentável no universo e em nós mesmos. Teríamos basicamente dois caminhos para lidar com isso. Primeiramente, desenvolver o limitado sistema cultural de compreensão do sentir, pensar e reagir de forma minimamente simbólica produzindo significados mesmo que passageiros e ilusórios que constituem toda e qualquer narrativa de nossa história, pessoal, grupal e como humanidade. Baseada nas nossas relação sociais. Só assim temos uma chance contra o mal que estamos a todo tempo a cuidar. A ignorância diante do enigma da existência.

**Sócrates** dizia que ao males do corpo são cuidados pela medicina, já os males da alma tem que ser cuidados pela política. Aqui vejo como sentido de polis, do múltiplo, do social e dos múltiplos aspectos que são esperados de uma personalidade. Que constitui a história e provoca a inovação e a transformação no presente. Essa transformação também será história amanhã.



Por outro lado temos desde o início do século XX uma iniciativa que se mostra vitoriosa até hoje. Conquistando tudo o que toca. É o que costumamos chamar de *american way of life* que apesar de parecer natural foi cuidadosamente elaborada artificialmente e introduzida por motivos circunstanciais primeiramente nos EUA.

Esta imposição também foi articulada por **Edward Bernays**. Uma amostra magistral de como o capitalismo trata as manifestações que o criticam. **Bernays**, sobrinho de **Sigmund Freud**, chegou a emprestar dinheiro a seu tio em momentos de guerra na Europa. Aplicou as teorias do **Freud** usando-as numa reengenharia reversa contra o sujeito. Transformando o sujeito em massa que é produtora e consumidora. Massa feliz por ter essa tarefa. Levando esse processo às últimas conseqüências. Transformando um mal estar numa anestesia sem fim e sem cirurgia, sem transformação. Processo que não produz mais história e sim detrito. O curioso é que atua no sujeito que a psicanálise propõe tornar mais livre. Segundo **Freud** é esperado que o sujeito se desenvolva em direção ao trabalho criativo e ao amor.

Assim toda a angústia provocada pelos dramas descritos acima tem uma e só uma solução: consumir. Para isso produção em massa, a descartabilidade, a alienação do trabalho, a mercantilização das relações humanas e propaganda repetitiva. O aspecto da propaganda fica claro quando lemos Aldus Huxley, em *Admirável Mundo Novo*, que nos diz que uma mentira repetida 67.400 vezes se torna uma verdade acomodada.

A criação do *homo consumista consumatus* leva a equiparação do *kit* hímen-casa popular com qualquer outro produto que possa ser inserido ao universo sagrado do MERCADO, divindade suprema que nos acompanha mesmo antes de termos nascido e muito depois de nossa morte. Já que prescindimos até mesmo dos contatos pessoais. Já que não temos mais amigos apenas seguidores na *internet*. Seguidores que nos abandonarão assim que as novidades que possamos trazer sejam consumidas. Assim como elas viraremos detrito, como o hímen, como a notícia, como tudo na vida de mercado.



## PERDAS E LUTAS NA CLÍNICA E NA CULTURA

### FILME: MELANCOLIA – (MELANCHOLIA, 2011) - DE LARS VON TRIER, 2011 “UM OLHAR A SER COM-PARTILHADO”

\*Cláudia C. Antonelli

*“Mesmo sem dizer seu nome, as pessoas reconhecem o sentimento melancólico.*

*Está na hora em que você percebe ‘não fazer parte da festa’; no banzo da noite de domingo; na lembrança da morte (...). Trecho extraído de matéria sobre o filme Melancolia, 8-Agosto-2011, Folha de São Paulo*

Como para muitos filmes, mas para este em especial - por sua riqueza indiscutível de imagens, metáforas, camadas, símbolos, condensados de feitos e efeitos -, há várias maneiras possíveis dele nos aproximarmos, na tentativa de ‘entendê-lo’: ou seja, pensá-lo, articulá-lo, e tentarmos dar uma ‘forma’ – através de nossas próprias construções - para a angústia ou para o impacto que ele nos causa.

É um filme inteligente: denso, sensível, imprevisível, e que nos dá a impressão de ser, ao mesmo tempo que intuitivo, *minuciosamente pensado*. Como disse um psicanalista colega nosso, em debate sobre este filme, “*Poderíamos olhá-lo com as lentes da Sociologia, da Antropologia, da História, da Filosofia... ou até mesmo da Economia e das questões capitalistas*”.

Como psicanalistas, falaremos a partir deste “idioma” – a Psicanálise - mas, vestidos desta manta, poderíamos ainda lançarmos nosso olhar de e para diferentes lugares.

Como para o ‘lugar das relações familiares’, tal qual foi o caso da proposta em outro debate sobre este filme, que se deu dentro da própria sala de cinema, em Campinas-SP, no dia 29/09/2011. Esta outra psicanalista em questão, optou por falar dele, ao público presente, fundamentalmente a partir de seu olhar voltado às relações familiares – e do adoecimento destas.

Segundo ela, esta família estava *adoecida*. Todos eles - e não somente Justine, como poderia parecer, a um primeiro olhar desavisado.

Poderíamos ainda *assisti-lo* pelo viés da Psicopatologia – Descritiva ou Fundamental,

---

\* Psicóloga, certificada em línguas estrangeiras pela O.N.U. (Genebra, Suíça)

como quer Fédida ou mais próximos a nós, Manoel Tosta Berlinck. Ou ainda, pelo campo das artes – a partir da fabulosa trilha sonora de Wagner que escutamos ao fundo de algumas cenas, ou ainda dos quadros nele contidos.

Somos ainda ‘tentados’ a pensar cada personagem desta história, como *aspectos de seu criador*: talvez uns mais que outros. Considerando a própria declaração de Von Trier à imprensa, segundo a qual, o diretor “*seria/estaria representado, em seu filme, pela personagem Justine*”.

Mas não somente em Justine. Poderíamos talvez supor aspectos de seu criador na mãe cética ao casamento e a outros acordos tácitos da vida; no pai, debochador das etiquetas, porém com alguma possibilidade afetiva; no chefe de Justine – que lhe ‘exige produção’, no momento mais inoportuno; no noivo, que ‘marca o tempo’ da realidade *externa*; na irmã, contra-ponto de Justine; na criança, o sobrinho: a fantasia, e a possibilidade de construção de uma ‘*cabana mágica*’. Em John, o marido - capitalista e cientista. E até mesmo no mordomo, de Von Trier haja um pouco: o que organiza, reorganiza; contém, e *serve aos outros*.

Talvez von Trier ‘*tenha e seja disto tudo um pouco*’. Afinal, a obra é sua.

O filósofo Luiz Felipe Pondé escreveu uma matéria sobre este filme na Folha de São Paulo (8/8/2011). Concluiu assim seu artigo deste dia: “Imagine, por um instante, se Justine tiver razão e estivermos mesmo sós num universo feito de cinzas (...)”.

Propomos aqui não ‘decidirmos se Justine tem ou não razão’ – afinal, qual razão? há tantas... Nem tomarmos os fatos de Melancolia como factícios de uma lógica cartesiana, racional. Pois em assim fazendo, correríamos o risco de escutarmos um ‘*Tale told by a fool*’ como diria Shakespeare (“Um conto contado por um louco”). Justine – assim como os outros personagens, e o filme em si – parece-nos, têm ‘sua própria razão’: complexa, interligada, multifacetada – tal qual o inconsciente.

De todas as formas, ao invés de ‘partilhá-lo’ nestes inúmeros aspectos nele contido – e muitos outros ainda não mencionados -, a proposta aqui hoje, é ‘*juntar*’ estes fragmentos todos – ou ao menos, alguns deles - e compartilhá-lo.

## APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

### ESCOLA COMO ORIENTADORA DE PAIS NUMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

\* Sylvia F. Labrunetti

A orientação de pais na escola é uma prática necessária para o esclarecimento e suporte de questões emocionais relacionadas à criança. Essa orientação que, de modo geral, é dada por professores, muitas vezes não é adequada ou não segue um referencial teórico, transformando a orientação em uma simples conversa de senso comum. Nos casos de encaminhamento à psicoterapia que, muitas vezes é extremamente necessária, não existem possibilidades viáveis na maioria das escolas da realidade brasileira. Deste modo, a prevenção e o trabalho profilático são, talvez, a única possibilidade de ajuda nas questões emocionais que um ambiente educacional pode fornecer. Neste trabalho, procura-se apresentar as contribuições de Winnicott no que se refere às orientações de pais, mães e educadores com base em sua teoria sobre o amadurecimento emocional. Seus textos - muitas vezes escritos para leigos - orientam os envolvidos com as crianças de modo a contribuir com a prática de quem cuida de crianças; sempre com o objetivo de proporcionar um ambiente favorável para o desenvolvimento destas. Em seus escritos, o autor considera que o conhecimento da criança por parte dos pais e professores é fundamental para o desenvolvimento saudável dela, e, por isso, deve-se fortalecer a relação entre escola e família nos casos de identificação de uma fase difícil, um sintoma apresentado ou até mesmo nas orientações possíveis que podem funcionar como prevenção para problemas emocionais futuros. A escola tem, assim, um papel fundamental na orientação de pais, já que, em muitos casos, é o único contato que estes têm com algum tipo de orientação profissional, embasada numa teoria sobre o desenvolvimento humano. Para isso, os professores também necessitam do preparo adequado para cumprir este

---

\* Sylvia F. Labrunetti é psicóloga clínica e escolar. Doutoranda pela instituição PUC-Campinas na linha de pesquisa Prevenção e Intervenção Psicológica, dedica-se ao estudo da agressividade no ambiente escolar do ponto de vista de Donald Woods Winnicott, orientada pelo Prof. Dr. Leopoldo Fulgencio. Atua na área escolar e é mestre em Psicologia Escolar pela mesma instituição. Ministra aulas de Psicologia e Educação na Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba – FEFISO.

papel, já que possuem a responsabilidade de auxiliar a criança e sua família com fins terapêuticos. Deste modo, a teoria de Winnicott é um referencial teórico possível de orientar profissionais da educação, assim como familiares, para uma prática que promova a saúde e o amadurecimento emocional das crianças.

O presente texto faz parte do trabalho de doutorado, ainda em andamento, no qual estuda-se as possibilidades de prevenção da tendência antissocial no ambiente escolar através da perspectiva da teoria de Winnicott a respeito das questões que implicam essa problemática. Considerando que a escola representa vários papéis e exerce diversas funções numa comunidade, destaca-se aqui o papel que a escola possui com relação aos pais que, muitas vezes, têm a escola como único ponto de contato com orientações profissionais advindas de estudos científicos baseados no conhecimento do desenvolvimento humano em seus amplos aspectos. Partindo dessa idéia, deixamos aqui algumas contribuições de Winnicott para a escola enquanto orientadora de pais e mães a respeito de seus filhos no sentido de educá-los, acolhê-los e orientá-los de modo a contribuir para seu desenvolvimento afetivo e sua maturidade, assim como a de seus pais que, além de cuidar dos filhos, muitas vezes, necessitam também de auxílio da escola para as próprias dificuldades emocionais.

Winnicott considera que o contato dos pais saudáveis com a criança é essencial para o desenvolvimento emocional dela e que estes fazem o papel de terapeutas, muitas vezes, somente por intuição. Para o autor, os pais exercem, em muitos casos, a função terapêutica através da administração do bom cuidado de seus filhos. Ele afirma:

[...] na grande maioria dos casos, os pais obtêm êxito em seus tratamentos por administração e não necessitam de ajuda de fora nem consultam um psiquiatra. De fato, eles conduzem suas crianças através das fases de comportamento difícil até que sejam superadas e adotam técnicas complexas que são parte integrante dos cuidados parentais. O que eles não podem nem devem fazer com o filho é esse trabalho psicoterapêutico, no qual é atingida uma camada que a criança mantém em reserva, fora do alcance dos pais, e que entra em contato com o inconsciente dela (WINNICOTT, 1966c, p. 299)

É bastante comum que professores, pais, mães e educadores de modo geral, optem por seguirem livros, dicas e orientações de profissionais da saúde, médicos, psicólogos, assistentes sociais, de modo que, em muitos casos, subestimam o próprio conhecimento de seu filho ou aluno. A teoria winnicottiana vem contra esta visão apesar de contribuir em muito com todos estes papéis com relação à criança, ou seja, Winnicott considera que o lugar mais apropriado para o desenvolvimento de uma criança seja um lar suficientemente bom para o desenvolvimento e crescimento desta criança, de modo que, se o ambiente é bom, não deve

ter interferências de profissionais capacitados de diversas teorias, pois o bom lar supre de modo mais adequado todas as necessidades de uma criança. O autor afirma que:

É o funcionamento usual de bons lares que necessita de prioridade, pela simples razão de que as crianças que estão sendo criadas em seus próprios lares são as únicas que apresentam condutas satisfatórias e compensadoras; são cuidados dispensados a essas crianças que dão dividendos (WINNICOTT, 1965k, p. 195).

Assim, o cuidado que educadores e especialistas em crianças devem ter é delicado e deve-se sempre considerar que o bom lar possui um funcionamento suficiente para uma criança, oferecendo o que suas necessidades requerem. Num conselho dado por Winnicott, o psicanalista diz:

[...] devemos cuidar de nunca interferir num lar que esteja em pleno funcionamento, nem mesmo em nome de seu próprio bem. Os médicos são especialmente propensos a se intrometerem entre mães e bebês, ou pais e filhos, sempre com as melhores intenções, é claro, com vistas à prevenção de doenças e à promoção da saúde; e, nesse sentido, os médicos não são, em absoluto, os únicos infratores (WINNICOTT 1965k , p. 195).

Uma criança que se desenvolve num ambiente favorável em casa possui poucas dificuldades no ambiente escolar e isso não deve ser confundido com a visão moralista de ambiente estruturado enquanto formado por pai, mãe e filhos. A provisão ambiental pode ser fornecida por mães, pais, avós, pais substitutos, tias etc, de modo que o que é fundamental é a adequação deste ambiente para as necessidades da criança e não o estado social ou civil da família. Para uma criança pequena, o verdadeiro grupo é sempre o próprio lar e pode ser desastrosa a necessidade de uma ruptura na continuidade da administração familiar.

Winnicott escreve em sua teoria a importância do ambiente para que haja uma continuidade do crescimento emocional, aprofundando, assim, nas características deste processo e nos vários estágios em que pode existir um “perigo”, ou seja, estágios mais delicados, em que alguns acontecimentos provenientes dos instintos ou de uma deficiência ambiental necessitam de maior atenção.

Consideramos, portanto, com base na teoria de Winnicott, que a criança caminha da dependência para a independência de modo que, gradualmente, passe a identificar-se com grupos cada vez mais amplos, sem perder o senso de si-mesmo e de espontaneidade individual. Assim, na escola, a criança passa a frequentar esses grupos de forma gradual, para que possa desenvolver-se enquanto indivíduo e cidadão inserido numa sociedade. O autor afirma:

No início da idade escolar, a escola proporciona uma extensão e ampliação do lar. Se à criança pré-escolar for propiciado o ingresso num jardim-de-infância, veremos que este está

integrado com o lar e não dá muito peso ao ensino propriamente dito, porque a criança dessa idade necessita é de oportunidades organizadas para brincar e de condições controladas para o início de uma vida social (WINNICOTT, 1965s, p. 216).

Diante destas colocações a respeito da importância de um bom ambiente nas fases iniciais da vida, assim como de condutas e procedimentos que pais devem ter, a função da escola passa a ser além da função de educar, a função de orientar pais e famílias no sentido de proporcionarem bons ambientes a seus filhos. Deste modo, a escola, assim como a assistência social, pode fornecer profissionalmente uma ajuda que seria propiciada pelos pais não-profissionalmente.

Winnicott considera o trabalho da assistência social como este trabalho profissionalizado da função normal dos pais e das unidades sociais locais. Assim, no presente trabalho, estendemos esta função também para professores considerando a importância e a facilidade do contato entre estes e os pais das crianças que necessitam desta orientação, além do papel social que a escola deve ter, principalmente em comunidades carentes de orientação profissional. Este trabalho seria uma sustentação de pessoas e situações, para proporcionar uma oportunidade às tendências de crescimento, que estão presentes o tempo todo em cada indivíduo, exceto nos casos onde não se há mais esperança, por conta de repetidos fracassos ambientais. Ao proporcionar um ambiente de sustentação, cria-se a oportunidade para que estas crianças desenvolvam a tendência de integrar-se, de harmonização corpo e psique, de estabelecer laços de uma pessoa com outra e de desenvolvimento da capacidade de relacionamento com objetos. Essas tendências somente não avançam se forem bloqueadas por falhas de segurança e de satisfação dos impulsos criativos do indivíduo.

A psicoterapia que, em muitos casos seria extremamente necessária, não é uma possibilidade viável na maioria das escolas da realidade brasileira. De modo que a prevenção e o trabalho profilático são, talvez, a única possibilidade de ajuda nas questões emocionais que um ambiente educacional pode fornecer. Esta dificuldade sempre esteve presente em diversos países e há muito tempo, de modo que Winnicot afirma, em 1965:

No momento atual, falando em termos gerais, a psicoterapia pessoal não é uma política prática. O procedimento essencial é o fornecimento de uma alternativa para a família (WINNICOTT, 1965K, p. 203).

Ao ouvir os pais, professores e equipe educacional estão, muitas vezes, dando uma oportunidade para que estes reflitam sobre seus filhos e sobre si mesmo. Ao ajudar seus filhos, os pais também ajudam a si mesmos e, assim, um diálogo entre pais e professores (desde que os professores estejam bem preparados) pode ser terapêutico mesmo que este não seja o

principal objetivo dentro do ambiente escolar. Um conselho dado por Winnicott nos faz entender a grande responsabilidade e importância que o autor dá aos pais:

É embaraçoso, mas terrivelmente verdadeiro. Se vocês querem uma vida tranqüila, recomendo ou que não tenham filhos (já que terão que lidar consigo mesmos, o que poderá ser mais do que suficiente) ou então que mergulhem de cabeça, logo de início, quando o que vocês fizerem poderá (com sorte) ter o efeito de levar esses indivíduos a superarem a fase de impostura antes de chegarem à idade de enfrentar o princípio de realidade e o fato de que a onipotência é subjetiva (WINNICOTT, 1984b, p. 126).

Assim, a escuta inteligente, focada nas verdadeiras dificuldades e no modo como se pode ajudar quem está falando é, muitas vezes, fundamental para uma boa orientação educacional no que diz respeito às dificuldades emocionais da criança em questão. O trabalho terapêutico deve possuir essa ferramenta de saber ouvir, porém, quando se trata de se trabalhar com pessoas, principalmente pais, o saber ouvir é fundamental também para educadores. O trabalho entre educadores e terapeutas possui muitas diferenças. Porém, algumas semelhanças podem contribuir para que o educador possa ter um preparo em sua escuta quando chama pais para uma conversa, o que é bastante comum no ambiente escolar. Estas conversas podem não ser produtivas, e, em sua maioria não são, por uma falha no modo de se comunicar com os pais. Muitas vezes, pensa-se em colocar regras e imposições aos pais no que diz respeito à conduta de seus filhos quando, de fato, o que seria produtivo era somente ouvi-los. Winnicott comenta:

[...] quantas das dificuldades dos pacientes decorrem simplesmente do fato de que ninguém jamais os escutou inteligentemente! Descobri bem depressa, há já 40 anos, que coletar as histórias de casos, tal como são relatadas por mães é, por si só, uma psicoterapia, quando isso é bem feito. Deve-se dar tempo ao tempo e adotar naturalmente uma atitude não-moralista; e quando a mãe tiver terminado de dizer tudo o que tinha em mente, poderá acrescentar; agora entendo como os sintomas atuais se enquadram no padrão global da vida da criança na família, e posso agora conduzir melhor as coisas, simplesmente porque o senhor me deixou contar a história toda à minha própria maneira e no meu próprio tempo. Isso se refere não apenas aos pais que trazem seus filhos pequenos. Os adultos confessam isso a seu próprio respeito, e poderíamos dizer que a psicanálise é uma extensa, muito extensa, coleta de histórias (WINNICOTT, 1984i, p. 264).

Com um enfoque na criança, os professores podem perder-se na conclusão e avaliação de qual é a criança que precisa ser vista com mais cuidado, ou seja, qual é o menino ou menina que estão precisando de pais melhor orientados. Aqui entramos em uma importante intersecção dos trabalhos familiar e escolar, pois somente pode-se “determinar se havia, de fato, um ambiente suficientemente bom nos primeiros tempos ao prover um bom ambiente e observar que uso a criança pode fazer dele.” (WINNICOTT, 1965k, p. 197).

No texto “A criança desapossada e como pode ser compensada pela falta de vida familiar” (1965k), Winnicott faz uma classificação dos lares e outros fatores a serem considerados nos casos de lares desfeitos para ajudar melhor uma criança que sofreu privação. Os itens colocados por Winnicott estão numa ordem crescente de dificuldades ambientais, de modo que o primeiro apresenta um ambiente mais favorável que o segundo, e assim sucessivamente.

- (a) Bom lar comum, desfeito por um acidente com um ou ambos os genitores.
- (b) Lar desfeito pela separação dos pais, que são bons pais.
- (c) Lar desfeito pela separação dos pais, que não são bons pais.
- (d) Lar incompleto, porque não existe pai (filho ilegítimo). A mãe é boa; os avós podem assumir um papel parental ou ajudar, em alguma medida.
- (e) Lar incompleto, porque não existe pai (filho ilegítimo). A mãe não é boa.
- (f) Nunca houve um lar. (Winnicott 1965k, p.197)

Além disso, há ainda uma classificação cruzada feita por Winnicott:

- (a) de acordo com a idade da criança, e a idade em que cessou um ambiente suficientemente bom;
  - (b) de acordo com a natureza e inteligência da criança;
  - (c) de acordo com o diagnóstico psiquiátrico da criança.
- (WINNICOTT, 1965k, p.197)

Além de diversas enfermidades no sentido emocional do desenvolvimento humano, o aspecto preventivo é o ponto fundamental quando cuidamos de crianças. Em seu texto “Alojamentos para crianças em tempo de guerra e em tempo de paz”, Winnicott destaca a importância do trabalho preventivo, afirmando:

[...] os alojamentos para evacuados em todo o país conseguiram impedir que muitas crianças chegassem aos tribunais, economizando assim imensas somas de dinheiro e produzindo cidadãos em vez de delinquentes; e do nosso ponto de vista, enquanto médicos, o importante é que as crianças ficaram subordinadas ao Ministério da Saúde, isto é, foram reconhecidas como doentes. Só podemos esperar que o Ministério da Educação, que está agora (1945) assumindo o controle do trabalho, atue em tempo de paz tão bem quanto o Ministério da Saúde atuou durante a guerra, nesse trabalho de profilaxia (WINNICOTT, 1948b, p. 85).

É necessário, portanto, saber o que acontece com a criança quando um bom ambiente é desfeito e também quando nunca existiu um bom ambiente, sendo necessário um estudo de toda a questão que envolve o desenvolvimento emocional do indivíduo. Além disso, pais e professores precisam conhecer esta criança se quer que ela tenha um desenvolvimento

saudável. Por isso, deve-se fortalecer a relação entre escola e família nos casos de identificação de uma fase difícil, um sintoma apresentado ou até mesmo nas orientações possíveis que podem funcionar como prevenção para problemas emocionais futuros.

A escola tem, assim, um papel fundamental na orientação de pais, já que, em muitos casos, é o único contato que estes têm com algum tipo de orientação profissional, embasada numa teoria. Para isso, os professores também necessitam do preparo adequado para cumprir este papel, já que possuem a responsabilidade de auxiliar a criança e sua família.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Winnicott, D. W. (1948b). Alojamento para crianças em tempo de guerra e em tempo de paz. In *Privação e Delinquência*. São Paulo.

Winnicott, D. W. (1965k). A criança desapossada e como pode ser compensada pela falta de vida familiar. In *Privação e Delinquência*. São Paulo.

Winnicott, D. W. (1965s). Influências de grupo e a crianças desajustada. In *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

Winnicott, D. W. (1966c). Dissociação revelada numa consulta terapêutica. In *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

## A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO TERAPÊUTICO NO ATENDIMENTO A PACIENTES BORDERLINES

Marjorie Cristina Rocha da Silva<sup>1</sup>

Bruna Done Marinelli<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho verificou a importância do vínculo terapêutico no atendimento a pacientes Borderlines, bem como a relação entre as formas de vinculação terapêutica e a adesão ao tratamento. Foram entrevistados quatro profissionais sendo três do sexo feminino, de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) de uma cidade do interior de São Paulo. Os profissionais responderam a um questionário contendo questões sociodemográficas, além de onze questões abertas relacionadas às atividades realizadas e a percepção dos profissionais em relação a esses pacientes. Do ponto de vista geral dos profissionais pesquisados, o vínculo terapêutico é avaliado como de extrema importância no atendimento a esses pacientes. Segundo os respondentes, uma vez que o vínculo é estabelecido, aumentam as possibilidades de acesso e tratamento do paciente. Por entender da complexidade que envolve o tratamento desse transtorno, acredita-se que seja importante a discussão dessa temática tanto do ponto de vista teórico quanto prático.

**Palavras-chave:** adesão ao tratamento; relação terapêutica.

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica, Mestre e Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade São Francisco. Docente das Faculdades Integradas Einstein de Limeira (FIEL). E-mail: [silvamarjorie@yahoo.com.br](mailto:silvamarjorie@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Psicóloga Clínica pela Faculdades Integradas Einstein de Limeira. Psicóloga da Clínica Terapêutica Passos Para a Liberdade, em Limeira/SP. E-mail: [bruna\\_done@yahoo.com.br](mailto:bruna_done@yahoo.com.br).

## INTRODUÇÃO

O vínculo analítico pode ser entendido como representante da relação que se estabelece ao longo de um processo varia de qualidade e intensidade. Conforme Harary (2007), a relação terapêutica depende de ambas as partes da relação, e acontece não só em função do paciente ou do profissional, mas de uma relação de troca sucessiva de “experiências”. A partir dessa percepção torna-se imprescindível explicar sobre a transferência e contratransferência, fenômenos indispensáveis em qualquer relação psicoterapêutica.

A transferência se torna um elemento importante a ser identificado na análise, pois podem e geralmente estão presentes sentimentos de angústias, abandono, ataques, tentativas de reparação, entre outros (FREUD, 1912/1980; KUPERMANN, 2008). WINNICOTT (1947 conforme citado por Mello, 1989) também ressalta essa importância da transferência na análise, colocando esta como a possibilidade do paciente reviver as situações angustiantes ou traumáticas e perceber aos poucos, no momento que ele aguenta ouvir, o quanto este movimento está presente em suas relações, e o porquê ele necessita agir da forma que age, quais angústias e fantasias estão implicadas nesse movimento.

Já em relação à contratransferência, movimento que também está presente em qualquer relação psicoterapêutica, segundo Zaslavsky e Santos (2005) é entendida como um movimento que permite a escuta do analista, através de seus sentimentos, não só o que o paciente diz, mas também o que ele não diz, por ignorá-lo no plano do consciente. E o analista como observador na contratransferência é agora o participante, ou seja, ele está também implicado no que, consciente ou inconscientemente esta sendo dito ou vivido na relação, e sentido de uma forma por ele que o permite inferir como o paciente sente. Assim, pode-se compreender que a contratransferência assim como a transferência também se faz importante na análise, já que, esta pode servir como importante instrumento na compreensão das relações de objeto do paciente, ajudando na formulação das interpretações (MELLO, 1989; ZASLAVSKY & SANTOS, 2005).

Em pacientes de difícil acesso e tratamento, como os pacientes Borderlines escolhidos como foco da presente pesquisa, entende-se que tal temática se torna ainda mais complexa e importante. Assim, convém aclarar sobre tal fenômeno e posteriormente, o que a literatura

destaca sobre as formas de vinculação comumente encontradas nesses pacientes.

## SOBRE O VÍNCULO ANALÍTICO

O vínculo analítico segundo Zimmerman (1999), tem sua origem no étimo latino que significa uma união, com as características duradouras. Refere-se a alguma forma de ligação entre as partes que estão unidas e inseparadas, embora elas permaneçam claramente delimitadas entre si. Então se trata, portanto, de um estado mental que pode ser expresso por meio de distintos modelos e com variadas vértices de abordagem.

Embora se possa crer que o contato emocional seja mais "verdadeiro" ou "inteiro" que o racional, Bion (1984) coloca o amor, o ódio e o conhecimento sob o mesmo rótulo: vínculos. A idéia de vínculo sugere dualidade e, portanto distância, e nesse sentido constituem-se defesas ao contato direto, à comunhão: o "objeto amado" (ou odiado, ou conhecido) apresenta-se com uma verdade que ultrapassa a vivência presente com ele. E isso vale mesmo quando o "objeto" em questão é a própria realidade psíquica. Bion um dos autores mais relevantes a falar do vínculo, estendeu o conceito de vínculo a "qualquer função ou órgão que, desde a condição de bebê, esteja encarregado de vincular objetos, sentimentos e idéias, uns aos outros" (ZIMERMAN, 2004, p. 193).

Dessa forma ele descreveu os vínculos do Amor (L), de Ódio (H) e do Conhecimento (K). Essas três formas de vínculos podem ser sinalizadas positivamente (+) ou negativamente (-). Para uma melhor compreensão serão explanados resumidamente. O vínculo (-L) pode ser exemplificado por uma mãe que pode amar intensamente seu filho, porém ela o faz de forma simbiótica, possessiva e sufocante, de modo que, embora sem ódio, o seu amor samaritano, cheio de sacrifícios pessoais e com renúncia ao prazer próprio, é de resultados negativos. O vínculo -H (menos ódio) pode ser ilustrado como o estado emocional e conduta de hipocrisia pela qual o indivíduo está tendo uma atitude manifestadamente amorosa por alguém, ao mesmo tempo em que existe certo ódio latente. O vínculo do conhecimento (K) está intimamente ligado ao mundo das verdades (ou falsidades e mentiras, no caso de -K), permite depreender a enorme importância que isto representa para a psicopatologia, se leva em conta que os diversos tipos e graus da patologia psíquica dependem dos tipos e graus de defesa que

o ego utiliza para a negação do sofrimento mental (BION, 1984; ZIMERMAN, 2004).

Harary (2007) baseada também nas perspectivas teóricas de Bion e Melanie Klein, fala sobre algumas dimensões que considera importante para o estabelecimento e manutenção do vínculo analítico: compreensão, amor, confiança, perda, companhia, verdade e proximidade x distanciamento. Essa mesma autora, ainda destaca que, quanto mais o indivíduo se sente compreendido, maior é a possibilidade de troca afetiva e, ainda, a possibilidade de se aproximar daquele que compreende. Por isso, quanto à interpretação do analista, ela não precisa ser “correta”, porém deve ser sincera e demonstrar que se teve a intenção de compreender o que o indivíduo manifestou, levando, por parte do paciente, ao fortalecimento da confiança e o amor na relação com o analista, formando o tripé inter-relacionado, “quanto maior a confiança, maior o amor e a compreensão” (HARARY, 2007, p. 79).

Essa idéia de compreensão de Harary para ilustrar o vínculo na relação analítica, se assemelha a teoria do Reconhecimento elaborada por Zimmerman (1999), em que o Reconhecer pode ser entendido de quatro formas: Reconhecimento de si próprio; Reconhecimento do outro; Reconhecimento aos outros; e Reconhecimento pelos outros.

Quanto ao reconhecimento de si próprio, segundo Zimmerman (1999) está ligado à idéia e de que conhecer é reconhecer aquilo que já preexistia no sujeito e que este pensava que estava fora dele. Ou seja, no processo psicoterápico, há a necessidade do analista reconhecer (voltar a conhecer) aquilo que está reprimido ou negado de alguma maneira e que o sujeito não está conseguindo pensar. Sobre o Reconhecimento do outro, ele traz que é indispensável para o crescimento mental do sujeito, no qual este reconheça que o outro não é um mero espelho seu, mas que o perceba como um ser autônomo e possuidor de idéias, valores e condutas diferentes das suas, e tendo mais clareza de que o outro existe de forma independente de si.

O Reconhecimento aos outros, diz respeito ao desenvolvimento de sua capacidade de consideração e de gratidão em relação ao outro. A aquisição dessa condição está implicada à passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva de Melanie Klein. Quanto ao Ser Reconhecido pelos outros, Zimmerman (1999) pontua que a importância mais significativa do reconhecimento alude à necessidade crucial que todo ser humano tem, em qualquer idade, circunstância, cultura, época ou geografia, em sentir-se reconhecido e valorizado pelos outros. Esse sentimento de reconhecimento traz a sensação de realmente existir como individualidade, e de que justamente pelos outros é que se adquire a percepção

de existir (HARARY, 2007; ZIMERMAN, 1999).

Como complemento, Bion destaca que a mãe tem um papel importante na vida do bebê enquanto continente, capaz de codificar as necessidades/angústias do filho-bebê e devolver para ele com menos intensidade. Assim, a idéia de função continente não explica todos os problemas, mas sugere que a humanização tem como base uma interação de fantasias inconscientes entre a mãe e seu filho. Quando a mãe não realiza o processo de metabolizar as angústias e, em lugar de diminuí-las, as aumenta, o bebê não adquire o anteparo interno para pensar e sentir, que lhe permite, depois, desenvolver bem os processos educativos e de socialização (ZIMERMAN, 1995). Deste modo, se o vínculo é desde cedo mal estabelecido, pode gerar desconfiança do sujeito nas relações quando adulto.

Tais questões, anteriormente apontadas sobre a vinculação terapêutica estão intrinsecamente relacionadas às formas de adesão ao tratamento, apesar de não se resumir somente a isso. Em pacientes de difícil acesso e tratamento, como os pacientes borderlines, foco da presente pesquisa, entende-se que tal temática se torna ainda mais complexa e importante.

## VÍNCULO PARA O PACIENTE COM TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE

De acordo com DSM-IV-TR (APA, 2002), a característica essencial do Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) “é um padrão global de instabilidade dos relacionamentos interpessoais, da autoimagem e dos afetos, tendo de forma acentuada a impulsividade que começa no início da idade adulta e esta presente em uma variedade de contextos” (p. 660). Destaca-se, também, nesse transtorno a presença de esforços constantes em evitar o abandono real ou imaginário do sujeito. Essa percepção de perda e de separação ou rejeição pode ocasionar profundas alterações na autoimagem, no afeto, na cognição e no comportamento.

A psicanálise vem contribuindo cada vez mais para entendimento do funcionamento do paciente Borderlines. Assim para Hegenberg (2009) conforme também aparece no DSM-IV-TR (2002) os pacientes característicos do transtorno de personalidade Borderlines tendem a se envolverem em relacionamentos instáveis e intensos, em que idealizam potenciais

cuidadores, exigindo atenção e compartilhamento de detalhes extremamente íntimos, já no início de um relacionamento, podendo haver uma rápida passagem da idealização para a desvalorização, promovendo a percepção de que o outro não o compreende, de que não é correspondido na forma em que, na sua percepção, deveria (APA, DSM-IV-TR, 2002).

Hegenberg (2009) e outros autores como Zimmerman (1999), ao falar da angústia de separação no Borderline, designam essa como uma angústia em que o sujeito não pode contar com a figura de apoio na hora em que precisa. Essa angústia é denominada como uma falha na preocupação materna primária em que o sujeito não pode vivenciar essa angústia senão na forma de perda. Assim, o sujeito sempre precisará estar com o objeto para tentar recompor a subjetividade que não pôde ser construída.

A agressividade no paciente Borderline é frequente uma vez que, também, está presente a impulsividade da qual não consegue ter controle. O Borderline, quando contrariado, recusa-se a admitir que precisa ter limites. Assim, a agressividade acaba se tornando comum para estes pacientes e, na maioria das vezes, advêm de pequenas explosões em situações na qual o borderline não consegue perceber nem mesmo evitar, mas que aos olhos do observador se tratam de situações contornáveis (HEGENBERG, 2009).

Em um estudo quantitativo realizado por Tanesi e colaboradores (2007), destaca-se a presença desses aspectos sintomáticos encontrados em pacientes Borderlines e que, conforme sua pesquisa, dificulta a adesão e o manejo do tratamento. Esses aspectos sintomáticos caracterizados pelos autores são: a impulsividade bem como a agressividade, as manipulações também são frequentes, e então se percebe as dificuldades dos terapeutas em driblar essas manipulações; a dissociação afetiva em que, muitas vezes, o paciente demonstra não precisar do atendimento e ainda faz pouco caso do mesmo, mas ao mesmo tempo esse comportamento se reflete como um pedido de ajuda, se mostrando que não sabe se colocar se não dessa maneira.

A presença de tentativas de suicídios e autoagressões também são frequentes, em que a percepção de perda do objeto e o sentimento de abandono é tão intenso, que leva o sujeito a se auto-agredir, como forma de chamar atenção do outro para o seu sofrimento. A tendência à regressão, em que o sujeito fica extremamente fragilizado e regride a situações infantis, onde possuía toda a atenção dos pais e era confortado por apoio e presença do objeto (TANESI e COLS, 2007).

Entende-se que os apontamentos até esse momento se mostram importantes a fim de compreender maiores especificidades na relação com tais pacientes e assim, entender por que o manejo da terapia com os mesmos é visto como tão difícil pela maioria dos autores pesquisados. Apesar de algumas diferenças conceituais, percebe-se uniformidade na percepção de que o vínculo terapêutico é mais do que importante, é indispensável no manejo técnico e relacional. Assim, acredita-se que o vínculo seja de extrema importância, e é o que se busca avaliar empírica e qualitativamente através desta pesquisa.

## OBJETIVOS

O presente trabalho teve por objetivo avaliar a importância do vínculo terapêutico no atendimento de pacientes Borderlines Pretende-se também avaliar a relação entre as formas de vinculação terapêutica e a adesão ao tratamento, acreditando que entender o vínculo se faz importante na compreensão da adesão ou não ao tratamento desses pacientes.

## MÉTODO

### Participantes

A amostra foi composta por quatro profissionais atuantes com pacientes Borderlines de um CAPS II (Centro de Atenção Psicossocial II – Álcool e Drogas) de uma cidade do interior do estado de São Paulo, sendo um com formação em Psicologia, um em Assistência Social, um em Psiquiatria e um em Enfermagem com especialização em saúde mental. Desses profissionais, três são mulheres, com idades entre 22 e 55 anos. Quanto ao tempo de atuação dentro do CAPS, variou entre 1 a 5 anos.

## INSTRUMENTOS

Foi utilizado como material para a pesquisa um questionário contendo informações sociodemográficas como idade, sexo, função no CAPS; além de onze questões abertas relacionadas ao trabalho e a percepção dos profissionais em relação aos pacientes com Transtorno de Personalidade Borderline.

## PROCEDIMENTO

O trabalho foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa e, após a aprovação do mesmo sob o número 11-06/158, prosseguiu-se a continuidade da pesquisa. Os profissionais participantes foram contatados pessoalmente e após decisão voluntária individual, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando em participar do estudo e assim responder o questionário para a pesquisa.

Os profissionais receberam o TCLE impresso, e após a concordância, todos assinaram. Após isso, a pesquisadora explicou os objetivos do estudo, o questionário a ser respondido e se disponibilizou para tirar dúvidas que por ventura surgissem. Em seguida, os profissionais relataram que não seria possível o preenchimento, naquele momento, então a pesquisadora deixou um questionário com cada participante para que respondessem e ela recolheu no dia posterior.

## PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente foi realizado o agrupamento das respostas dadas pelos profissionais por categorias semânticas, afim de melhor sintetizar e compreender a percepção dos mesmos em relação a cada pergunta/situação. Após a síntese das respostas e apresentação dos resultados descritivos, foram feitas as discussões entre os dados obtidos e as referências bibliográficas levantadas no presente estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de facilitar o entendimento das visões gerais dos profissionais, as respostas dos mesmos foram agrupadas, e serão descritas algumas de forma mais exemplificativas e outras de forma mais específica, devido à particularidade da prática do profissional.

Quanto às principais queixas trazidas pelos pacientes, os participantes citam a presença de crises emocionais, relacionamentos intensivos e intensos; dificuldade em fazer e manter relacionamentos duradouros; comportamentos impulsivos; além de situações relacionadas aos familiares, como por exemplo, a “falta de atenção”, ou a percepção de não cuidado da família para com o paciente.

Esses aspectos são também enfatizados por outros autores, como por exemplo, Tanesi e colaboradores (2007), que citam a impulsividade, agressividade, dissociação afetiva como aspectos constantemente presentes nos pacientes borderline. Os autores ainda enfatizam a presença frequente de tentativas de suicídios e autoagressões, conforme também traz a equipe pesquisada neste trabalho, em que à percepção desses, as características mais marcantes nestes pacientes envolvem a oscilação/instabilidade do humor, flutuação do humor, labilidade emocional. E, em alguns quadros, conforme cita a psicóloga há ameaças de suicídio por parte dos pacientes, aparentando inclusive como tentativa de manipulação tanto da equipe quanto dos familiares.

Por se tratarem, segundo a equipe, de pacientes muito “intensos” em relação à forma de se vincular, em que “ora demonstram precisar demais do tratamento e ora descuidam muito em relação a este” (visão especial da psicóloga), há grande dificuldade por parte da equipe em manter os pacientes que oscilam muito no comportamento. Conforme exposto pelo psiquiatra, em momentos parecem estar envolvidos, mas logo se percebe que é um envolvimento superficial, “teatral”. Contudo, no geral, a equipe tem a percepção que há uma falta de credibilidade ao tratamento por parte dos pacientes, eles não acreditam que o tratamento possa ajudá-los de fato, e a “falta de confiança” pode ser um fator influenciador no não empenho do paciente no tratamento, e conseqüentemente no não estabelecimento do vínculo. Tais pontos são essenciais na discussão da implicação com o tratamento, conforme citado por Harary (2007) em que a confiança é um dos principais fatores para o estabelecimento e manutenção do vínculo analítico, no qual o fortalecimento da confiança e do amor na relação com o

analista forma-se o tripé inter-relacionado (...) “quanto maior a confiança, maior o amor e a compreensão” (p. 79).

Além disso, segundo os profissionais participantes, o empenho ou não do paciente é também influenciado pela gravidade da doença, pela situação familiar. Pontuam que alguns têm o apoio da família, mas a maioria não tem, e também a aceitação do transtorno pelo próprio paciente. Conforme apontado, especialmente pelo psiquiatra durante a investigação, é difícil fechar um diagnóstico de personalidade Borderline, principalmente por se tratar de um transtorno em que sempre há a presença de outros transtornos associados como, por exemplo, o uso de álcool e drogas. Tais aspectos são importantes de serem considerados segundo também traz Zaleski (2006, conforme citado por Makhamed, Madruga, Rocha, Sousa e Alchierio, 2011), ao relatarem que o uso de substâncias psicoativas é bem comum nos transtornos de personalidades mais graves, como o Borderline. Portanto, a presença de um sintoma associado com o uso abusivo de álcool e drogas, pode ser, conforme os participantes relataram, um dificultador na hora de elaborar o diagnóstico do paciente e propor um tratamento.

Sobre o vínculo familiar, principalmente segundo o psiquiatra e a psicóloga, é considerado de extrema importância, pois a participação ativa da família traz muitos benefícios ao tratamento do paciente, e por isto existe no CAPS a realização de trabalho de integração da família, onde os familiares recebem atendimentos semanais através de grupos familiares semelhantes, nos quais é discutido e trabalhado as angústias trazidas pelos familiares bem como, informações e questões acerca do transtorno; também através de atendimento individual, se for o caso; visitas domiciliares, e no caso de necessidade é feito encaminhamento à rede de saúde para o familiar. Porém, segundo esses respondentes, há grandes dificuldades no estabelecimento deste vínculo, principalmente quando se trata do paciente borderline que traz com a família, uma relação difícil, permeada por conflitos, em que não há, ou há pouca comunicação, além da existência de uma desorganização familiar, com relações “teatrais”, manipulação do paciente sobre a família através de chantagens, autoagressões. Mas, conforme também visto na literatura (por exemplo, HEGENBERG, 2009; TANESI e COLS., 2007) a equipe aqui pesquisada igualmente entende que mesmo com tal comportamento esses pacientes demonstram precisar muito da família, têm grande necessidade de apoio familiar e principalmente em ser compreendidos.

Segundo o psiquiatra, mesmo com a dificuldade de fechar um diagnóstico é possível

identificar alguns traços que se sobressaem no paciente e que acaba por indicar que se trata de um paciente borderline. Destaca que um desses fatores ou principal é justamente a dificuldade do paciente em se relacionar, em conseguir construir e manter um vínculo, seja com a equipe ou com outras pessoas, além de, também, outros sintomas mais caractereológicos do borderline, como, por exemplo, o sentimento crônico de vazio, a instabilidade do humor, entre outros, conforme também ressaltado na literatura (ALCANTRA e COLS., 2003; APA, DSM-IV-TR, 2002; HEGENBERG, 2009).

Além disso, a equipe pesquisada apontou dificuldades relacionadas à permanência do paciente em tratamento. Assim, por possuir esse funcionamento difícil, é que tais pacientes despertam nas pessoas próximas e principalmente nos profissionais que lidam com eles, vários sentimentos contratransferenciais. Tais aspectos também foram apontados por Pinto (2006) ao atender uma paciente borderline, pontua que se sentiu paralisada com tamanha necessidade de controle por parte da paciente e Reis (2010) também relata alguns sentimentos contratransferências ao passar pela experiência de atendimento a uma paciente borderline, sentindo em grande parte do atendimento raiva, sentimentos de invasão e incapacidade.

De maneira geral, a equipe participante desta pesquisa se mostrou bastante receptiva e interessada na mesma, principalmente, acredita-se, por haver poucas iniciativas de pesquisas nesta temática, e assim poucas publicações e discussões tanto na forma de tratamento como sobre as percepções a respeito do manejo com esses pacientes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante ressaltar que mesmo tendo ciência dos sintomas comumente apresentados nesse transtorno, conforme traz Pinto (2006) é difícil evitar os sentimentos de contratransferências despertados por esses pacientes. No presente estudo, todos demonstraram certa frustração ao relatar o lidar com esses pacientes, principalmente pelo fato desses, às vezes, se mostrarem envolvidos e, às vezes, se mostrarem incapazes de se envolverem.

A partir dessas e outras dificuldades levantadas no manejo e tratamento desses pacientes, do ponto de vista geral dos profissionais pesquisados, o vínculo terapêutico é avaliado como de extrema importância no atendimento a esses pacientes. Segundo os

respondentes, uma vez que esse é estabelecido, aumenta, mesmo que minimamente, as possibilidades de acesso e tratamento do paciente. Também o presente trabalho ressaltou a importância da continência a esses pacientes a fim de possibilitar outros significados a tais vivências tão invasivas ao próprio paciente.

Finalmente, acredita-se que seja importante dar continuidade a pesquisas dessa temática e buscar discussões que abranjam a interface dos vários aspectos profissionais que atuam com tais pacientes e os aspectos sociais e familiares envolvidos. Assim, possibilitar avanços nas formas de lidar com esses e outros tipos de transtornos também considerados difíceis de manejo do tratamento.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALCANTRA, I., SCHIMIT R., SCHWARZTHAUPT, A. W., CHACHAMOVICH, E., SULZBACH, M. F. V., PADILHA, R. T. L., CANDIAGO, R. H., & LUCAS, R. M. (2003). Avanços no diagnóstico do transtorno do humor bipolar. *Revista Psiquiatria Rio Gr. Sul*, 27(1), 22-32.
- AMERICAN Psychiatric Association. (Org). (2002). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR)*. São Paulo: Artmed.
- BION, W.R. (1984). *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro, Imago.
- FREUD, S. (1980). A dinâmica da transferência (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org.) *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud (Vol. XII, pp. 131-143)*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912).
- HARARY, A. M. M., (2007). *Contatos, elos de ligação e vínculo na relação analítica*. Dissertação de Mestrado, Pontifica Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo.
- HEGENBERG, M. (2009). *Borderline: Clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- JORDÃO, A. B., & Ramires, V. R. R., (2010). Vínculos afetivos de adolescentes Borderline e seus pais. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(1), 89-98.

KUPERMANN, D. (2008). Presença sensível: a experiência da transferência em Freud, Ferenczi e Winnicott. *Jornal de Psicanálise*, 41(75), 75-96.

MAKHAMED, Y., M., Madruga, B., M., Rocha, H., R., R., P., Sousa, H., K., C., & Alchieri, J., C. (2011). Trastorno de la personalidad borderline como escala secundaria en usuarios de alcohol o drogas especificadas por el mcmi-iii. 12º Congreso Virtual de Psiquiatria. *Interpsiquis*. Disponível em: <<http://www.bibliopsiquis.com/bibliopsiquis/bitstream/10401/2249/1/8conf1650199.pdf>>.

Acesso em: 17 de março de 2011.

MELLO, J. (1989). *O Ser e o Viver: uma visão da obra de Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas.

PINTO, A.M.F. (2006). Sobre a dificuldade de exercer a função analítica. *Psicanalítica*, 7(1), 103-118.

REIS, B.D. (2010). *Paciente Borderline: adesão ao tratamento e construção do vínculo. Relatório Final do Estagio Supervisionado em Psicoterapia Psicanalítica. Faculdades Integradas Einstein de Limeira, Limeira-SP, 33 p.*

TANESI, P. H. V., Yazigi, L., Fiori, M. L. M., & Pitta, J. C. N. (2007). Adesão ao tratamento clínico no transtorno de personalidade borderline. *Estud. Psicol. (Natal)*, 12(1), 71-78.

ZASLAVSKY, J., Santos, M. J. P. (2005). Contratransferência em psicoterapia e psiquiatria hoje. *Revista Psiquiatria*, 27(3), 293-301.

ZIMERMAN, D. E. (1995). *Bion: da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes médicas.

ZIMERMAN, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica e Clínica*. Porto Alegre: Artmed.

ZIMERMAN, D. E. (2004). Vínculos e Configurações Vinculares. Em Zimerman, D. E., (Org). *Bion - da Teoria a Prática* (pp. 193-197). Porto Alegre: Artmed.

## O ADOLESCENTE PARA A PSICANÁLISE

Cybele Carolina Moretto<sup>1</sup>

Dr. Antonios Terzis<sup>2</sup>

O presente trabalho tem por objetivo discutir sobre o psiquismo do adolescente, sendo parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado, em fase de conclusão, intitulada: “Crônicas de um grupo de adolescentes: uma experiência psicanalítica”. Tal pesquisa teve como objetivo investigar os processos psíquicos de um grupo de adolescentes, a partir do aporte teórico-metodológico da Psicanálise aplicada aos grupos. Foi formado um grupo com oito adolescentes, de ambos os sexos, entre 14 e 16 anos, em um Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência, no município de Sorocaba, estado de São Paulo. Utilizamos o dispositivo de grupo de diagnóstico e tivemos como tarefa refletir e discutir a respeito dos sentimentos, pensamentos e fantasias reativados por meio de narrativas míticas. Tínhamos como hipótese de que alguns mitos gregos, aplicados no grupo de adolescentes, poderiam sensibilizá-lo e auxiliá-lo na compreensão e solução de alguns problemas emocionais, sendo que alguns mitos têm um interesse especial para a interpretação da adolescência, pois consideramos algumas características comuns a essa faixa etária, como: busca de identidade, enfrentamento e coragem, agressividade e vingança, arrogância e vaidade, atitudes impulsivas, busca do prazer, liberdade e independência, tendência grupal e socialização. Assim, disponibilizamos ao grupo as seguintes narrativas míticas: de Dioniso, de Édipo, de Ícaro, de Hércules, de Jasão, de Perseu, de Teseu e de Narciso. **Para Análise do Material, utilizamos** a *Análise do Conteúdo*, a qual visa ultrapassar a mera descrição do conteúdo das mensagens, com aplicação de inferências que possibilitam uma interpretação aprofundada. Dentre os resultados parciais, consideramos que o grupo e as narrativas míticas promoveram o autoconhecimento aos adolescentes, a sensibilização e compreensão de alguns fenômenos emocionais destes.

Palavras-chave: psicanálise, grupo, adolescência, mitos gregos.

A palavra *adolescência* tem sua origem etimológica no latim *ad* (‘para’) + *olescere*

---

<sup>1</sup> Cybele Carolina Moretto-Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia (PUC) e-mail: cybele.moretto@ig.com.br.

<sup>2</sup> Dr. Antonios Terzis -Prof. Titular da Pós-Graduação da PUCC

(‘crescer’); portanto *adolescência* significa, *strictu sensu*, ‘crescer para’; é próximo do termo *adulescere*, que significa ‘adoecer’. A proximidade entre os dois sentidos é sugestiva e anuncia a dimensão de crise a que ficou associado este termo, desde a modernidade (MATHEUS, 2007).

O termo *puberdade* vem do latim *pubertas*, de *púber*: significa ‘sinal de pelos, barba’; denota o processo biológico natural do ser humano e tem por características as mudanças físicas que são ocasionadas por hormônios, levando ao amadurecimento das funções reprodutivas. A puberdade é caracterizada pela universalidade, é normativa e previsível dentro de parâmetros próprios da espécie humana, sendo inevitável o movimento de transformação biológica durante a segunda década de vida.

As pesquisas de cunho psicanalítico não definem a adolescência apenas pelos fatores vinculados às alterações físicas e corporais, reservando o termo puberdade para designar a ênfase no processo biológico desse estágio de desenvolvimento humano. Ademais, sem desconsiderar a questão corporal, a tônica dos estudos recai nas repercussões psicológicas geradas nesta etapa da vida.

Freud (1905), sem fazer uso do termo adolescência, abordou esta problemática dedicando-se a estudar os pontos mais importantes envolvidos na puberdade e, ainda que se apoiando nas transformações físicas, esta idade foi investigada por ele enquanto experiência subjetiva de ruptura com a infância e passagem rumo a vida adulta, assim como analisadas as determinações e implicações inconscientes na dinâmica pulsional. Na teoria freudiana, com a chegada da puberdade ocorrem as transformações físicas necessárias para que a vida sexual infantil amadureça e alcance a genitalidade. Para Freud (1905), a sexualidade não está relacionada somente com os fatores corporais, mas com uma noção de sexualidade que, independente de servir ou não ao objetivo reprodutivo, desempenha papel importante em toda a amplitude da vida mental. Suas constatações clínicas de manifestações sexuais infantis, a partir da adolescência, colocam em evidência o corpo investido sexualmente.

Freud (1905) assinalou, ainda, a importância das mudanças da puberdade para a reinstalação fálica da capacidade genital do indivíduo, considerando que as mudanças biológicas desta fase são as que impõem a maturidade sexual ao adolescente. Nas palavras dele:

Ao mesmo tempo em que estas fantasias claramente incestuosas são superadas e repudiadas, completa-se uma das mais significativas e, também, uma das mais

dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento progressivo dos pais, um processo que, sozinho, torna possível a oposição, tão importante para o progresso da civilização, entre a nova geração e a velha (FREUD, 1905, p. 34).

Consideramos que a teoria freudiana estabeleceu as bases para a compreensão psicanalítica dos processos de luto. Ao elaborar o luto pelo corpo infantil perdido, o adolescente aceita a nova fase da genitalidade, imposta pelo desenvolvimento sexual. Ambas as funções fisiológicas, a menstruação ou o aparecimento do sêmen trazem ao papel genital, a procriação e a definição sexual correspondente (FREUD, 1917). Compreendemos que os processos de luto que se articulam entre si promovem no adolescente a dolorosa tarefa de desligar-se dos pais e assumir responsabilidades e escolhas.

As transformações psicológicas que ocorrem na adolescência levam a uma nova relação com os pais e o meio social, e a constituição de uma identidade adulta, a qual só é alcançada quando o adolescente consegue elaborar, lentamente, o triplo luto da adolescência: o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação dos pais da infância. Assim, caracteriza-se uma dinâmica de desestruturações e reestruturações no psiquismo, na busca de autoafirmação do adolescente e consolidação de uma identidade. Nessa perspectiva, conforme nos aponta Jordão (2008), faz-se fundamental elaborar e simbolizar os lutos, evitando que surja a consolidação inadequada da capacidade de simbolização, criando um espaço mental marcado por fantasias idealizadas, muitas vezes dominado pela destrutividade e pelo isolamento.

Outra contribuição que consideramos relevante é de Winnicott (1961, 1967, 1969) que compreendeu a adolescência não como um produto sociológico ou histórico, mas como uma fase do amadurecimento humano, e sem desqualificar a sexualidade, priorizou a questão do *ser* sem reduzir os problemas da adolescência aos problemas edípicos associados à dominação dos instintos. Os postulados winnicottianos afirmam que não podemos caracterizar a adolescência como doença, pois os conflitos se referem à imaturidade do adolescente, às alterações corporais da puberdade, à reflexão sobre si próprio e sobre a vida, a seus valores e à desilusão do mundo adulto. Compreendemos que a necessidade do adolescente está associada a questões de sua existência no mundo e à preocupação de sentir-se real, de buscar a sua própria identidade e o seu lugar no mundo, e não apenas a questões instituais e sexuais:

O adolescente não deve ser curado como se fosse um doente (...) ninguém poderia dizer que a palavra 'saúde' é sinônima da palavra 'fácil'. Isso é especialmente verdadeiro na área de conflito entre a sociedade e seu contingente adolescente (WINNICOTT, 1967, p. 7).

Alguns autores (NOVICK, 2004; BRAGA, 2009; OLIVEIRA, 2010), baseando-se na teoria winnicottiana, também compreendem o adolescente como um ser isolado que se socializa em bando, vivenciando questões ligadas à existência de si no mundo, com angustias e medos do vazio existencial, e também, mas não só, ligados à sexualidade; o adolescente precisa desenvolver a “capacidade para estar só” e atribuir significado e ordem ao caos interno.

Partindo do pressuposto que considera a adolescência como moratória social, destacamos a contribuição de Erikson (1959, 1976). O autor compreende os processos psíquicos vividos pelo adolescente aproximando os conceitos freudianos a uma perspectiva social e antropológica. Essa fase da vida seria caracterizada, por ele, pela não exigência de papéis específicos, com a finalidade de permitir, a posteriori, a definição da personalidade. Segundo o autor, a crise da adolescência é efeito dos tempos atuais, pois a velocidade das mudanças na atualidade torna problemática a transmissão de tradições de pais para filhos adolescentes. Estes devem, de acordo com Erikson, se constituir, se inventar, sem referências estáveis. Caligaris (2000) também sustenta, apoiado em Erikson, que a sociedade impõe ao adolescente uma moratória, indicando um período de espera que atrasa sua autorização para a entrada no mundo adulto.

Contribuindo com essa perspectiva, Coutinho (2005) salienta que, no mundo atual, a adolescência tornou-se um ideal cultural, que todos desejam alcançar e nele permanecer eternamente. Aqui, consideramos que a atenção se volta para os aspectos externos e sociais que circundam o adolescente de hoje, propondo que o ideal cultural da adolescência nada mais seria do que um sintoma social que diz respeito aos impasses na transmissão e na elaboração dos ideais em nossa cultura, afetando, particularmente, os adolescentes no mundo contemporâneo.

A adolescência também é considerada, por outros autores (KNOBEL e ABERASTURY, 1970; LEVISKY, 1998), como uma etapa semipatológica, identificando-a como *Síndrome da Adolescência Normal*. O grau dessa anormalidade dependerá dos processos de identificação e de luto que o adolescente realizará, tendo como um dos objetivos

fundamentais o estabelecimento de sua identidade. Compreendemos que esta conceituação permite aceitar os desajustes e desencontros da adolescência não como fonte de conflitos negativos, pois nesta busca pelo estabelecimento de sua identidade adulta, o adolescente passa por um período no qual comportamentos considerados anormais ou patológicos em outras fases evolutivas devem ser considerados normais nessa transição para a vida adulta. Consideramos que estes aspectos podem ser confundidos com alterações patológicas, deixando o adulto e, principalmente, os pais e educadores, assustados e levando-os a buscarem soluções inadequadas. Para Aberastury (1986, p. 28), a adolescência “mais do que uma etapa estabilizada, é processo, desenvolvimento, e que, portanto, deve se admitir e compreender a sua aparente patologia”.

Nos últimos anos, diversos psicanalistas têm escrito sobre a adolescência: Millonschik (2004), Urribari (2004), Vanucchi (2004), Favilli (2005), González (2009), Tanis (2009). Compreendemos, em consonância com esses autores, que a adolescência é um período de insegurança do ser, de intensa turbulência emocional e desarmonia psíquica. O adolescente, diante das identificações estabelecidas na infância, se vê sob constante ameaça, tanto pelas mudanças físicas, como pelo confronto com os novos papéis familiares: “O indissociável entrelaçamento entre luto e identificação (...), terá continuidade e efeitos na constituição do aparelho psíquico, a partir do trânsito pela vivência adolescente” (Tanis, 2009, p.46).

Assim, conforme destaca Favilli (2005), a mente adolescente se encontra diante do fato de ter que elaborar as vivências sem ter, ainda, uma função de pensamento capaz de resolver, simbolicamente, a passagem para a próxima fase vital. Dessa forma, o adolescente apreende o mundo, passando, necessariamente, pela experiência do fazer.

Segundo Blos (1988), na adolescência ocorre um incremento do narcisismo e, conseqüentemente, um segundo momento do processo de separação-individação, após a criança ter adquirido a constância objetal, começa a desenvolver a diferenciação como pessoa. Ratificando esse pensamento, Ferrari (1996) e Tanis (2009) também apontam a adolescência como um novo momento na história da estruturação mental do ser humano, e o tempo de um “segundo desafio” caracterizado por ser um período no qual a mente precisa dar conta da transformação corporal, com uma aguda sensibilidade às demandas do mundo exterior e enfrentar a complexidade de emoções e sentimentos para os quais o aparelho psíquico do adolescente ainda está em estruturação.

Verzignasse, 2008), apesar de reconhecerem a importância da angústia vinculada nesta fase da vida, procuram enfatizar que o enfraquecimento narcísico é fundamental na adolescência. Millonschik (2004) refere que é como se o adolescente tivesse perdido uma casca e ainda não houvesse reconstruído outra, tornando-o vulnerável emocionalmente.

Assim, para que seja capaz de investir em novos objetos, o adolescente tem que abandonar seus pais como objetos de desejo e elaborar o luto pela perda destes. Dessa forma, o afastamento das figuras parentais é, justamente, a chave para o investimento em novas referências e para a consolidação do processo de constituição da identidade. Os processos de desidentificação comovem e produzem certo vazio e o ego se vê sem apoio, circunstância que promove novas identificações substitutas, que podem dirigir o adolescente a situações destrutivas ou ao fortalecimento e enriquecimento vital (URRIBARI, 2004).

Consideramos, a partir de nossa prática profissional, e apoiado em González (2009), que nesta fase, o ego é lábil e está submetido a flutuações da angústia que não pode canalizar ou elaborar, angústia que emerge do despertar das pulsões e das novas exigências internas e externas. Os mecanismos de defesa predominantes são de natureza arcaica: a cisão, a idealização, a identificação projetiva, a negação e o controle onipotente.

Contribuindo para esta perspectiva, Cahn (1999) acredita que o adolescente é confrontado com um *estranho inquietante* que necessita ser representado internamente com o objetivo de recriar um sentimento de familiaridade consigo mesmo. Segundo Cahn (1999), é esse sentimento de estranheza consigo mesmo e dos outros, o que fornece à adolescência a densidade e a especificidade de suas transformações psíquicas e a emergência de uma nova subjetividade. Levy (2007) reitera que mais perturbador ainda, é que esse fenômeno é estranho, não somente para o adolescente, mas também aos outros, acontecendo que, o olhar surpreso do outro contribua ainda mais com o sentimento de estranheza tão comum nessa fase da vida.

Destarte, consideramos a fase da adolescência como um momento de ambigüidade, entendendo que se por um lado há um impulso de desprendimento, por outro há a ansiedade de defesa referente à perda do conhecido. Cahn (1999) afirma que é justamente esta *ambigüidade* que caracteriza uma dimensão específica a psicopatologia do adolescente:

A fusão do narcísico e do objeto em benefício do primeiro, a vacilação da identidade, a invasão da excitação, a exacerbação do conflito edípico através de sua atualização no a posteriori do surgimento da genitalidade, concomitante à renúncia aos objetos edípicos e à bissexualidade, modificam profundamente a organização

tópica, econômica e dinâmica da psique; suscitam arranjos e mecanismos de defesas novos ou reforçados [...] (CAHN, 1999, p.11).

Diante de todas as contribuições descritas, e baseado em nossa experiência clínica, acreditamos na importância do estabelecimento de um espaço de expressão e reflexão, proporcionando condições de desenvolvimento emocional e construção da identidade, por isso, consideramos um fator fundamental a realização de estudos, como esse.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOS, P. (1998) Adolescência: Uma Interpretação Psicanalítica. SP: Martins Fontes.
- BRASIL. (1998) Estatuto da Criança e do Adolescente. Imprensa Oficial, São Paulo.
- CAHN, R. (1999) O Adolescente na psicanálise: novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.
- COUTINHO, L. G. et al . (2005) Ideais e identificações em adolescentes de Bom Retiro. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, Dez.
- FAVILLI, M. P. (2005) O agir criativo: o adolescente que se faz adulto. In *Simpósio Internacional do Adolescente*, v. 1, São Paulo.
- FERRARI, A. B. (1996). Adolescência. O segundo desafio. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (Trad. De J. Salomão). Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud, Vol 7. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- LEVISKY, D. L. (1998) Adolescência Reflexões Psicanalíticas. Porto Alegre. Artes Médicas.
- MATHEUS, T. C. (2007) Crise da Adolescência: história e política do conceito na psicanálise. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MILLONCHIK, C. S. (2004). De que ado(l)esce um adolescente? Em: R. Graña; Piva, A. (Orgs). *A Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MORETTO, C. C.; Terzis, A. (2011) Una experiencia psicoanalytica de grupo con adolescentes. In: *Anais do XIX Congresso Latinoamericano de FLAPAG - El Psicoanálisis*

Vincular de Latinoamérica. Buenos Aires : FLAPAG, v. 1.

NOVICK, J. (2004). A aliança terapêutica no trabalho com adolescentes. Em: Graña, R.; Piva, A. (Orgs). A Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea (pp.285-294). São Paulo: Casa do Psicólogo.

OLIVEIRA, D. M. de; Fulgencio, L. P. (2010) Contribuições para o Estudo da Adolescência sob a Ótica de Winnicott para a educação. *Psicol. Rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, V. 16, N. 1, Abr.

SAVIETTO, B. B.; Cardoso, M. R. Adolescência: ato e atualidade. *Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza*, v. 6, n. 1, mar. 2006.

TANIS, B. Especificidade no processo de elaboração do luto na adolescência. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 43, n. 3, set. 2009.

URRIBARI, R. (2004). Sobre o processo adolescente. Em: Graña, R.; Piva, A.(Orgs.). A atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea (pp.35-50). São Paulo: Casa do Psicólogo.

WINNICOTT, D. W. (1961) Adolescência: Transpondo A Zona das Calmarias. In: *A Família E O Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WINNICOTT, D. W. (1967) O Conceito do Indivíduo Saudável. In: *Tudo Começa Em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. (1969) Morte e Assassinato No Processo Adolescente. In: *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

## UMA REFLEXÃO ACERCA DA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA SOBRE GRUPO

Francine Dela Torre Camargo Pinho<sup>1</sup>

Dr. Antonios Terzis<sup>2</sup>

Muitos aspectos podem ser discutidos no âmbito grupal, porém aqui faremos um recorte que privilegiará refletir acerca do grupo sob à luz da psicanálise. Nesta reflexão esbarraremos no objeto de estudo da psicanálise: o inconsciente. Desta forma, além de Sigmund Freud, pretende-se assim, discutir o conceito de grupo com base nos estudos de importantes teóricos no campo da grupalidade, tais como: Bion (1975), Anzieu (1993) e Kaës (1997), para compreender o grupo dentro de uma ótica psicanalítica. O interesse por esta reflexão surgiu a partir da prática da autora como discente do curso de Pós-graduação Mestrado em Psicologia da PUCCAMP e em sua observância de inúmeros exemplos de manifestações inconscientes e aspectos grupais notados no exercício de sua profissão.

---

<sup>1</sup> Psicóloga e Pedagoga. Mestranda em Psicologia na PUCCAMP.

<sup>2</sup> Professor, Orientador. PUCCAMP - Pós-graduação. Doutor em Psicologia.

## O CINEMA E AS COSMOVISÕES

“A arte de viver.

É simplesmente a arte de conviver...

Simplesmente, disse eu?

Mas como é difícil!”

Mário Quintana

(1906-1994)

Iniciaremos esta reflexão com as belas palavras do poeta Mário Quintana, o qual por meio de seu poema sintetizou seu entendimento sobre as relações humanas. Partiremos desta imagem poética, para discorrer sobre os conhecimentos teóricos psicanalíticos. Ao pensar em grupo, faz-se necessário refletir sobre autores que contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento deste conceito.

Primeiramente, recorreremos ao pai da Psicanálise: Freud. Em seguida, veremos as contribuições de Bion e da Escola Francesa, a qual é representada por Anzieu e Kaës.

### SIGMUND FREUD

Sigmund Freud nunca recomendou ou praticou a psicoterapia de grupo. Ainda assim, contribuiu primorosamente à psicologia dos grupos humanos. O criador da psicanálise evidencia em toda sua obra sua fascinação pelo fenômeno social, abordando este tema de forma não expressa em termos precisos. Contudo, há grandes trabalhos de Freud que abordam tal questão por meio de um enunciado perfeito.

Freud em um trabalho chamado de As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica, proferido para a abertura de um Congresso de Psicanálise em 1910, revela uma previsão no sentido de conceber que a terapia no indivíduo haverá de ter êxito se obtida pela coletividade.

Por sua vez, no seu trabalho Totem e tabu de 1913, por meio do mito da horda selvagem, Freud coloca que as leis sociais que produzem a cultura, são propagadas pela humanidade através do inconsciente.

Verifica-se também, a expressão da preocupação de Freud acerca da importância de se desenvolver um trabalho grupal com enfoque psicanalítico nos Artigos sobre a Metapsicologia (1915) e Linhas do Progresso na Teoria Psicanalítica (1918).

Vale destacar que Psicologia das massas e análise do ego (1921) é especial para a compreensão da psicodinâmica de grupo. Isto por que, neste trabalho Freud contribui teoricamente com relação à revisão acerca da psicologia das multidões e dos grandes grupos artificiais. Também nos mostra que os grupos e as pessoas são vinculados por meio de processos identificatórios, que consistem em projetivos e introjetivos. Bem como, reflete na questão das forças que as lideranças exercem e que incitem na coesão e desagregação dos grupos.

Neste trabalho de 1921, Sigmund Freud infere que a psicologia individual e a psicologia social não se distinguem em sua essência, e pontua que as forças coesivas e disruptivas, juntam e separam os indivíduos pertencentes a um grupo.

Dentre os conceitos importantes de Freud, observamos em Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1917) a questão da regressão. Esta por sua vez, refere-se à volta as fases anteriores do desenvolvimento e pode ocorrer a qualquer pessoa. Na dinâmica grupal, por meio da neurose de transferência, os indivíduos podem regressar a fases mais primitivas de seu desenvolvimento.

Ao falar em regressão, destaca-se a questão da regressão tríplice.

De acordo com Terzis (1996), no grupo o aparelho psíquico sofre uma regressão tríplice, isto é, ocorre a combinação de três figuras de regressão. Vejamos o que significa cada uma delas:

a) Regressão Cronológica ao Narcisismo: pode ser observada no início de um processo grupal, onde o estar no grupo com outras pessoas é vivido como uma situação de intensa angústia para o indivíduo, frente à fantasia de perda de identidade, causando inclusive transtornos de comunicação e integração dos membros;

b) Regressão Tópica: neste tipo o ego e o super-ego não controlam a pulsão e é regida

pelo id e pelo ego-ideal, buscando o prazer por meio da substituição do grupo pelo objeto parcial perdido, o que permite dizer que o grupo é fonte de prazer no imaginário dos participantes;

c) Regressão Formal: efetiva-se através de expressões primitivas, relacionadas ao processo primário, como por exemplo, o uso de sorriso e olhares ao invés da articulação da fala.

As contribuições de Freud para compreensão do conceito de grupo são inúmeras, contudo para a presente pesquisa finalizo este momento com a formulação encontrada em a Dinâmica da Transferência (1912) sobre resistência, conceito este importantíssimo, pois acompanha todo processo pelo qual um grupo passa. Para o autor, este mecanismo é representado por forças que desejam mudanças, ao mesmo tempo contrastando com outras que querem fazer perpetuar a situação estabelecida. Pode-se dizer que, por um lado a resistência é representada através das relações que os indivíduos que constituem um grupo têm com o enquadre – regras – e por outro, são as defesas nas transferências.

## WILFRED BION

Psiquiatra e notável psicanalista da sociedade britânica de psicanálise, Bion teve seu pensamento influenciado de forma significativa pelas idéias de Melanie Klein, com quem se analisava na época em que criou e difundiu seus conceitos.

Cabe dizer, que Wilfred Bion foi psiquiatra no exército britânico durante a Segunda Guerra Mundial, e estas experiências no hospital militar, como também, seu trabalho no Tavistock Institute (instituição de caridade, britânica, dedicada aos estudos e pesquisas em comportamento de grupo e comportamento organizacional) em Londres, contribuíram de forma incisiva para criação de um conceito singular acerca da dinâmica do campo grupal, tornando-o pioneiro neste sentido.

Bion (1975) postulou que o grupo precede ao indivíduo, o que significa dizer, que as origens da formação espontânea de grupo têm raízes no grupo primordial, tipo a horda selvagem, tal como Freud a mencionou.

O autor destaca que o grupo, independente de sua natureza, se movimenta em dois planos. O primeiro plano é denominado de mentalidade do grupo de trabalho, no qual se opera a nível consciente e está voltado para a execução de alguma tarefa. Pode-se dizer que esta mentalidade coletiva com aspectos individuais, tem como características desenvolver capacidades como atenção, pensamento simbólico e representações verbais. Há presente neste plano, de forma latente, o “grupo de pressupostos básicos”, o qual diz respeito a manifestações primitivas, de pulsões e fantasias, por estar radicado no inconsciente. Por sua vez, estas manifestações compreendem a mentalidade primitiva que corresponde a tendência em dar respostas automáticas.

Bion (1975) elaborou três tipos de supostos básicos ou fantasias, as quais dão suporte a mentalidade primitiva. Estas são:

a)“dependência” (exige um líder carismático que inspire a promessa de prover as necessidades existenciais básicas);

b)“luta e fuga” (de natureza paranóide, requer uma liderança de natureza tirânica para enfrentar o suposto inimigo ameaçador);

c)“apareamento”, também conhecido como acasalamento (menciona a formação de pares no grupo que podem se acasalar e gerar um messias salvador, ou seja, é um suposto inconsciente que, para se manter, exige um líder que tenha algumas características místicas).

Vale destacar, que para o autor essas mentalidades referidas acima – de grupo e primitiva - não correspondem a uma sequência. Assim, no indivíduo moderno (tecnológico) há presente um lado evoluído (correspondente ao trabalho), como também um lado primitivo (regredido). O importante é encontrar um equilíbrio entre essas mentalidades, e isto, necessariamente advém de conflitos. Para haver um verdadeiro crescimento, torna-se vital a presença dos aspectos evoluídos e primitivos.

Enfim, para Bion (1975), o grupo é “essencial para realização da vida mental de um homem – tão essencial para isto quanto para a economia e a guerra” (BION, 1975, p.46).

Escola Francesa: Didier Anzieu e René Kaës

Na década de 60 os psicanalistas franceses Anzieu (1993) e Kaës (1997), retomando alguns pressupostos de Freud, apresentam trabalhos acerca da dinâmica dos grupos a partir de uma nova ótica: “aparelho psíquico grupal”. Este novo conceito carrega consigo as mesmas

instâncias que o psiquismo individual inconsciente, porém difere quanto ao seu funcionamento.

Com as concepções teóricas desses dois autores, o edifício que abriga as grupoterapias começa a adquirir alicerces referenciais específicos e representa uma tentativa no sentido de as grupoterapias adquirirem uma identidade própria (ZIMERMAN, 1997, p. 26).

Em 1966, Kaës e Anzieu (1989) propuseram três modelos sociais para compreensão de como os grupos se estruturam. Os organizadores psíquicos socioculturais têm como função identificar um modelo social já conhecido na história da humanidade, no sentido de este fornecer uma norma ou um “código” de como as pessoas deveriam estruturar um grupo. Vejamos quais são:

a) Modelo Cristão: baseado no modelo oferecido por Cristo e seus Dozes Apóstolos, onde há o predomínio de uma estrutura hierárquica de grupo com um líder e seus subordinados, com uma missão única a cumprir: evangelizar o mundo;

b) Modelo Hebraico: baseado no modelo das Doze Tribos de Israel, caracterizado por seu isolamento do resto do mundo, constituindo-se em comunidades com leis e costumes próprios. O isolamento contribuía para que o povo judaico não entrasse em contato com outras culturas e desta maneira, não se desviassem das Leis de Jeová;

c) Modelo Igualitário: baseado no Mito dos Argonautas ou na Lenda dos Cavaleiros da Mesa Redonda, onde predomina uma igualdade entre todos os membros do grupo e a conquista da busca de um objeto perdido. A característica principal era a de serem heróis no meio do seu povo.

Para os referidos autores, estes organizadores psíquicos estariam depositados na mente de um indivíduo e quando este estivesse em uma situação grupal projetaria um ou mais destes modelos no grupo. Realizando assim, sua representação de grupo.

No ano de 1963, Laplanche e Pontalis (2000) explicaram o conceito de projeção em uma vivência de grupo. Para os autores, projeção significa uma operação na qual o indivíduo expulsa de si algumas de suas qualidades, desejos, temores, sentimentos que desconhece de si mesmo e os localiza em outras pessoas ou coisas. Diz respeito aquilo que parece intolerável ao indivíduo, e que encontra lugar no meio exterior; reflete no outro – externo – aquilo que nega de si mesmo.

Kaës (1997) pontua a existência de quatro organizadores psíquicos grupais:

- 1) Imagem de um Organismo: aqui, o grupo pode ser comparado a um organismo animado ou inanimado;
- 2) Fantasias Intra-uterinas: neste caso, o grupo é representado pelas fantasias intra-uterinas, tais como da cena primitiva, sedução, castração, etc.;
- 3) Complexos Familiares e Imagos Parentais: neste organizador o grupo é visto a partir dos complexos familiares, dentre estes podemos citar Édipo ou Desmame;
- 4) Imagem do Aparelho Psíquico Individual: quando as instâncias do aparelho psíquico individual seriam aplicadas no grupo.

Para Kaës (1997) e Anzieu (1993), o grupo é a representação da imagem de um corpo, particularmente o corpo materno. Os autores inferem que os indivíduos buscam os grupos com o intuito de realizarem seus desejos. Isto significa, que tanto os motivos conscientes quanto os inconscientes motivam as pessoas a constituir um grupo. Para a construção dessas imagens internas os indivíduos utilizariam referências endopsíquicas presentes na mente de cada um e referências socioculturais. Na interação destes dois sistemas de organizadores psíquicos as pessoas representariam um grupo.

Assim, podemos dizer que quando uma pessoa vivencia uma situação de grupo, esta busca a realização de um desejo de se unir a um corpo que lhe ofereça proteção e amparo, igual ao corpo materno.

Kaës (1977), de forma significativa infere que o grupo é um espaço corporal que recebe sua existência de uma marca, como marcação. Esta por sua vez, realiza a unidade, coesão e igualdade. É o vínculo unificador que vela e dissolve as diferenças sociais, raciais e individuais.

A Imago compreende uma representação inconsciente, na qual funciona como entidade que organiza imagens e pensamentos. A imago primeira diz respeito ao seio materno e é, neste protótipo, que se revelará o modo como o indivíduo capta o próximo, e como elabora a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasmáticas com o seio familiar. Kaës (1977) nos lembra da tese enunciada por Didier Anzieu: o grupo é a sede da manifestação das representações reprimidas, dos afetos reprimidos, ou seja, o grupo é um sonho.

Destacaremos agora, a analogia construída por Anzieu (1993) sobre grupo e sonho. Para compreensão desta, iniciamos com a grande descoberta feita por Freud: o sonho. Este enquanto realização alucinatória de um desejo, onde os processos psíquicos primários aparecem de forma preponderante, apesar de estar enredado com os processos secundários.

Anzieu (1993) considera o grupo como realização imaginária de um desejo. Com igual proposição de Freud, para este autor, os indivíduos vão aos grupos da mesma forma que entram no sonho, ou seja, o grupo é um sonho sob o ponto de vista dinâmico psíquico.

Para alicerçar sua tese de que o grupo é um sonho, Anzieu (1993) levanta dois argumentos. Considerando aspectos da sociedade contemporânea, percebe-se um movimento acerca do grupo, no sentido de utilizá-los como solução para os problemas de toda ordem, desde financeiros, produtivos, até saúde mental e produção científica. Para os defensores dessa idéia, o grupo é uma realização imaginária dos seus desejos. Em contrapartida, surgem também grandes resistências a trabalhar em grupo, a pensar em termos de grupo e não mais em indivíduos. Bem como, resistências às dinâmicas de grupos. Vale ressaltar aqui, que Freud inferiu acerca das resistências à psicanálise.

Assim, pode-se dizer que o grupo experiência a mesma intensidade de angústia vivida na realização imaginária de um desejo, o que nos permite afirmar que da mesma forma que no sonho e no sintoma, no grupo apresenta associação de um desejo e de uma defesa.

No grupo, verifica-se a existência de um sonho, em que seus desejos sejam satisfeitos de forma incondicional, onde cada integrante encontraria sem cessar o desejo complementar do seu, isto é, o sonho de uma sociedade regida pelo princípio de prazer. Esta utopia caracteriza um desejo impossível de se realizar. Visto na psicanálise, como desejo edípiano. Tal proposição, explicam as ações antigupo presentes na nossa sociedade, sentido como uma ameaça à estabilidade psíquica individual, ou seja, ameaça representada pela pulsão.

Refletindo ainda sobre o paralelo entre grupo e sonho, podemos exprimir de forma concisa três enunciados.

Primeiro, que o desejo realizado no grupo e no sonho, corresponde a desejos não satisfeitos nas relações do indivíduo, tanto da vida privada quanto social, os quais são trazidos para o grupo. Anzieu (1993) ressalta que, estes desejos são desejos reprimidos da infância.

Por sua vez, o segundo diz respeito ao aspecto de regressão, ou seja, da mesma forma

que os grupos de criança brincam de ser adulto, este último em grupos, brinca de ser criança. Vale acrescentar que, o psicanalista utiliza a regressão presente no grupo como material para o exercício de sua técnica.

E por fim, o terceiro enunciado compreende que o desejo, presente no grupo e no sonho, refere-se a duas importantes possibilidades: ora que esse desejo é a cristalização de um sintoma ou uma configuração patológica, ora como um desejo inconsciente, o qual seu sentido permanece incompreendido, mas indica empreitadas reais onde procurará realização.

Assim, nos grupos alguns indivíduos sonham seus desejos, e outros atuam seus desejos desviando o objeto principal. O autor coloca que no grupo, como no sonho, “as ações são deslocamentos, condensações e figurações simbólicas do desejo” (ANZIEU, 1993, p. 53).

Todo grupo constitui um lugar de trocas inconscientes, as quais conduzem por construções fantasmáticas, por isso tem sua simbologia e seus mitos. Essas construções fantasmáticas é o que “reúne o grupo, tanto na sua coesão operante como na sua angústia coletiva” (ANZIEU, 1993, p.54). Para o autor, a fantasia tem papel primordial na vida dos grupos.

Já para Kaës (1977), a fantasia constitui um dos organizadores da representação psíquica do grupo, e ao mesmo tempo, o processo grupal. De acordo com este autor, as fantasias constituem a estrutura da relação básica que suporta o vínculo e as posições típicas nos grupos, sendo a fantasia da cena primária o modelo privilegiado, a partir da qual se organiza a presença de outras fantasias originárias.

Anzieu (1993) destaca que o grupo deve lidar com as mesmas pulsões fundamentais presentes no sonho: pulsões libidinais, agressivas e de morte. Os fantasmas enquanto organizações inconscientes representam a força do desejo e infiltram o corpo, o pensamento, a ação e a realidade exterior, em consequência no grupo, podemos dizer que os fantasmas individuais emanados de alguns membros, desenvolvem nos outros, efeitos de contágio e de resistência. Desta forma, todos os processos psíquicos descritos no aparelho psíquico individual estão presentes no grupo.

Aqui, vale enfatizar que Kaës (1977) fala da existência do aparelho psíquico grupal dotado das mesmas instâncias que o aparelho psíquico individual, porém com princípios de funcionamento diferente. O autor chama de aparelhos homólogos e não isomorfos.

Anzieu (1993) coloca que o grupo é como um “corpo”, e os indivíduos que o compõem podem ser denominados de “membros” deste. Evidencia-se aqui a angústia de fragmentação do corpo e do psiquismo despertada pela situação de grupo, visto que a identidade do Ego é questionada pelo grupo. Esse questionamento é devido o anonimato dos seus membros, como também, cada Eu sente o risco de se perder e se decompor nas outras pessoas do grupo.

As ‘imagos’ parentais descobertas por Freud desempenham um papel estrutural em certas situações do grupo. Como, por exemplo, compreender de outra forma, senão através da unidade subjacente de uma imago, os fenômenos aparentemente tão díspares que se observam numa multidão espontânea? (ANZIEU, 1993, p.59).

Isto é, a massa onde alguns se sentem perdidos, outros se sentem pequenos, alguns com medo, outros com raiva... Enfim, tudo isso indica a presença central e inconsciente da imago materna na coletividade humana.

O autor afirma que é possível pensar no Id, Ego e Superego em dinâmicas de grupo. Ou seja, o Id corresponde à pluralidade dos indivíduos, os quais evocam para cada membro uma diversidade de pulsões, tornando a pulsão de um só. Por sua vez, o Ego consiste em controle e escolha da direção das pulsões, atribuindo sentido de realidade. E por fim, o Superego apresenta-se com a regra comum nascida do consentimento de todos do grupo.

Anzieu (1993) conclui que há duas formas distintas de estudar um grupo. Primeiro, compreendendo este enquanto uma cidade em miniatura onde há um estado nascente e fenômenos sociais fundamentais. A outra forma, diz respeito a entender o grupo como um encontro de pessoas, no qual há presença de afinidades, confrontos, desejos, exibicionismo, necessidade de proteção, angústias, medo e seus mecanismos de defesa, entre outros aspectos constituintes da natureza humana, presentes no sonho também. Esta última perspectiva, compõem os estudos psicanalíticos de grupos para ele.

Por sua vez, segundo Kaës (1977) o aparelho psíquico grupal é a expressão da criatividade do grupo. Esse aparelho regula a manifestação da libido, como também dos desejos e isso assegura a passagem das diferentes realidades psíquicas para a realidade grupal.

Afirma que um grupo forma uma espécie de rede, a qual contém os desejos, os pensamentos, as palavras e ações, possibilitando que o grupo se constitua como um espaço interno e com temporalidade própria. Isto quer dizer, sem passado de onde gera sua origem;

um futuro onde projeta suas metas e ilusões; e um presente que estabelece um sistema de conflitos e regras. Este conjunto é reduzido à sua trama e, desse ponto de vista, toda vida de grupo está presa numa trama simbólica. Assim, é ela que o permite continuar existindo e possibilita a sua constituição em um corpo.

Anzieu (1993) aceita as proposições de Kaës sobre o aparelho psíquico grupal. Kaës (1977) descreve os princípios norteadores desse aparelho, que para ele, sinalizam o estado evolutivo do grupo com relação ao seu funcionamento. Os princípios apontados são a auto-suficiência do grupo acerca da realidade física e social, a delimitação entre um interior e exterior do grupo, e por fim a indiferenciação entre o indivíduo e o grupo (isomorfia).

Podemos concluir que as concepções elaboradas por Kaës (1977/97) podem ser perfeitamente entrelaçadas às de Anzieu (1993) no que diz respeito aos organizadores e aparelhos psíquicos do grupo com as fantasias inconscientes. Kaës (1997) no desejo de esclarecer o término de um grupo aborda o item do grande desorganizador como sendo o agente pertinente ao desfecho de um grupo.

A compreensão do funcionamento grupal no âmbito psicanalítico é perfeitamente possível considerando, segundo Anzieu et al. (1978), que na realidade, os processos psíquicos que ocorrem nos grupos não deixam de ter relação com os que a teoria psicanalítica postula no domínio individual.

Kaës (1997) mostra a importância do estudo a respeito dos vínculos grupais, alertando para que esse não tenha apenas a finalidade de descrever, mas, também para auxiliar o trabalho psíquico. Para que isso ocorra faz-se necessário criar, manter e transformar os processos psíquicos comuns aos membros do grupo.

Por fim, terminamos esta reflexão teórica, com as palavras de Kaës (2000) acerca de sua visão sobre as teorias psicanalíticas de grupo:

*En algunos años, las teorías psicoanalíticas del grupo han diversificado sus hipótesis fundamentales y sus objetos. Se consolidaron a medida que la construcción metodológica se hacía más rigurosa possibilitando la puesta a prueba de las especulaciones, y que la clínica obligaba a encontrar nuevas representaciones de los procesos psíquicos desencadenados en los grupos. Las investigaciones deben seguramente continuar, bajo el doble aguijón de la clínica y de la crítica (KAËS, 2000, p. 139).*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZIEU, BEJARANO, A., KAËS,R., MISSENARD, A. e PONTALIS, J-B. O trabalho psicanalítico nos grupos. Trad. Ana Maria Cunha e Marta Ulsich. Lisboa: Martins Fontes, 1978.

ANZIEU, Didier. O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal/Didier Anzieu; tradução Anette Fuks e Hélio Gurovitz; revisão técnica Jair Fuks – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

BION, Wilfred R. Os elementos da Psicanálise, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1962.

\_\_\_\_\_. O aprender com a experiência. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

\_\_\_\_\_. Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo; tradução e prefácio [de] Walderedo Ismael de Oliveira. 2ª ed. Rio de Janeiro, Imago; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da Transferência. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 12).

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões sobre a Psicologia Escolar. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 13)

\_\_\_\_\_. Observações sobre o amor de transferência. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 12)

\_\_\_\_\_. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: Cinco lições de psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 11)

\_\_\_\_\_. O Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud)

\_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e análise do ego. In: Além do princípio do prazer. Psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 18)

\_\_\_\_\_. Totem e Tabu. In: Totem e Tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 13)

\_\_\_\_\_. Artigos sobre a Metapsicologia. In: A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 14)

\_\_\_\_\_. Linhas do progresso na teoria psicanalítica. In: Uma neurose infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 17)

\_\_\_\_\_. Resistência e Repressão. Conferência XIX. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 16)

KAËS, R. e ANZIEU, D. Crônica de um grupo. Barcelona: Gedisa, 1989.

KAËS, René. O grupo e o sujeito do grupo elementos para uma teoria psicanalítica do grupo/René Kaës; tradução José de Souza e Mello Werneck. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

\_\_\_\_\_. El aparato psíquico grupal. Construcciones de grupo. Trad. Hugo Acevedo. Barcelona: Granica Editor, 1977.

\_\_\_\_\_. Las teorías psicanalíticas del grupo. Impreso en los Talleres Color Efe. Paso 192, Avellaneda, provincia de Buenos Aires, em julio de 2000.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. Vocabulário de Psicanálise. Trad. Pedro Tamen. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TERZIS, Antonios. Experiências sobre a instituição acadêmica: um modelo de intervenção. In: TERZIS, A. (Org.). Repensando a formação do psicólogo: da informação à descoberta. Campinas: Átomo, Vol. 1, 1996.

\_\_\_\_\_.Psicanálise, Grupalidade e Cultura. 1ª Edição, Campinas: Ed. Magister Baron, 2005.

ZIMERMANN, David E. Como trabalhamos com grupos / David E. Zimmerman, Luiz Carlos Osório...[et. Al] – Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

## **O BULLYING COMO FENÔMENO PSÍQUICO PRODUZIDO NO GRUPO<sup>1</sup>**

Renata Fernandes Pimenta Queiroz

Dr. Antonios Térzis

### **INTRODUÇÃO**

Há dois anos temos nos interessado pelo tema “bullying” devido à recorrência com que o fenômeno vem sendo apresentado pela mídia. Mas, foi somente em 2010, após ter participado de um Simpósio Nacional Cefas, que pensamos em desenvolver um projeto de pesquisa. O tema inicial do projeto era “O bullying como fenômeno de pertencimento ao grupo”, que posteriormente foi substituído por “O bullying como formulação psíquica produzido no grupo pelo inconsciente”.

A Organização Mundial da Saúde – OMS, em seu Relatório Mundial sobre Violência e Saúde de 2002, alerta que a violência é um problema de saúde pública crescente no mundo, que pode causar prejuízos imediatos e de longo prazo para o desenvolvimento psicológico e social dos indivíduos (OMS, 2002). Estas atuações violentas devem ser revistas em função das mudanças que vem ocorrendo na sociedade atual, onde certos indivíduos não conseguem se adaptar vivenciando as situações com frustração (TÉRZIS, 2010).

Neste contexto surge o bullying como um novo conceito que passa a ser considerado no campo de estudos da Psicologia. O bullying, palavra de origem inglesa que significa agredir, intimidar e atacar alguém (CAMPOS e JORGE, 2010), ou uma forma de violência, existe há muito tempo. Contudo, somente há alguns anos temos nos deparado com o assunto na mídia, em função do aumento da violência nas escolas. Sendo assim, nas últimas décadas, o bullying vem se tornando foco de preocupação por parte do governo e de toda sociedade (FANTE, 2005).

---

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa do grupo Psicanálise – Grupalidade do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Trata-se de um tema complexo que deve ser tratado com seriedade pela escola, família e sociedade, por ser uma forma de violência que evidencia desigualdade e injustiça social. O que pode causar prejuízos, como dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais (FERREIRA e TAVARES, 2009).

Fante (2005) define o *bullying* como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, intencionais e sem motivação evidente que são realizados repetidamente. É uma relação que envolve um desequilíbrio de poder, onde um ou mais alunos se colocam contra outro mais fraco causando sofrimento. Desta maneira os grupos atuam ridicularizando e hostilizando a vida de outros alunos, levando-os a exclusão, danos físicos, psicológicos, morais e materiais.

O relatório final de pesquisa “*Bullying* Escolar no Brasil” (2010) constatou que a violência é um fenômeno relevante nas escolas brasileiras, pois 70% dos alunos pesquisados relataram ter visto, pelo menos uma vez, um colega ser agredido na escola no ano de 2009, enquanto 9% afirmaram ter visto colegas serem maltratados várias vezes por semana e 10% relataram ver esse tipo de violência todos os dias. O estudo também apontou que os próprios pais citaram a negligência da família como causa do *bullying* no ambiente escolar.

Um dos precursores na utilização do termo *bullying* foi Dan Olweus, professor e pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega. No início dos anos 1970, ele investigava o problema dos agressores e suas vítimas na escola, apesar de não ter identificado um interesse sobre o assunto por parte das instituições na época. Foi somente na década de 1980, depois que três adolescentes entre 10 e 14 anos cometeram suicídio, provocado por situações graves de *bullying*, que as instituições passaram a demonstrar interesse pelo tema (LISBOA, BRAGA e HEBERT, 2009).

Toro, Neves e Rezende (2010), concluíram que a compreensão sobre o *bullying* exige o reconhecimento da violência como um elemento social significativo na sociedade contemporânea. Os autores compreenderam com sua pesquisa que “o cenário de violência na escola está ancorado em relações de expropriação de poder sustentadas por autoritarismo, repressão e ruptura do diálogo, elementos essenciais à potencialização do *bullying*” (p. 135).

Em sua apresentação de casos de *bullying*, pesquisados por alunos de pós-graduação em “Fenômeno *bullying*: abordagem psicanalítica na prevenção de violência escolar”, Fante (2005) conclui que, a ação do agressor, que é individual, se transforma em coletiva quando os

admiradores repetem suas condutas atacando a mesma vítima ou outra.

A pesquisa apontou que o agressor exerce poder devido a sua força física ou psicológica, que o destaca perante o grupo transformando-o assim em um modelo de identificação. Desta maneira o aluno adere ao grupo de agressores ou converte-se em agressor, por pressão, forma de defesa, para não se tornar a próxima vítima, para não ser banido do grupo ou para garantir popularidade. Também constataram que estas atuações agressivas estão presentes em todas as escolas brasileiras sejam elas públicas (municipais, estaduais e federais) ou particulares (FANTE, 2005).

É importante considerar a adolescência ao discutirmos o fenômeno *bullying*, pois essa é uma fase de transição caracterizada por muitas mudanças, tanto físicas quanto emocionais, onde o adolescente está formando sua identidade. Consideramos que na adolescência, com a puberdade, os instintos voltam a atuar e o adolescente vive uma reedição de sua primeira infância (LEVISKY, 2000).

Outro fator a ser considerado ao discutirmos o *bullying* é a família, o contexto familiar é de extrema importância para a vida psíquica dos indivíduos. Tortorelli, Carreiro e Araújo (2010), nos resultados de sua pesquisa apontaram para o fato de que a violência familiar pode estar correlacionada com a violência escolar.

Os referidos autores afirmam que mesmo com a correlação positiva apresentada em seu estudo, é necessário destacar que a violência escolar pode ser influenciada por múltiplos fatores e que a família é apenas um deles. E que dentre os fatores, devem ser considerados as características individuais dos adolescentes, as contingências do ambiente escolar e os valores sociais atuais (TORTORELLI, CARREIRO e ARAÚJO, 2010).

No que diz respeito aos educadores, Toro, Neves e Rezende (2010) notaram por meio de observações participantes e discursos, que a relação entre professor e aluno é tensa, distante e desinteressada. E que este é um cenário fértil responsável por manter ou mesmo revelar comportamentos violentos de interação, caracterizando ou potencializando o *bullying*. Em relação à capacitação, sua pesquisa apontou para um desconhecimento sobre o fenômeno por parte dos professores, o que confirma o cenário já apresentado em outras pesquisas como no relatório final de pesquisa “*Bullying* Escolar no Brasil” (2010).

Aprender sobre o *bullying*, identificar o cenário violento na escola e pensar estratégias de enfrentamento é um desafio significativo e fundamental aos diversos segmentos que

compõem o universo educacional (TORO, NEVES e REZENDE, 2010, p. 135).

Campos e Jorge (2010) constataram em seu estudo com educadores que a maioria das informações sobre o tema *bullying* vem da mídia, que na atualidade tem voltado suas atenções para o problema. Os autores afirmam ainda que a divulgação destas matérias, muitas vezes trata apenas do ato de violência e das consequências finais e deixa em segundo plano os meios de prevenção e de como lidar com o problema. Mesmo com a divulgação nos meios de comunicação, pouco se conhece sobre o fenômeno “*bullying*”. As escolas em que as pesquisas foram realizadas compareceram somente com 18,26% das oportunidades de capacitação sobre o tema.

De acordo com Lisboa, Braga e Hebert (2009), embora o *bullying* venha sendo considerado um problema de saúde pública, ainda não existem políticas públicas voltadas especificamente para a prevenção deste fenômeno.

Gomes e Rezende (2011) em sua pesquisa observaram um pequeno número de artigos sobre o tema entre o período de 2006 a agosto de 2011. Dos 57 artigos encontrados na base de dados Scielo, apenas 10 foram selecionados após uma revisão crítica por tratarem especificamente do tema *bullying* na realidade brasileira. Alguns artigos não diziam respeito especificamente ao *bullying*, outros retratavam a realidade de outros países e outros eram publicados em língua Inglesa ou Espanhola.

A partir da análise dos artigos, os resultados encontrados pelas autoras apontaram que as formas de intimidação mais frequentes foram, a verbal, física, emocional, racial e sexual. O *bullying* também foi relacionado ao sexo masculino, hiperatividade e problemas de relacionamento (GOMES e REZENDE, 2011).

Os estudos de Wendt, Campos e Lisboa (2010), também apontaram que a maioria dos casos de bullying são cometidos por meninos e estes tendem a usar a força física, embora as meninas também estejam envolvidas nestas práticas, a diferença é que no sexo feminino as agressões acontecem de forma indireta e são, na maioria das vezes, verbais.

Assim, os autores concluíram que é necessária a criação de políticas que visem à prevenção e debates sobre o tema, para que se construa um ambiente saudável e adequado ao desenvolvimento de pessoas. Nesse sentido, pais, professores e profissionais da área da saúde devem ter uma maior instrução a respeito do assunto (GOMES e REZENDE, 2011).

Estes resultados de pesquisas evidenciam a carência de conhecimento a respeito do tema e os prejuízos para a vida psíquica dos indivíduos. O que demonstra a necessidade de mais estudos para compreensão deste fenômeno, para que se possa pensar novas formas de prevenção e intervenção.

Desse modo, baseados nos estudos de campo anteriormente citados, neste trabalho temos como objetivo compreender o bullying dentro das teorias de Psicanálise e Psicanálise - Grupalidade. Consideramos que este fenômeno de bullying é determinado pelo psiquismo (inconsciente).

## OBJETIVOS

- Inserir o aluno no campo da pesquisa em psicanálise de grupo, conduzindo-o ao trabalho de desenvolvimento e apreensão da delimitação de seu campo e objeto de estudo, assim como o preparando para aplicar o método psicanalítico em situações grupais onde se produz o fenômeno bullying.
- Favorecer o desenvolvimento de competências básicas para a pesquisa, tais como: revisão de bibliografia (nacional e internacional), elaboração de referencial teórico, desenvolvimento de metodologia, organização e sistematização do material coletado, desenvolvimento de relatório e de texto científico para publicação;
- Exercitar o pesquisador-aluno num modelo de pesquisa que favoreça o desenvolvimento da postura de um pesquisador que se insere num contexto específico de pesquisa, ensinando-a a formular problemas, aplicar o método psicanalítico em situações grupais (instituições, comunidades, entre outras) e articular o conhecimento;
- Elaborar uma pesquisa bibliográfica sobre o tema bullying, que com maior frequência surge nas instituições escolares, compreender esse fenômeno que está contido nos movimentos das relações inter, intra e transsubjetivas, nos grupos em que o jovem está inserido;
- Discutir o fenômeno bullying nas teorias de Psicanálise e Psicanálise - Grupalidade e pensar novas estratégias de prevenção e intervenção.

## MÉTODO

Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica de base psicanalítica, utilizamos textos científicos nacionais e internacionais dos últimos cinco anos e as teorias de Psicanálise e Psicanálise - Grupalidade para desenvolver este estudo. A técnica utilizada no projeto foi a leitura, discussão e compreensão psicanalítica dos textos selecionados.

Primeiramente selecionamos os textos para o desenvolvimento do projeto, e desta maneira as leituras tiveram início com: Fante (2005) “Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz”, artigos nacionais e internacionais relacionados ao tema. E depois textos de Freud como: (1900) “A interpretação dos sonhos”, (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, (1913) “Totem e tabu”, (1920) “Além do princípio do prazer”, (1921) “Psicologia de grupo e a análise do ego”, (1923) “O ego e o id”, (1930) “O mal-estar na civilização” e (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”.

Foram selecionados mais alguns textos de outros autores psicanalistas como: Calligaris (2000) “A adolescência”; Levisky (2000) “Adolescência e violência: consequências da realidade Brasileira” e (1998) “Adolescência: pelos caminhos da violência”; Winnicott (1994) “Agressão e suas raízes”, “A tendência anti-social” e “Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil” In: Privação e delinquência e (1999) “A delinquência como um sinal de esperança” In: Tudo começa em casa.

A bibliografia escolhida também abrange alguns dos principais autores das teorias de Psicanálise de Grupo como: Bion (1961/1975) da escola inglesa com o texto “Experiência com grupos”; da escola francesa Kaes (1997) “O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica de grupos” e Anzieu (1993) “O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal”. Estes autores foram escolhidos porque constam em quase todas as publicações atuais sobre Psicanálise de Grupo.

Os textos foram lidos e depois discutidos nas reuniões do grupo de pesquisa “Psicanálise e Grupalidade” e também nas reuniões de supervisão com o orientador.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *O bullying* compreensão psicanalítica

Freud dá início a Psicanálise com a descoberta do inconsciente. Inicialmente interpretando os sonhos de seus pacientes e os seus próprios sonhos foi fazendo suas descobertas (Freud, 1900). Em “Além do Princípio do Prazer” (1920), propõe que o caminho feito pelos eventos mentais está regulado pelo princípio do prazer. Segundo ele, uma tensão desagradável se movimenta em busca da redução da mesma, que tem como fim a evitação do desprazer ou uma produção de prazer.

Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do princípio do prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça para manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante (FREUD, 1920, p. 18).

Para o autor, o indivíduo não age somente pelo princípio do prazer devido às dificuldades do mundo externo, e os instintos de auto-preservação do ego. O princípio do prazer é uma forma de funcionamento primário. Com o amadurecimento, o princípio da realidade passa a funcionar colocando a realidade frente aos desejos.

Consideramos que os indivíduos praticantes de bullying obedecem a este funcionamento primitivo, atuam de acordo com o princípio do prazer, pois tem dificuldades de lidar com a frustração imposta pela realidade.

Foi também na obra de (1920) que Freud discorreu sobre os instintos e a compulsão a repetição. Nos seus estudos, a partir da experiência clínica e da observação de jogos infantis, percebeu que os sonhos que acontecem repetidamente em casos de neuroses traumáticas trazem o paciente de volta a situação do trauma, o que caracteriza uma imposição da experiência traumática mesmo no sono.

De acordo com a visão psicanalítica, o bullying ou outras formas de violência podem ser compreendidos como acting-out, ou seja, atuações de materiais reprimidos que acontecem como uma forma de repetição de experiências passadas, e que geralmente não são acompanhadas de pensamentos, pois são atuações impulsivas. Portanto, o material reprimido passa a ser repetido na situação atual e é caracterizado por alguma parte da vida sexual

infantil (Complexo de Édipo), (FREUD, 1920).

Freud dá grande importância ao Complexo de Édipo, segundo ele a primeira escolha de objeto para amar feita pelo menino é incestuosa e este escolhe como objetos de amor a mãe e a irmã. Na medida em que se desenvolve abandonará este desejo pelo objeto incestuoso e investirá em outros objetos. O indivíduo que tem alguma falha nessa fase do desenvolvimento pode apresentar fixações, que podem desempenhar o papel principal em sua vida mental inconsciente. Assim, considerou o complexo de Édipo como núcleo das neuroses. Portanto, de acordo com o autor as repetições são estas partes da vida mental do indivíduo que não foram bem elaboradas (FREUD, 1913).

No desfecho do complexo de Édipo o menino internaliza o pai, identifica-se com ele e, por conseguinte, surge como herdeiro dessa relação o superego, que nas palavras de Freud (1923):

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (conscience) ou, talvez, de um sentimento de culpa [...] (p. 47).

A maneira como o indivíduo resolve sua complexiva edípica, é que vai determinar sua maneira de se colocar diante do mundo. Se estas partes da vida mental não foram bem elaboradas, podem acabar se manifestando na situação atual.

Em suas observações de jogos infantis, Freud percebeu que o menino trazia à tona sua experiência de separação com a mãe, repetia a situação de abandono para que a mãe pudesse retornar. O que parecia ser mais importante era o retorno da mãe, mas ele precisa estar no controle da situação. Freud entendeu que o que caracteriza estas experiências é a compulsão à repetição, que tem como objeto tanto experiências dolorosas quanto prazerosas (Freud, 1920).

Sobre os instintos, Freud (1920) os caracteriza como fontes de excitação interna do organismo que buscam uma finalidade.

Parece, então que um instinto é um impulso, inerente a vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para

dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente a vida orgânica (p. 47).

Freud (1920), em “Além do princípio de prazer”, distinguiu dois grupos de instintos: os instintos do ego, deles derivam a pulsão de morte e os instintos sexuais que são responsáveis pela pulsão de vida.

Em *O Mal Estar na Civilização* (1930), ele conclui que assim como existe a pulsão de vida, também existe a pulsão de morte.

Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, conclui que, ao lado do instinto para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outro instinto, contrário àquele, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta ao seu estado primevo e inorgânico. Isso equivaleria a dizer que, assim como Eros, existia também um instinto de morte (p. 122).

Sendo assim, pulsão de vida e pulsão de morte são opostos “Os fenômenos da vida podiam ser explicados pela ação concorrente ou mutuamente oposta desses dois instintos” (FREUD, 1930, p. 122).

O *bullying* também pode ser compreendido como manifestação da pulsão de morte já que, para Freud (1930), o ser humano tem uma tendência inata para a agressividade “Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros, e que com este divide o domínio do mundo” (p. 126).

O desejo de destruição e agressividade pode ser dirigido tanto para fora quanto para dentro do indivíduo, na medida em que dirige o instinto de morte para o mundo externo, que é manifesto através da agressividade e destrutividade, está agindo a serviço do amor a seu próprio eu (self), visto que destrói qualquer outra coisa que não a si. Desta maneira ele suspeita que esses dois tipos de instintos raramente apareçam separados, e que isto dificulta o reconhecimento dos mesmos (FREUD, 1930).

Ainda nesse artigo, Freud, a partir do desenvolvimento do indivíduo, discorre sobre como o ser humano pode tornar inofensivo seu desejo de agressão. Segundo ele, a agressividade é introjetada e internalizada, assim é remetida para o lugar de onde veio e dirigida ao seu próprio ego. Esta agressividade é assumida pelo superego que se coloca contra o ego, da mesma maneira que o ego se coloca contra outros indivíduos. A tensão entre ego e superego gera no indivíduo o sentimento de culpa. É dessa maneira que a civilização

consegue dominar o desejo de agressão do indivíduo.

Os principais envolvidos nas situações de *bullying* são o agressor, que é quem pratica o *bullying*, e a vítima que geralmente é mais fraca e não se defende. Para a psicanálise essa relação pode ser compreendida pelos conceitos de sadismo e masoquismo onde há um que sente prazer em agredir (sadismo) e outro que se submete a agressão (masoquismo).

Freud (1905) em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, discutindo os conceitos de sadismo e masoquismo, comenta a opinião do autor Krafft-Ebing, que postula que a inclinação a infligir dor ao objeto sexual ou submeter-se a ela são denominadas por ativo “sadismo” e passivo “masoquismo”, que indicam o sentir prazer em qualquer forma de humilhação ou sujeição. O sadismo pode ser entendido tanto como atitudes ativas como também violentas em relação ao objeto sexual. O masoquismo inclui todas as atitudes passivas perante a vida e pode ser uma continuação do sadismo que se volta contra o próprio ego.

A constatação de Wendt, Campos e Lisboa (2010) de que o *bullying* está relacionado ao sexo masculino, com uma tendência a atuar usando a força física, e que nas meninas esse fenômeno aparece com menor frequência e de forma indireta, pode ser compreendida pelo modelo sociocultural de Kaes (1997). Nesse modelo existem “organizadores socioculturais” que determinam a maneira de funcionamento de uma cultura. Assim, são produzidos códigos culturais que definem como devem atuar culturalmente os meninos (mais ativos) e as meninas (mais passivas).

Geralmente o *bullying* é praticado em grupo, Freud em “Psicologia de grupo e Análise do Ego” (1921), analisando as teses de McDougall comenta que:

Um grupo é impulsivo, mutável e irritável. É levado quase que exclusivamente por seu inconsciente. Não pode tolerar qualquer demora entre seu desejo e a realização do que deseja. Tem um sentimento de onipotência: para o indivíduo num grupo a noção de impossibilidade desaparece (p. 88).

O autor comenta ainda que os sentimentos de um grupo vão a extremos. Assim, qualquer suspeita pode se transformar em um ódio furioso. Ao discorrer sobre os princípios éticos dos grupos, considera que os indivíduos quando reunidos em um grupo perdem suas inibições individuais e despertam todos os instintos brutais, cruéis e destrutivos que estavam adormecidos. Entretanto, influenciados pela sugestão, os grupos também são capazes de

grandes realizações sob forma de desprendimento e devoção a um ideal. Freud também pontua que, para a constituição de um grupo é necessário que os indivíduos tenham algo em comum, um interesse comum em um objetivo, uma inclinação emocional semelhante.

Outros autores psicanalistas como, Calligaris tem se dedicado ao estudo da adolescência, que se caracteriza por uma fase de várias mudanças. Segundo Fante (2005) é geralmente nesta faixa etária entre 11 a 14 anos o período de maior ocorrência do fenômeno *bullying*.

Para Calligaris (2000), os adolescentes atuam os desejos reprimidos dos pais, eles transgridem para ser reconhecidos. Nessa busca por reconhecimento eles transformam sua faixa etária em um grupo social separado dos adultos. Nesses grupos eles procuram a ausência da moratória que lhes é imposta, sendo o surgimento do grupo uma forma de não mais esperar pelo reconhecimento dos adultos. Quanto mais o comportamento for transgressor, mais fácil será o reconhecimento, sendo a transgressão uma forma de se afastar dos adultos e adesão à fidelidade do grupo.

[...] no grupo assim constituído, eles perseguem e praticam os sonhos proibidos (dos adultos). O grupo adolescente é transgressor em sua função (oferecer reconhecimento sem precisar dos adultos). Mas é também facilmente transgressor em suas atuações. Para seus membros, vale a idéia de que a esperança de reconhecimento vem da transgressão. Sobretudo, vale a constatação de que a transgressão coletiva solidifica o grupo e garante reconhecimento recíproco no seu seio (CALLIGARIS, 2000, p.38).

Freud (1921) se interessava pelas massas na tentativa de compreender se o complexo de Édipo poderia ser a base para abarcar as multidões. Já Bion (1961/1975) se interessava pelos pequenos grupos e pode contribuir para a compreensão do fenômeno *bullying*. Em seus estudos percebeu que existem mentalidades próprias ao funcionamento de grupo. Uma delas é a mentalidade primitiva que funciona de acordo com o processo primário, obedecendo assim as leis do inconsciente. Essa mentalidade primitiva surge como uma forma de defesa diante de situações ameaçadoras vividas pelo indivíduo no grupo e funciona de acordo com três pré-supostos básicos que se alteram, o de “dependência”, “luta-fuga” e o de “acasalamento”.

A mentalidade de grupo é a expressão unânime da vontade do grupo à qual o indivíduo contribui por maneiras de que não se da conta, influenciando-o desagradavelmente sempre que ele pensa ou se comporta de um modo que varie de acordo com as suposições básicas (p. 57).

No pressuposto básico de “dependência” existe no grupo a fantasia de depender totalmente de um líder que seja capaz de oferecer proteção, segurança e satisfação dos desejos. “O grupo é bastante incapaz de enfrentar as emoções dentro dele, sem acreditar que possui alguma espécie de Deus que é inteiramente responsável por tudo o que acontece” (p. 30). Neste pressuposto os membros atuam disputando a atenção do líder e predomina o sentimento de culpa (BION, 1961/1975).

O pressuposto básico de “luta-fuga” refere-se à ideia de que os membros se ocupam primordialmente da conservação do grupo, por medo de serem atacados ou destruídos pelo objeto persecutório, assim se unem para lutar ou fugir de algo. Os interesses individuais ficam em segundo plano, prevalece a preocupação com a coesão do grupo e o líder deve possibilitar a fuga (BION, 1961/1975).

De acordo com o autor, no suposto básico de “acasalamento”, existe no grupo a fantasia de que o líder está para nascer, e um casal será responsável por gerar uma ideia ou um acontecimento que os livrará de todas as dificuldades. Há o predomínio de defesas maníacas, e o líder deve ter características messiânicas (BION, 1961/1975).

Esta teoria nos possibilita compreender o fenômeno bullying como uma regressão a uma fase primitiva do desenvolvimento, que de acordo com Bion (1961/1975) é uma protomentalidade. Parece-nos que as instâncias ego e superego são anuladas e o sujeito atua pela emoção.

Kaes (1997), em seu livro *O grupo e o sujeito do grupo*, tenta colocar os elementos de uma compreensão psicanalítica dos fenômenos psíquicos produzidos nos pequenos grupos humanos, assim tem como objetivo:

[...] compreender como, através das diversas modalidades e efeitos da sujeição dos seres humanos entre si, na forma paradigmática do grupo, constituem-se, transformam-se ou desaparecem tanto o sujeito singular como o Eu (Je) capaz de pensar em seu lugar nos conjuntos intersubjetivos. De sua relação com esses conjuntos, os sujeitos são, por um lado, constituídos como sujeito do inconsciente, e, de outro, constituintes da realidade psíquica aí produzida (p. 17).

Em sua proposta de construir uma teoria psicanalítica dos grupos, propõe que o aparelho psíquico grupal agrega diferentes níveis: inter, intra e transpsíquicos.

Lembremos que o que constitui a estrutura grupal é o princípio que faz manter juntos seus elementos, além de sua conflitualidade. Este princípio assegura ao sistema uma estabilidade de investimento, uma capacidade auto-organizadora e auto-representativa, uma força de regulação, de atração e de inibição sobre os elementos ou processos geradores de tensão demasiada perigosa para a estrutura (KAES, 1997, p.136).

Para Anzieu (1993), existe um aparato psíquico grupal com instâncias semelhantes as do aparelho psíquico individual, mas que não seguem os mesmos princípios de funcionamento. O autor faz uma analogia entre o grupo e o sonho, para ele, assim como em um sonho, o grupo é o lugar de realização imaginária de desejos inconscientes, onde os processos primários são determinantes e aparecem sob a forma de processos secundários. Assim, o grupo pode ser vivido como uma fonte de angústia (grupo como sintoma), e como um sonho, pois existe em seus membros desejo e defesa.

No grupo real, o autor observou que existe uma fantasia de realização plena dos desejos, a do sonho de uma sociedade regida pelo princípio do prazer, da realização do desejo proibido, isto é, o desejo Edipiano, que evoca um perigo representado pela pulsão.

Portanto, de acordo com a tese de Anzieu (1993) “O grupo como um sonho”, podemos pensar que o *bullying* encontra no grupo um terreno fértil para sua propagação, pois enfraquece as defesas e reforça os impulsos entre os membros, pois é um lugar que evoca o princípio do prazer “[...] a fascinação pelo desejo proibido, ao invés de encontrar, na associação dos membros do grupo, sua realização imaginária, provoca a atuação onde a fantasia portadora do desejo encontra um modo de realização específico” (p. 51). Assim, o *bullying* pode ser visto como este modo de “realização específico”, pois foi a forma que a fantasia portadora do desejo encontrou como saída.

De acordo com as concepções teóricas da Psicanálise e Psicanálise -Grupalidade podemos compreender a agressividade e a violência como algo que faz parte da natureza humana, e também como produto da sociedade atual que, de acordo com Levisky (2000), não tem proporcionado aos adolescentes modelos de identificação eficazes. Os pais já não conseguem mais estabelecer as regras devido à culpa pelo pouco tempo que dispõem para estar com os filhos. A anulação desses papéis, valores e funções parecem estar se tornando naturais e transformando-se em qualidades culturais. Como consequência, vemos adolescentes confusos, perdidos que encontram na violência uma saída. Assim, a violência tem se transformado em um modelo identificatório como padrão de conduta e de autoafirmação.

O vandalismo, a delinquência, a prostituição, a perda de respeito pelo privado, pelos bens comuns da sociedade, a má qualidade das relações humanas, tornam-se modelos de autoafirmação e de contestação, conseqüentes de um lado à incorporação de objetos caóticos de identificação, e de outro, num grito de desespero, numa tentativa inconsciente de recuperar algo que foi perdido ou não adquirido durante o processo evolutivo, e que, necessita, na adolescência, ser resgatado, senão pela família, através da sociedade (LEVISKY, 2000, p. 21-22).

O discurso é de uma sociedade democrática, mas que na realidade não é. Assim, os adolescentes se veem diante de intensas frustrações que tem como fruto descargas impulsivas. “A meu ver, fruto da ausência simbólica dos pais, ou dito de outra forma, devida a falta de um sistema social efetivo e continente das angústias de seus integrantes” (LEVISKY, 2000, p. 20).

Para que o adolescente tenha um desenvolvimento saudável, é necessário um continente adequado, que seja capaz de criar condições favoráveis para o desenvolvimento de sua personalidade. Se a família ou os cuidadores não conseguem propiciar este espaço, ele pode apresentar impulsividade, pouca tolerância à frustração e também uma tendência ao acting-out (OUTEIRAI, 1998).

Winnicott (1994) pode nos ajudar a compreender como seria esse continente adequado, para o autor as primeiras relações são fundamentais para o desenvolvimento saudável do psiquismo. O ser humano nasce com um potencial para o amadurecimento e para a integração, o que vai garantir essa condição é um ambiente que facilite o desenvolvimento das tendências hereditárias. Assim, a mãe ocupa um papel central na vida do bebê, é o apoio de seu ego que vai organizar o ego do bebê.

De acordo com o referido autor a agressividade é inata, e ele a denomina no início da vida de agressividade primária, fase esta em que a criança vive a fantasia de ter o controle sobre o mundo. No processo de amadurecimento, a agressão primária que até então era vivida na fantasia, passa a ser manifesta de forma concreta nas relações externas tornando-se assim uma realização positiva.

Desse modo, na medida em que o bebê vai amadurecendo a agressividade vai sendo modificada. “A agressão está sempre ligada, desta maneira ao estabelecimento de uma distinção entre o que é eu, e o que é não eu” (p. 98), se o ambiente for suficientemente bom, o bebê terá sua agressividade integrada, ao contrário se o ambiente for ruim, não conseguirá

fazer a integração, caminhando assim para a destrutividade. Portanto, com um ambiente facilitador, a criança conseguirá elaborar o impulso destrutivo que se converterá no desejo de reparar, construir e assumir responsabilidades (WINNICOTT, 1994).

Conforme Winnicott (1999), a tendência antissocial está diretamente ligada a situações de privação, pois a criança no início do processo de desenvolvimento necessita de um ambiente que lhe ofereça um sentimento de segurança, para que assim ela possa testá-lo.

No começo, ela tem necessidade absoluta de viver num círculo de amor e força (com a consequente tolerância), para não sentir um medo excessivo de seus próprios pensamentos e dos produtos de sua imaginação, a fim de progredir em seu desenvolvimento emocional (WINNICOTT, 1994, p. 121).

Portanto, a tendência antissocial caracteriza-se por uma esperança, uma tentativa do indivíduo de voltar à situação anterior ao momento da privação, como uma maneira de se desfazer do medo e da angustia causada pela mesma (WINNICOTT, 1994).

O autor finaliza seu artigo pontuando sobre a importância de se compreender o papel da família, principalmente da mãe na facilitação dos processos de maturação da criança como uma forma de prevenção (WINNICOTT, 1994).

Oliveira, Orlandi, Donnamaria, Zago, Vicentin e Térzis (2011) em seu artigo articulam o conceito de ‘fenômenos transicionais’ de Winnicott com o conceito de ‘O grupo como um sonho’ de Anzieu. Os autores trazem à discussão a teoria de Winnicott a respeito do desenvolvimento da criança, que no período de dependência absoluta, tem uma ilusão de auto-suficiência que lhe é proporcionada pela mãe. À medida que a criança começa a diferenciar o que é eu, do que é não eu, que é um ser separado da mãe, passa por angústias e assim surge o objeto transicional como uma forma de minimizar tais angústias e como responsável pelas trocas entre o mundo interno e o mundo externo.

No que se refere à teoria de Anzieu (1993) “O grupo como um sonho”, os autores comentam que o funcionamento psíquico grupal é semelhante ao individual, desta maneira o funcionamento do grupo então se dá de acordo com as fantasias individuais de seus membros. A vivência grupal é como o sonho e também gera angústia e propicia a regressão. Assim, o grupo gira em torno da ilusão grupal que é a substituição do ideal de eu pelo ideal de grupo e essa ilusão grupal seria o objeto transicional comum ao grupo. Os autores concluem que mesmo sendo teorias diferentes podem oferecer oportunidades de escuta diferenciada acerca

dos fenômenos de grupo, visto que esses conceitos se complementam (OLIVEIRA et al., 2011).

Alfie, Bernath e Casal (1998), através da análise do material clínico de uma família, tentam uma aproximação de questões que parecem estar ligadas ao fenômeno da violência. Em seu estudo discorrem sobre um menino que desde muito cedo apresenta sérias dificuldades em seus vínculos com colegas de escola, não aceita perder, tem dificuldade em lidar com a liderança por parte de outros, morde e insulta os colegas. Já passou por psicólogos, psiquiatras, neurologistas, teve vários diagnósticos e tomou diversos tipos de medicamentos, o que não resolveu o problema. Aos poucos através do trabalho com a família vai percebendo que o menino reproduzia a violência a que era submetido em casa. O pai o insultava e batia, a mãe o chamava de louco, de monstro e dizia que era uma pessoa ruim. Mediante ao tratamento recebido por parte dos pais, sua única saída era responder com violência.

Verzignasse e Terzis (2008), em sua pesquisa com grupo de adolescentes concluíram que o acting-out se manifesta na forma de ações, gestos e falas e se dirige para objetos do mundo interno e externo. Também perceberam que os mecanismos de defesa mais usados são a projeção, negação e clivagem. Desta maneira, os adolescentes não tem consciência de suas ações e colocam sempre no outro a culpa e suas partes ruins.

No decorrer de seu trabalho os autores perceberam pelas falas dos adolescentes a desestruturação familiar, a privação e rejeição na infância. Outra questão evidenciada foi uma situação de bullying onde um aluno foi agredido várias vezes pelo fato de ser o único da sala que falava inglês (VERZIGNASSE e TÉRZIS, 2008).

De acordo com Verzignasse e Terzis (2008), nas primeiras reuniões de grupo as atuações eram frequentes e com o tempo foram diminuindo. No último encontro os participantes demonstraram o interesse em continuar, evidenciando assim que o grupo foi vivido como um objeto bom e metabolizador, capaz de oferecer amparo e segurança que nas palavras dos autores “Assim, compreendemos que os participantes do grupo necessitam de um ambiente externo, um objeto capaz de conter e elaborar suas emoções” (p.110).

Finalizam seu trabalho comentando que sua experiência pode ser utilizada como referência para instituições educacionais, já que os processos psíquicos inconscientes intervêm nas situações grupais e nos vínculos. Assim o grupo pode ser visto como um lugar que proporciona o autoconhecimento e a transformação (VERZIGNASSE e TÉRZIS, 2008).

A pesquisa de Auko e Térzis (2007) com um grupo de mães e crianças apontou que, o grupo foi vivido como um objeto bom, capaz de conter a dor psíquica. Desse modo, os integrantes vivenciaram o espaço grupal como um colo materno que acolhe, dá sustentação e atende as necessidades. No decorrer do trabalho os autores perceberam o uso de organizadores psíquicos mais amadurecidos e mecanismos de defesa menos primitivos.

Os trabalhos citados neste projeto fornecem elementos para reflexão a respeito do papel da família e da sociedade e sua implicação na vida psíquica dos indivíduos. Também lançam um desafio, o de pensar estratégias adequadas de prevenção e intervenção nos ambitos possíveis de serem trabalhados.

Concordamos com as visões das teorias de Psicanálise e Psicanálise-Grupalidade, apresentadas no decorrer deste projeto, assim acreditamos que o *bullying* é uma forma de atuação produzida pelo inconsciente.

## CONCLUSÃO

Concluimos em nosso trabalho que o *bullying* é uma forma de violência produzida por processos mentais inconscientes (intrasubjetividade), nas inter- relações dos grupos (intersubjetividade), se estendendo a níveis de transsubjetividade.

Trata-se de um tema denso e complexo e neste trabalho não temos a pretensão de esgotá-lo. Enfim, só lançamos algumas das principais ideias de alguns autores para tentarmos pensar a respeito desse fenômeno que na atualidade tem sido nomeado *bullying*.

É importante também esclarecer que este trabalho não teve como objetivo culpabilizar a família, escola, professores, sociedade, ou o próprio indivíduo, mas sim compreendê-lo e fornecer elementos para pensarmos o que pode ser feito para diminuir a violência presente em nossa sociedade.

Acreditamos que existem formas, de baixo custo, que podem minimizar a violência nas escolas. Um exemplo é o trabalho com grupos, é importante que o governo desenvolva projetos neste sentido. Trabalhar com grupos é um recurso de prevenção que pode possibilitar ao adolescente um espaço para trazer suas ansiedades, angústias, dificuldades, desejos e

fantasias possibilitando assim a reflexão e elaboração de tais dificuldades.

O modelo coletivo de cuidado a estes adolescentes constitui o elemento organizador das relações sociais. O apoio pode ser caracterizado como ação materna que oferece alimento, calor humano e cultura. Assim as intervenções grupais podem funcionar como potencial de sustentação e contato, oferecendo o apoio grupal tão necessário para o desenvolvimento do adolescente e também oferecer espaços de atendimento psicológico.

Reflexões delineadas acerca dos organizadores psíquicos em grupos de adolescentes a partir de experiências realizadas em centros comunitários mostram que estas instituições são produto de um modelo coletivo de cuidado materno. Sua tarefa se concentra na ação de oferecer atenção, ternura como exercício de sustentação.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALFIE, E. Bernath, B., & Casal, L. (1998) Violência- respuesta violência. In: Latinoamérica Procesos y transformaciones em los vínculos. XIII., 1998, Montevideo. Congresso Latinoamericano de Psicoterapia Analítica de Grupo. Montevideo: Flapag.

ANZIEU, D. (1993). O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal. São Paulo: Casa do Psicólogo.

AUKO, T. R., & Térzis. A. (2007). Experiência com um grupo de crianças e mães em situação de violência intrafamiliar atendidas na brinquedoteca: um estudo psicanalítico. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

BION, W. R. (1961/1975). Experiências com grupos. São Paulo: Edusp.

CALLIGARIS, C. (2009). A adolescência (2ª Ed.) São Paulo: Publifolha.

CAMPOS, H. R., & Jorge, S. D. C. (2010). Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. Brasília, 23(83), 107- 128. Recuperado em 03 de novembro de 2010, de <http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1636/1302>.

CEATS/FIA- Centro de Empreendedorismo e Administração em Terceiro Setor. (2010).

Bullying Escolar no Brasil - Relatório Final–S.P. Recuperado em 13 de novembro de 2010, de [http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Arquivos/pesquisabullying\\_escolar\\_no\\_brasil.pdf](http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Arquivos/pesquisabullying_escolar_no_brasil.pdf).

FANTE, C. (2005). Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. (2ªEd) Campinas, SP: Verus.

FERREIRA, J. M., & Tavares, H. M. (2009). Bullying no ambiente escolar. Revista Católica, Uberlândia, 1(2), 187- 189. Recuperado em 16 de maio de 2011, de <http://pt.scribd.com/doc/60733571/Bullying-Na-Escola>.

FREUD, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In Edição standart brasileira das obras completas de Sigminund Freud (J. Salomão, trad, Vol.4). Rio de Janeiro: Imago.(Trabalho original publicado em 1900).

FREUD, S. (1996). Além do princípio do prazer. In Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad, Vol. 18. pp. 81-154) Rio de Janeiro: Imago.(Trabalho original publicado em 1920).

FREUD, S. (1996). O ego e o id e o outros trabalhos. In Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad, Vol.19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

FREUD, S. (1996). O mal-estar na civilização. In Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad, Vol. 21, pp.67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

FREUD, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad, Vol 18, pp. 81-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).

FREUD, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade . In Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad, Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

GOMES, A. E. G., & Rezende, L. K. (2011). Reflexões sobre bullying na realidade brasileira utilizando a técnica de análise de conteúdo: revisão bibliográfica. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, 11(1), 112-119. Recuperado em 12 de abril de 2012, de

[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Pos-Graduacao/Docs/Cadernos/Volume\\_11/Gomes\\_e\\_Rezende\\_v\\_11\\_n\\_1\\_2011.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Pos-Graduacao/Docs/Cadernos/Volume_11/Gomes_e_Rezende_v_11_n_1_2011.pdf).

KAES, R. (1997). O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica de grupos. São Paulo: Casa do Psicólogo.

KRUG, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, A. J., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). Relatório mundial sobre violência e saúde. Organização Mundial da Saúde Genebra. Recuperado em 30 de julho de 2012, de <http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>.

LAPLANCHE, J., & Pontalis, J. B. (1992). Vocabulário da psicanálise. São Paulo.

LEVISKY, D. L. (2000). Aspectos do processo de identificação do adolescente na sociedade contemporânea e suas relações com a violência. In D. L. Levisky (Org.), Adolescência e violência consequências da realidade brasileira (1ªed). São Paulo: Casa do Psicólogo.

LISBOA, C., Braga, L. L., & Hebert, G. (2009). O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. Contextos Clínicos. 2(1), 59-71. jan./jun. Recuperado em 26 de outubro de 2010, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822009000100007&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822009000100007&script=sci_arttext).

OLIVEIRA, G. P., Orlandi, M. A. B., Donnamaria, C. P., Zago, M. C., Vicentin, A., & Térzis, A. (2011). Reflexões sobre o 'Grupo como um sonho' e a teoria Winnicottiana. Vínculo. São Paulo, 8(2), 16-22. Recuperado em 23 de junho de 2012, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180624902011000200003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180624902011000200003&script=sci_arttext).

OUTEIRAL, O. J. (1998). Violência no corpo e na mente: consequências da realidade brasileira. In: D. L. Levisky (Org.), Adolescência: Pelos caminhos da violência: A psicanálise na prática social. São Paulo: Casa do Psicólogo.

TÉRZIS, A. (2010). Psicanálise aplicada na América Latina: Novos contextos grupais. 1ªed. São Paulo: Via Lettera.

TORO, G. V. R., Neves, A. S., & Rezende, P. C. M. (2010). Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. Psicologia: Teoria e Prática. 12(1), 123-137. Recuperado em 03 de novembro de 2010, de <http://www.redalyc.com/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=193814418011>.

TORTORELLI, M. F. P., Carreiro, L. R. R., & Araújo, M. V. (2010). Correlações entre a

percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo. Universidade Presbiteriana Mackenzie. *Psicologia: Teoria e Prática*. 12.(1), 32-42. Recuperado em 13 de abril de 2012, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872010000100004&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872010000100004&script=sci_arttext).

VERZIGNASSE, V. C. P., & Térzis, A. (2008). *Acting out em um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

WENDT, G. W., Campos, D. M., & Lisboa C. S. M. (2010). *Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os Desafios para a educação contemporânea*. *Cad. psicopedag.* 8(14), 41-52. Recuperado em 10 de março de 2012, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167610492010000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167610492010000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt).

WINNICOTT, D. W. (1967). *A delinquência como um sinal de esperança*. In *Tudo começa em casa*. 3ªEd. São Paulo: Martins Fontes,1999.

WINNICOTT, D. W. (1939). *Agressão e suas raízes*, (1956) *A tendência anti-social*, (1946) *Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil*. In *Privação e Delinquência*. 2ªEd. São Paulo: Martins Fontes,1994.

## PAINÉIS

### CUIDANDO DO FARMACODEPENDENTE

Este trabalho foi realizado em uma Instituição, que acolhe dependentes químicos para tratamento e recuperação por um período de cinco meses. O objetivo geral deste trabalho é criar um espaço de reflexão e apresentar uma experiência de um grupo de farmacodependentes. Este grupo foi composto por 30 pacientes, do sexo masculino, cujas idades variavam de 18 a 50 anos, com uma classe sócio cultural baixa. Após este período de trabalho em intervenção grupal, foram obtidos resultados importantes sobre a realidade subjetiva e social do farmacodependente. O conhecimento obtido com o trabalho possibilitou atrelar a experiência teórica e a prática profissional na área da Psicologia Institucional, abordando um tema polêmico para sociedade, porém complexo sobre a causa psíquica da dependência química, relacionando o uso abusivo dessa substância, e os fenômenos regressivos no grupo de atendimento. Consideramos que o trabalho que estamos apresentando é semelhante aos “grupos de reflexão”, descritos pelo De Larousa (1.979), cujo objetivo principal era sensibilizar os farmacodependentes a cerca de seu próprio funcionamento emocional e suas motivações inconscientes, de modo que podendo compreender melhor a si mesmo. CONCLUÍMOS que a técnica de grupo de reflexão funcionou satisfatoriamente em relação aos objetivos propostos. Verificou como o processo grupal se desenvolveu e estruturou em diferentes momentos. O mesmo estudo mostrou que houve uma evolução e uma compreensão de certos problemas no grupo. Podemos portanto afirmar, com base no desenvolvimento do grupo , no intercâmbio entre individuo e grupo e nas afirmações explícitas dos farmacodependentes do grupo que este foi eficaz em seu papel e objetivo da tarefa.

**Palavras-chave:** dependência, grupo, farmacodependente

Ana Paula da Costa– Especialista em Psicologia Clínica.

Dr.Antônios Terzis – Professor, Orientador Pós-Graduação PUCC e CEFAS

## **VIVENCIANDO A ARTE**

### **OFICINA DE PINTURA EM TELA**

A partir do momento em que o indivíduo se expressa na arte, o contato consigo, explorando seu interior, promove a maior consciência de si e de sua ligação com o todo. Nesse sentido, a arte deve ser trabalhada em sua abrangência, possibilitando a experimentação com múltiplos materiais, abrindo caminho para o contato com a natureza criativa de cada ser. A metodologia acontece através de oficinas de arte – Pintura em tela- Abstracionismo com atividades desenvolvidas em grupos, nos quais a seleção é feita sem pré-requisitos. Os participantes pintam as telas utilizando espátulas, tintas a óleo e acrílica. Observa-se que cada participante ao final do processo encontra características singulares no ato de criar. Nas telas não observamos imagens concretas e definidas, sendo o observador quem interpreta como bem entender a criação de cada um.

**Palavras-chave:** Arte – Oficina – Tela.

Márcia Cristina Quaiatti Antonelli (U E C)

## A VALORIZAÇÃO DA ÉTICA ENTRE GRADUANDOS NA GRANDE CRISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A presente pesquisa investigou a valorização e os significados que a ética obtém de graduandos de diferentes áreas. A problemática desta pesquisa está vinculada com a reflexão que os participantes fazem sobre o tema, se há diferença na forma como lidam com a ética, sua representação social. Foram entrevistados dezenove graduandos de três áreas (biológicas, exatas e humanas), de universidades públicas e privadas, por meio de um roteiro de entrevista. Como resultados, os estudantes consideram a ética como uma postura baseada em regras/valores perante a sociedade, para promover a boa convivência. Não souberam definir os diferentes conceitos entre ética e moral. Consideram que não existe o certo e o errado “absolutos”, e enxergam a ética como algo ausente na sociedade. Mais da metade dos graduandos, responderam que não acham fácil manter uma conduta ética. O individualismo impera e a ética, concorrendo para manter esse quadro e ao mesmo tempo sucumbindo diante dele, é pouco valorizada.

**Palavras-chave:** ética, graduandos, representações sociais.

Débora de Souza Gonçalves, Fábio Jun Sugawara, Isadora de Oliveira Salzane, (UNIP) , Julio César Ipólito Rosa, (UNIP / CEFAS)

## **ADOÇÃO E LITERATURA INFANTIL: A RESSIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA PELA ESTÓRIA**

Através da análise da literatura infantil clássica e moderna pretende-se observar as diferenças presentes com o passar do tempo em relação ao processo adotivo, assim como a compreensão do quanto ambas às literaturas ajudam os pais os adotantes e os filhos adotados na ressignificação de tal processo. As histórias infantis têm o poder de auxiliar as crianças a suportar seus conflitos, provavelmente, o primeiro contato da criança com o mundo da fantasia formalizado numa narrativa. As crianças identificam-se com as personagens uma vez que elas personificam aspectos de seus conflitos interiores. Através de metáforas, as histórias expõem os dramas infantis de forma simbólica, sendo cabível assim, a projeção das fantasias da criança no processo de adoção. Adequados aos objetivos definidos para o presente estudo, foram selecionadas as seguintes produções literárias: “João e Maria”, “O Patinho Feio”, “A Estrelinha Distraída” e “Bebê do Coração”. Histórias que apresentam em comum a temática adoção, desenvolvidas em diferentes momentos histórico-culturais. Observa-se que nas histórias clássicas não há uma preocupação em eufemizar a realidade da vida humana, já na literatura moderna o foco é facilitar o momento e promover o entendimento da criança quanto ao motivo pelo qual a adoção se apresentou em sua trajetória de vida. Os contos infantis, desta maneira, podem servir como instrumento de mediação entre a realidade objetiva e a subjetividade da criança, cabendo aos pais e educadores se atentarem ao conteúdo simbólico implícito presentes para que a identificação necessária para a elaboração do conflito possa acontecer.

**Palavras-chave:** adoção, contos de fada, literatura infantil.

João Paulo Zerbinati, Tamiris da Silva Cantares aluno(a) de Psicologia pela PUCC

Isabel Cristina Dib Bariani. Docente da Faculdade de Psicologia PUCC

## **ARTETERAPIA EM COMUNIDADES: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PROJETO PANU**

O PANU, Programa de Arteterapia na UNICAMP, tem a finalidade de atuar com conceitos e práticas de Arteterapia junto da comunidade interna da Universidade. Observando o cotidiano da Instituição, verificamos um alto índice de quadros leves, intermediários e graves de várias patologias (stress, depressão, uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, etc). Oficinas com técnicas e materiais adequados podem gerar vivências diferenciadas que estimulem a descoberta e o exercício da criatividade que, somada a expressão de sentimentos e pensamentos com escuta assistida, auxiliem no processo de prevenção e tratamento destes casos. As técnicas arteterapêuticas estimulam habilidades para enfrentar conflitos, desenvolver tolerância e autonomia emocional. O grupo, em estágio de estruturação, conta com 6 integrantes atuantes, onde 3 estão em processo de formação em Arteterapia. Realizam-se encontros presenciais semanais e discussões teóricas através da plataforma de ensino a distancia (EAD) TelEduc. Iniciou-se aplicação de oficinas onde o arteterapeuta experimenta se expressar através das Artes, aprofundando-se no auto-conhecimento dinamizado pelas experiências artísticas criativas para além da teoria. O grupo realizou a oficina breve “Ventos de Agosto: sementes no ar” com atividade de produção de mandalas e bijuterias com frutos secos e sementes, aplicada a grupos abertos e de convivência entre gerações. Depoimentos dos participantes registram a descoberta do potencial criativo, encantamento com o material produzido e desejo de atuar como multiplicador da experiência vivenciada em suas comunidades, demonstração clara que a atividade artística retirou o individuo da zona de conforto e mobilizou recursos internos de pró atividade.

**Palavras-chave:** arteterapia, comunidades, criatividade.

Martins, Sandra S.; Elizabeth A. P. S.; Márcia C. Q. Antonelli (CEFAS)

## **CAPITALISMO, PUBLICIDADE E SUBJETIVIDADE**

O capitalismo e a competição entre os pares é a mola-mestre da constituição da sociedade do “ter para ser”, gerando cidadãos com uma aparente auto-suficiência em relação aos que os cercam. As campanhas publicitárias associam a compra dos produtos à mitigação das fontes de sofrimento e incertezas da vida. Para exemplificar, pode-se citar a infinidade de produtos e serviços que visam retardar os efeitos da velhice. Recorrendo às idéias de Freud: “Em todas as atividades voltadas para a busca de um padrão de beleza, há sempre um apelo psicológico que diz respeito às carências humanas, às fontes de sofrimento humanas estruturais concernentes aos sentimentos de impotência diante da natureza, da decrepitude do corpo e do outro”. A linguagem publicitária é marcada pela distância que mantém da castração e assim torna-se muito sedutora. Expressão do capitalismo, ela insere e explora a competitividade entre os indivíduos com um discurso que promove e enaltece o narcisismo de cada um, que é da natureza do ser humano, como diz Freud: “O ego infantil se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou”.

Palavras como “maior”, “melhor”, “destaque”, “especial”, “único” e “sucesso” são onipresentes no discurso publicitário. Os produtos tornaram-se uma extensão do próprio ego. O ser humano, assim como em toda sua História, continua desejando se sentir especial. Talvez como nunca.

**Palavras-chave:** capitalismo, narcisismo, contemporaneidade

## **CIDADANIA E A PRÁTICA PROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL**

Segundo Medeiros & Guimarães (2002), no Brasil, a cidadania adquiriu visibilidade social no período varguista, ao se criarem as leis trabalhistas, que estabeleceram desde então uma condição desigual do direito a ela. Nesse período, existia a cidadania regulada, cujo conceito se encontra inserido num sistema de estratificação ocupacional, sendo que eram considerados cidadãos apenas aqueles sujeitos que tinham sua ocupação regulamentada e definida por lei. Assim, estabeleceu-se uma cidadania hierarquizada, onde o Estado tinha a função de discriminar os cidadãos em primeira, segunda e terceira classe. Aqueles sujeitos que não eram considerados cidadãos a partir dessa premissa, tinham seus direitos de acesso à assistência sanitária suficiente e adequada negados, sendo demarcados por acentuada incidência e prevalência de doenças mentais. Nos anos de 1976 e 1977, foram feitos movimentos para a luta de direitos e ampliação da cidadania. A partir da Constituição de 1989, todo sujeito passou a ter o direito de exercer seu papel de cidadão na sociedade. Em abril de 2001, foi aprovada a lei Paulo Delgado, tendo seu projeto desenvolvido em 1989, com a proposta de resgatar a cidadania do doente mental no Brasil (ALESSI & OLIVEIRA, 2005).

**OBJETIVOS** - Garantir os direitos de cidadania para os doentes mentais;- Garantir o direito de receber assistência adequada e de participação da sociedade;- Oferecer novas formas de atendimento e prestação de serviços perante às novas formas de exclusão social.

**MÉTODO** - O trabalho está sendo desenvolvido com pacientes psiquiátricos, em serviços de saúde mental da cidade de Campinas, por estagiárias do décimo semestre de Psicologia da (PUCC) **DISCUSSÃO** - O movimento de Reforma Psiquiátrica no Brasil tem como objetivo a desinstitucionalização subsidiada pela Luta Antimanicomial (ALESSI e OLIVEIRA, 2005). Portanto, para garantir a cidadania dos pacientes psiquiátricos, faz-se necessário o processo de inserção social, por meio de atividades artísticas e/ou laborais, reinventando a vida em seus aspectos mais cotidianos; além de garantir a atenção psicossocial (RAUTER, 2000). Os Centros de Atenção Psicossocial têm o objetivo de oferecer atendimento psicológico à população, auxiliar na reinserção social dos usuários através do acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. Os Centros de Convivência têm o objetivo de propiciar convivência, qualidade de vida e inserção social através de atividades de saúde, cultura, educação e lazer, e buscam promover cidadania e a troca de saberes entre as pessoas (RAUTER, 2000). Tais Centros auxiliam na garantia da

cidadania para os doentes mentais. **CONCLUSÃO** A cidadania é um conceito complexo, uma vez que a cidadania plena, que combina liberdade, participação e igualdade, está relacionada a um ideal inatingível. Apesar disso, todos os sujeitos têm direito de serem cidadãos, inclusive os portadores de transtorno mental, que antigamente eram excluídos da sociedade e privados de opinar e pertencer à sociedade (ALESSI e OLIVEIRA, 2005). Portanto, é de suma importância as atividades desenvolvidas pelos serviços de saúde mental, visando à quebra de estigmas e propiciando uma vida digna e participativa dos doentes mentais na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALESSI, N. P. & OLIVEIRA, A. G. B. Cidadania: instrumento e finalidade do processo de trabalho na reforma psiquiátrica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1):191-203, 2005.
- MEDEIROS, S. M. & GUIMARÃES, J. Cidadania e saúde mental no Brasil: contribuição ao debate. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(3): 571-579, 2002.
- RAUTER, C. Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: AMARANTO, P. *Ensaio: Subjetividade, Saúde Mental, Sociedade*. Rio de Janeiro, 2000.

Carolina Garcia; Gabriela Campagnone; Maria Júlia Vieira; Nathália Vilela; alunas de Psicologia(PUC )

Cristiane Valli Docente da Faculdade de Psicologia (PUC)

## **CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: MANIFESTAÇÃO SINDRÔMICA E COMPREENSÃO PSICODINÂMICA**

No Brasil o abuso sexual contra crianças e adolescentes é uma das violências que mais chama a atenção. Os adolescentes abusados tornam-se grupos de risco e podem apresentar diversos sintomas e transtornos psicopatológicos. Na visão psicanalítica, a representação simbólica do abuso e as respostas dissociativas do funcionamento psíquico formam a base para o entendimento das reações frente às experiências traumáticas. As lembranças traumáticas estão associadas às fantasias sexuais infantis agressivas e associa-se também a dificuldades graves nas relações primárias, a vivências ansiogênicas e a um funcionamento psíquico desorganizado. Como consequência pode ocorrer falhas estruturais importantes no aparelho psíquico. Este estudo foi elaborado a partir de uma prática de psicopatologia desenvolvida no contexto de uma clínica-escola de Psicologia de uma Universidade particular. Foram realizadas leituras de prontuários de casos clínicos de adolescentes que apresentaram queixas diversas. A partir da leitura foram elaborados diários de campo contendo narrativa, questionamento e diálogo com a teoria. Foi delimitado o objetivo específico a partir de um dos prontuários selecionado para ser analisado as consequências do abuso sexual na adolescência. No caso analisado a adolescente sofria abuso por parte do pai dos onze aos dezesseis anos de idade. Apresentou sintomas depressivos, dificuldades na escola, culpa, medo e ambivalência em relação ao pai. Neste caso, considerou-se que a adolescência foi uma fase que se desenvolveu de maneira complexa em função do abuso sexual, como uma vivência traumática que incrementou as angústias inerentes à adolescência e com a apresentação de diversos sintomas que indicavam riscos para seu processo de amadurecimento e dinâmica intrapsíquica.

Palavras-chave: abuso sexual, adolescência, psicanálise.

Camila Lourençon, Camila Thaís de Souza, Letícia Pequeno, Mariana Feldman, Mariana Ibarra, Marina Maria, Priscila Figueiredo, Vanessa Bambrila, Grazielly Germano dos Santos alunas de Psicologia (PUCC)

Profa Dra Marly A. Fernandes, Psicóloga Clínica, Mestrado e Doutorado pela PUCC

## CONSTITUIÇÃO DE SI MESMO E MANIFESTAÇÕES PSICOSSOMÁTICAS NA CRIANÇA: UM OLHAR WINNICOTTIANO

Segundo Winnicott para a pessoa integrar psique ao soma e assim se constituir como eu diferenciado, é necessário que haja um ambiente facilitador. A forma como a mãe segura e cuida do seu bebê, faz com que a criança perceba seu corpo como instrumento de experiências e vivências do ego e com isso consiga estabelecer a fronteira entre a realidade interna e a externa, entre o eu e o outro. O transtorno psicossomático acontece quando o ego é enfraquecido, prejudicando o sentido de existência pessoal e de unidade psique-soma. Não é a existência do sintoma em si que caracteriza o transtorno mas, a dissociação psique-soma. Este estudo teve o objetivo de analisar a constituição de si mesmo e as manifestações psicossomáticas na criança à luz da teoria Winnicottiana através da leitura de prontuários do arquivo permanente de uma Clínica Escola de Psicologia de uma Universidade particular. A partir da leitura dos prontuários de crianças que apresentaram queixas somáticas, foram elaborados diários de campo contendo narrativa, questionamento e diálogo com a teoria. Em dois casos a hipótese foi de transtorno psicossomático caracterizados pela dissociação psique-soma decorrente de falhas na fase inicial de dependência absoluta. No caso em que existiu um ambiente facilitador para a integração do si mesmo a manifestação psicossomática aparece como sintoma de um transtorno reacional a uma situação atual. Embora o diagnóstico não seja o mesmo, nos casos estudados as manifestações somáticas aparecem como forma de expressão de sofrimento psíquico. Consideramos assim, a importância de uma avaliação interdisciplinar e de um acompanhamento psicológico.

**Palavras chave:** Constituição de si mesmo; Manifestações Psicossomática; Criança.

Isabel Abreu, Fernanda Souza, Vivian Pekny , Isabel Abreu, Fernanda Souza, Vivian Pekny,  
João Paulo Zerbinati,alunos (a) Psicologia PUCC

Prof. Dra Marly A. Fernandes. Psicóloga Clínica. Mestrado e Doutorado pela PUCC

## **DIVERSAS MANIFESTAÇÕES DE ANSIEDADE NA CRIANÇA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA**

Na visão psicanalítica a ansiedade é um conceito importante e cada autor a descreve a partir de seus pressupostos. Freud desenvolveu duas teorias acerca da ansiedade. Na mais recente, postulou que a ansiedade é a causa do recalque, que é um processo inconsciente que está relacionada com a divisão psíquica. Para Klein a ansiedade é um sinal de perigo proveniente da pulsão de morte que gera o medo de aniquilamento. Dividiu a ansiedade em paranóide e depressiva, em referência a cada uma das posições que descreveu. Winnicott refere que existem ansiedades que surgem como consequência de falhas no momento de cuidar do bebê, um cuidado que não foi suficientemente bom e que não atendeu as necessidades, condição necessária para que este atinja a integração e se torne um indivíduo. O objetivo deste estudo foi analisar e discutir as diversas manifestações de ansiedade na criança a partir da visão psicanalítica. Foram realizadas leituras de prontuários do arquivo permanente de uma clínica escola de Psicologia de casos clínicos de crianças com queixas de ansiedade. Dois casos estudados apresentaram a ansiedade se manifestando em inibição intelectual, um dos casos a ansiedade estava relacionada ao sobrepeso e bullying no contexto escolar e o outro a criança apresenta medo de tudo e dependência excessiva da mãe caracterizando uma ansiedade de separação. Consideramos que a ansiedade é um tema complexo pois a diversidade está presente tanto nas várias formas de manifestação clínica em cada caso, como nas diferentes explicações teóricas apresentadas pelos autores pesquisados.

Palavras-chave: Ansiedade. Psicanálise. Infância.

Gabriela Freitas Gigliotti, Júlia Delfino Ferreira, Marcela Spinardi Cintra, Marina Miranda Azarite, Renato Birali Calió, Grazielly Germano dos Santos Grazielly Germano dos Santos alunas de Psicologia da (PUCC)

Dra Marly A. Fernandes -Psicóloga clínica, Mestrado e Doutorado (PUCC)

## **FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS E MANIFESTAÇÕES DE AGRESSIVIDADE EM CRIANÇAS**

Na atualidade a família é caracterizada por redefinições de papéis, hierarquia e sociabilidade, permitindo diferentes configurações centradas nos laços de afeto em detrimento da exigência de consanguinidade. Existem novas configurações pós-moderna que conseguiram lugar dentro dos paradigmas culturais como os casais homoafetivos, famílias monoparentais, lares solitários, família mosaico e outras. A atitude do ambiente com relação a agressividade da criança é um fator que influencia o modo como este irá lidar com a tendência agressiva que faz parte da natureza humana. Sendo assim, durante o desenvolvimento da criança podem ocorrer falhas conscientes e inconscientes, tanto da família quanto do ambiente, gerando agressividade, que podem se tornar patologias mais graves como transtorno de conduta e Psicopatia. Este estudo teve o objetivo de analisar e discutir as diversas configurações familiares e manifestações de agressividade da criança a partir do referencial Winnicottiano. Foram feitas leituras de prontuários do arquivo permanente de uma clínica escola de Psicologia de casos clínicos de crianças que apresentaram queixas relacionadas a manifestações de agressividade. Outros sintomas apresentados pelas crianças foram roubo, mentira, bruxismo e enurese que indicaram necessidades não supridas, ruptura nos vínculos e um dos casos com hipótese de transtorno de conduta. Em todos os casos estudados foram observados rupturas significativas nos vínculos familiares ocorridos por falecimento, adoção, separação e abandono, caracterizando configurações monoparentais, mosaico e adotiva. Considera-se que embora no mundo contemporâneo o modelo tradicional de família tenha se transformado, independente da sua composição, esta base continua sendo importante para um desenvolvimento saudável tanto físico como emocional da criança.

Palavras chave: família contemporânea, agressividade, criança

Carolina A. Pogi; Gabriela G. Guiraldelli; Letícia M. F. P. de Souza e Nathália T. Neves Maria Eduarda Amaral, Beatriz Canesin, alunas de Psicologia da (PUCC)

Profa Dra Marly A. Fernandes Psicóloga Clínica. Mestrado e Doutorado pela (PUCC).

## **HISTÓRIAS COMO MEDIAÇÃO: POSSIBILIDADES E LIMITES**

Neste pôster, pretende-se apresentar a “contação de histórias” de maneira interdisciplinar, mediadora na interação entre psicanalistas e crianças e adolescentes em sessões de terapia. É proposta a aproximação de tal conteúdo para os psicanalistas, envolvendo as características e implicâncias do ato de contar histórias. Para isso, é apresentada a importância de literaturas selecionadas e adequadas, fotos e imagens de infância, como também elementos das linguagens artísticas e da corporeidade. A idéia deste trabalho surgiu a partir de pesquisa do curso de Mestrado (Faculdade de Educação – Unicamp) em andamento.

Maria Isabel Alves Ramos aluna do(CEFAS/UNICAMP)

## **O BEM-ESTAR E MAL-ESTAR NA CULTURA: UM DIAGNÓSTICO DO CINEMA, TEATRO, TELEVISÃO, ARTES, INFORMÁTICA, LITERATURA, GRUPOS, PROPAGANDA E SAÚDE MENTAL**

O impacto do trabalho na saúde mental do indivíduo e de seu grupo familiar: reflexões psicanalíticas acerca das relações entre economia solidária, tecnologia social e saúde mental. Pode-se refletir que um dos maiores fatores desencadeantes de sofrimento psíquico é o trabalho, pois ele está diretamente relacionado à capacidade do indivíduo produzir seu sentido de existência e configurar novas relações, já que contribui para a estruturação da personalidade e da identidade. A partir de uma revisão de literatura, entende-se que os resultados das relações de trabalho ou da ausência deste (desemprego) interferem também na saúde mental do grupo familiar, sendo esta a primeira rede social disponível ao indivíduo. Para realizar esta discussão, será utilizada como referencial teórico de análise das relações grupais, a teoria psicanalítica. O modo de organização de trabalho analisado será o da economia solidária, pois ela possibilita ao indivíduo construir sentidos que levam à reorganização de suas atividades enquanto ser humano, bem como pelo seu contexto histórico, já que surgiu como uma alternativa ao desemprego, que cresceu em decorrência do grande avanço tecnológico ocorrido durante o desenvolvimento capitalista no século XX, que levou também a uma maior exploração dos trabalhadores e ao processo de precarização das relações de trabalho. Torna-se importante analisar as tecnologias, denominadas “tecnologias sociais”, que envolvem os empreendimentos econômico-solidários, para entender suas contribuições em busca da superação desse quadro. Como resultado, espera-se incentivar a realização de pesquisas nessa área, pelo entendimento de sua importância, já que a saúde mental de um indivíduo interfere nas relações de seu grupo familiar, bem como pela necessidade de que a produção científico-tecnológica volte-se para o bem-estar social.

Palavras-Chave: Economia Solidária. Saúde Mental. Tecnologia Social.

Letícia Dal Picolo Dal Secco- Psicóloga Social; aluna do CEFAS

Dr.Maria Lúcia Teixeira Machado– Professora do Departamento de Enfermagem da (UFSC)

## **O BULLYING COMO FENÔMENO PSÍQUICO PRODUZIDO NO GRUPO**

A Organização Mundial da Saúde – OMS, alerta que a violência é um problema de saúde pública crescente no mundo, que pode causar vários prejuízos para o desenvolvimento psicológico e social dos indivíduos (OMS, 2002). Neste contexto surge o bullying como um novo conceito que passa a ser considerado no campo de estudos da Psicologia. Trata-se de um tema complexo que deve ser tratado com seriedade pela escola, família e sociedade (Ferreira & Tavares, 2009). O presente trabalho teve como objetivos, elaborar uma pesquisa bibliográfica sobre o tema bullying, compreender este fenômeno que está contido nos movimentos das relações inter, intra e transsubjetivas, nos grupos em que o jovem está inserido. Discutir o fenômeno bullying nas teorias de Psicanálise e Psicanálise - Grupalidade e pensar novas estratégias de prevenção e intervenção. Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica de base psicanalítica, utilizamos textos científicos nacionais e internacionais dos últimos cinco anos e as teorias de Psicanálise e Psicanálise-Grupalidade para desenvolver este estudo. A técnica utilizada no projeto foi a leitura, discussão e compreensão psicanalítica dos textos selecionados. Os resultados apontaram que o bullying é uma forma de violência produzida por processos mentais inconscientes (intrasubjetividade), nas inter- relações dos grupos (intersubjetividade), se estendendo a níveis de transsubjetividade. Portanto, o trabalho com grupos tem se mostrado um recurso positivo de prevenção e intervenção.

**Palavras-chave:** bullying; grupos; psicanálise

Antonios Térzis Professor, orientador PUCCAMP-Pós-Graduação. Doutor em Psicologia.  
Renata Fernandes Pimenta aluna do curso de Psicologia PUCC.

## PSICOTERAPIA: DENTRO DOS ENQUADRES

O presente trabalho tem por objetivo pensar a inclusão dos pais paralelamente ao atendimento psicológico do filho em uma clínica-escola e as condições de uma situação psicoterápica de abordagem psicanalítica. Indicamos assim, no atendimento, quatro elementos constitutivos fundamentais: as regras do setting (horário, frequência, espaço); as formações dos fenômenos de transferências; a constituição de um discurso associativo pela técnica da associação livre; o lugar e a função do psicólogo, que se estende da interpretação e pontuações ao co-pensar com os pais. Tais aspectos permitem especificar a natureza da realidade psíquica que se constitui, qualifica as modalidades e as formas do trabalho psicológico que durante o atendimento melhor se efetuam. Winnicott contribui com o conceito de setting, demonstrando o conjunto de todos os detalhes de organização do dispositivo psicanalítico de tratamento. Enquanto Bleger propõe uma concepção original denominada “enquadre”, que seria o lugar em que se produzem os fenômenos psíquicos mais primitivos e diferenciados da personalidade durante o atendimento psicoterápico. O enquadre corresponde às irregularidades que se apresentam: horário; mudança no espaço; dificuldade de transporte; tentativa de prolongar ou mudar o horário da sessão; etc. Não sendo somente um conjunto de elementos espaciais, temporais ou materiais que sustentam a psicoterapia. O que se envolve são as funções que cumprem, principalmente, a de delegar as angústias e as representações simbólicas, uma série de invariantes dentro das quais o processo terapêutico pode ter lugar. Finalmente, é necessário cada vez mais criar e fortalecer um enquadre (setting) especial para os responsáveis de crianças atendidas

**Palavras-chave:** setting; enquadre; psicoterapia.

Tamiris da Silva Cantares, Maura Pizani Smarieri alunas de psicologia pela PUCCAMP  
Dr. Antonios Terzis. Docente e Supervisor em Psicologia PUCCAMP

## **CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE AO ENTENDIMENTO DA APRENDIZAGEM**

Objetivos: Refletir sobre as contribuições da teoria psicodinâmica ao entendimento da aprendizagem e de seus distúrbios. Pretendeu-se investigar como se dá a construção do conhecimento, a concepção de sujeito e suas implicações no aprender. Método: Levantamento bibliográfico e análise com base na teoria psicanalítica. Resultados: O texto descreve como se dá a concepção do sujeito, os conceitos de estágio do espelho, complexo de Édipo, teoria da sexualidade infantil, sublimação, desejo de saber, transferência, contratransferência e destino das investigações sexuais, na tentativa de compreender o que é e como se dá o processo de aprendizagem. Também inclui uma reflexão sobre psicanálise e educação. Conclusão: Embora Freud não tenha feito sequer uma referência ao termo aprendizagem, foi possível extrair conteúdo e/ou material suficiente de suas obras e de seus seguidores para atingir os objetivos deste trabalho. Tratar das contribuições da psicanálise ao estudo da aprendizagem e de seus distúrbios exigiu um trabalho árduo de construção.

**Palavras-chave:** psicanálise, educação, aprendizagem.

Helena Diez Castilho

## **EXPERIÊNCIA VIVENCIADA PELOS PAIS POR OCASIÃO DO NASCIMENTO DE UM FILHO COM DEFORMIDADE CRANIOFACIAL: UM OLHAR PSICANALÍTICO**

Objetivo: Refletir sobre os conflitos psíquicos que emergem nos pais de crianças que nascem com deformidades. Método: Levantamento bibliográfico e análise com base na teoria psicanalítica. Resultados: A experiência de ter um filho dá vazão a conteúdos inconscientes nos pais, que oidealizam desde a gravidez. Freud utilizou o conceito de narcisismo para descrever este fenômeno. Quando nasce um malformado, a fantasiados pais recebe duro golpe, determinando uma crise na qual ocorre a suspensão do investimento libidinal. Isso exige uma reestruturação do vínculo objetal. Ao olharem para o filho, não se identificam com ele, pelo contrário, ocorre um estranhamento que causa frustração e dor. Os pais lançam mão de mecanismos de defesa, tais como a negação e a recusa da realidade, para buscar a redução da ansiedade e a solução dos conflitos. Esse processo inclui choque, negação, raiva, tristeza, ansiedade e sentimento de culpa, que pode ser seguido por uma adaptação gradual e reorganização psíquica. Eles terão que passar pelo teste de realidade e por meio de comparações irão se deparar com semelhanças e diferenças entre o filho idealizado e o real, possibilitando a (re) construção de uma nova representação psíquica. É grande o sofrimento diante da constatação de que o bebê real possui uma anomalia. Dessa dor deriva o luto ou a melancolia. Conclusão: Frente ao nascimento de um filho malformado, os pais têm que se reestruturar para substituir o filho idealizado pelo real. O entendimento desse processo psíquico pode ajudar aos profissionais que lidam com essas famílias.

**Palavras-chave:** malformação congênita, psicanálise, representação psíquica

Helena Diez Castilho

## VIVÊNCIA DE LUTO NORMAL E PATOLÓGICO NA ADOLESCÊNCIA

A construção da identidade é tarefa central na adolescência, somam-se a isso a necessidade de elaboração de perdas enfrentadas nesta fase, como as perdas do corpo infantil, dos pais da infância e da identidade e do papel infantil. O adolescente manifesta o luto como resposta à quebra de um vínculo afetivo. O vínculo tem um valor de sobrevivência e sua perda é percebida como desamparo, podendo desencadear uma forte ansiedade de separação ou até pânico. O confronto com a morte na adolescência pode esgotar as limitadas estruturas defensivas inerentes a essa fase de desenvolvimento, precipitando respostas radicais. A identificação do luto patológico tem como referência a ativação, proibição, prorrogação ou ampliação de respostas comuns encontradas no processo de luto. Este estudo teve o objetivo de analisar e discutir o processo de luto normal e patológico na adolescência a partir da leitura de prontuários de casos clínicos de adolescentes do arquivo permanente de uma clínica escola de Psicologia de uma Universidade particular. A partir da leitura foram elaborados diários de campo contendo narrativa, questionamento e diálogo com a teoria, ponto de partida para a discussão e análise de um caso clínico de um adolescente cujo pai havia falecido. Neste caso, a quebra no vínculo em função da morte real do progenitor incrementou os conflitos inerentes a elaboração dos lutos normais desta fase, favorecendo o prolongamento de um luto patológico e a manifestação de sofrimento interferindo em vários aspectos de sua vida afetivo-emocional, familiar e social, evidenciando a necessidade de uma intervenção psicoterapêutica.

**Palavras chaves:** Adolescência; Luto normal; Luto Patológico.

Aline Domingues, Bruna Mesquita, Júlia Cerasoli, Sandino Santiago, Vera Alice, João Paulo Zerbinati alunos(a) Psicologia da (PUCC)

Prof Dra Marly A. Fernandes Mestrado e Doutorado pela (PUCC)